JOAQUIM GERVÁSIO DE FIGUEIREDO 33.º

DICIONÁRIO DE MAÇONARIA

seus mistérios
seus ritos
sua filosofia
sua história

EDITORA PENSAMENTO

Obras protegidas por direitos de autor

ÍNDICE

Obras protegidas por direitos de autor

PREFÁCIO

Este Dicionário é fruto de quase meio século de modesta militância no campo maçônico, e de longas lucubrações e pesquisas em torno desse tema. É que sempre sentimos na Maçonaria algo mais importante do que uma simples continuação tradicional dos chamados grêmios operativos medievais, e muito menos uma associação utilitarista de "clubes para entretenimentos sociais, políticos e comerciais", como alguns a têm tachado. Bem ao contrário, sempre sentimos na verdadeira Maçonaria uma testemunha muito antiga de organizações culturais, morais, filosóficas e espirituais, cujas raízes remontam a civilizações pré-históricas, que pompearam gloriosas num passado tão longínquo que hoje se nos afiguram brumas caóticas.

Algo semelhante ocorre com as grandes e milenares religiões: quanto mais se aprofundam suas pesquisas, tanto mais esplendem as suas doutrinas fundamentais e brilham as suas fontes originais. Daí o paralelismo que se evidencia entre as linhas mestras das religiões e as da Ordem maçônica, e mesmo identidade de suas origens e finalidades. No entanto, no tocante à idade cronológica, há uma nítida diferença entre as religiões e a Maçonaria: é que, se às primeiras é possível determinar-se a época e até o dia de seu nascimento, o mesmo não acontece com a segunda. Quanto mais se investiga a origem da tradição maçônica, tanto mais ela recua no tempo e se perde nas dobras dos séculos, pois há profundas pegadas suas em países antiquíssimos como a Índia, Egito, Pérsia, Assíria, Babilônia, Grécia, Itália, México, etc. Evidentemente ali não teve a mesma denominação, uma porque as línguas foram outras, e outra porque, ao longo dos séculos, ela adotou diferentes denominações, ou para adaptar-se ao espírito da época e de seu povo, ou para escapar às perseguições fanáticas de que foi vítima. O próprio vocábulo *maçon*, "pedreiro", é relativamente recente, pois data do antigo francês medieval, e foi adotado para despistar as perseguições da Inquisição e de seus comparsas.

Para testemunhar a antiguidade da tradição maçônica, permita-se-nos citar aqui apenas dois dos investigadores mais recentes.

Obras protegidas por direitos de autor

O primeiro foi Sir Arthur Evans, que descobriu, em 1900, em Creta, as ruinas do palácio do legendário rei Minos, um dos gregos pelasgos perdidos nos tempos pré-históricos. No interior desse palácio Evans encontrou muitos símbolos, posições, emblemas e alegorias nitidamente maçônicos (Leadbeater, *Pequena História da Maçonaria,* págs. 68-72 *et seq.,* Ed. *Pensamento*). O outro pesquisador, o famoso jornalista e escritor Paul Brunton, em seu livro recente, *O Egito Secreto,* relata o que descobriu no Egito, especialmente em suas pirâmides e nos fabulosos templos de Abidos, Karnak, Denderah (que tanta admiração causou a Napoleão Bonaparte). Sobre o que viu em Abidos declarou o autor: "O polido trono cúbico (de Osiris) indicava o domínio da natureza animal do homem. Seus ângulos retos mostravam que os iniciados devem sempre comportar-se *com retidão,* donde vem a frase na Franco-maçonaria, *pela conduta reta.* A Franco-maçonaria possui a tradição ancestral mais antiga do que o supõem os próprios Maçons ... Abidos, a primeira sede da religião de Osíris, foi também a primeira Grande Loja dos ritos secretos daquela religião; isto é, dos Mistérios, os progenitores da primitiva Franco-maçonaria." E mais adiante: "... ainda hoje os Maçons conservam alguns restos dessas antigas instituições (dos Mistérios), cujas raízes remontam ao Egito. Os membros da Maçonaria mencionam Pitágoras como um exemplo desta antiga instituição — sabem eles que Pitágoras foi iniciado no Egito? Os que instituíram os graus na Maçonaria adotaram vários dos símbolos significativos dos Mistérios egípcios." Em outro trecho comenta o mesmo autor:

"Eu creio com Plutarco, que diz: "Não há deuses diferentes nos diferentes povos, quer sejam bárbaros, pois mesmo o sol, a lua, o céu, a terra e o mar, que são propriedades comuns de todos os homens, são designados de modo diverso nos diferentes paises." (*op. cit.,* 2.ª ed., pp. 151, 153, 154 e 175; Ed. *Pensamento.*)

Entre os modernos autores maçônicos, o erudito Irmão Jules Boucher chega a dizer:

"Coloca-se, em certas Lojas, a Bíblia aberta na primeira página do Evangelho de S. João, freqüentemente considerado o "Evangelho do Espírito". Sabe-se que, segundo certos autores, São Pedro simbolizaria a igreja "exterior" e São João a igreja "interior". Também se tem querido ver no vocábulo de São João utilizado pela Maçonaria a prova evidente de sua ligação à *Gnose,* considerada como a doutrina secreta e interior da Igreja." (*La Simbolique Maçonnique,* p. 84.)

Obras protegidas por direitos de autor

A propósito, cabe também aduzir que as festividades solsticiais (ou dos dois São João), tradicionalmente celebradas no Cristianismo e na Maçonaria, como, igualmente, as equinociais da primavera e outono, provêm de eras pré-cristãs, sendo encontradas nos antiquíssimos cultos egípcios, gregos, latinos, judaicos, etc. Mais um testemunho de que todos esses cultos são ramificações diversas de um tronco comum, a atestar a sua unidade fundamental.

Em suma, encontramo-nos no ocaso do século vinte, em que as ciências e a cultura geral galgaram altíssimo nível e âmbito mundial. Acham-se amplamente democratizadas e popularizadas, e abrangem vidas, concepções e classes sociais, políticas e religiosas completamente diversas das que imperavam, por exemplo, há três séculos atrás. Tão prodigioso progresso não atingiu ainda o seu apogeu; não se pode prever até onde irá, e nenhuma força poderá detê-lo em sua ascensão, para felicidade do homem. Portanto, não se pode mais permanecer raciocinando impenitentemente nos estreitos padrões mentais dominantes no século dezessete, quando se tornou mais agudo o sentimento da necessidade da transformação da Maçonaria operativa em especulativa, para adaptá-la ao espírito da época. E apesar dos recalcitrantes, tal transformação se concretizou em Londres a 24 de junho de 1717, quando os idealistas reformadores não podiam ainda contar com os recursos culturais hoje postos à nossa disposição, e que a nenhum Maçom autêntico é lícito ignorar nem recusar.

Ademais, nossa Real Ordem não é um simples relicário guardando e perpetuando tradições e lendas mortas do passado. É antes um organismo palpitante de vida, esperanças e ideais para o presente e para o futuro; por isso ali tudo tem um significado, uma filosofia e uma história. Sua missão precípua é servir o Grande Arquiteto do Universo, para uns, e à Humanidade, para outros, porém de qualquer modo *servir*. O Grande Arquiteto tem um Plano para o Seu Universo; esse Plano se chama *Evolução,* e por isso dizia Salomão, um dos patronos lendários da Ordem: "A Sabedoria Divina dirige suave e poderosamente todas as coisas." Assim, se a Real Ordem foi gloriosa no passado nebuloso, sê-lo-á muito mais no futuro radioso, que já se aproxima.

Tais são as diretrizes que nortearam a feitura deste léxico. Longe de estar perfeito, esperamos, no entanto, que seja útil a todos os Maçons e que eles possam também melhorá-lo com suas sugestões, encaminhando-as à Editora *Pensamento*.

JOAQUIM GERVÁSIO DE FIGUEIREDO

Obras protegidas por direitos de autor

ABREVIATURAS E SINAIS USADOS NESTE LIVRO

a. C.	antes de Cristo
ár.	árabe
arâm.	arâmico
A. L.	Anno Lucis
Apoc.	Apocalipse
cald.	caldeu
Cân.	Cântico
Cf.	Confronte-se
Cop.	Copto
Crôn.	Crônicas
C. W. L.	Charles Webster Leadbeater, 33.º
der.	derivação de
dim.	diminutivo
d. C.	depois de Cristo
D. S.	*La Doctrina Secreta* de H. P. Blavatsky, Editorial Glem, Buenos Aires, 1946
D. S. B.	Idem, edição brasileira, Ed. Pensamento
eg.	egípcio
esc.	escandinavo
Ezeq.	Ezequiel
fem.	feminino
fr.	francês
Gên.	Gênese
gn.	gnóstico
gr.	grego
heb.	hebreu
H. L.	*Hinner Life* (Vida Interna de C. W. L.)
H. P. B.	Helena Petrowna Blavatsky
ing.	inglês
isl.	islandês
lat.	latino

Obras protegidas por direitos de autor

mit.	mitologia.
pers.	persa.
pl.	plural.
pp.	páginas.
pr.	procedente de.
pron.	pronuncia-se.
prov.	provavelmente.
q. v.	*quov vide* (lat.) "que veja-se" = "veja-se esta palavra" q.v.c.
S. D.	*The Secret Doctrina* de H. P. B., ed. The Theosophical Publishing House, Londres, 1893.
V.	Veja-se.
Verb.	Verbete.
W. W. W.	W. W. Wescott, secretário geral da Sociedade de Rosa-Cruz e autoridade em Cabala, muito citada por H.P.B.
—	Substitui, nas frases, a palavra a que se aplica.
=	igual a.
+	mais.

Obras protegidas por direitos de autor

A

A. *1* — Primeira letra do alfabeto maçônico, indicada por um ângulo reto, à pág. 16. *2* — Seguida de três pontos indicando os vértices de um triângulo eqüilátero (A. ·.), é a abreviatura de *Arquiteto*. *3* — No Rito Escocês Antigo e Aceito, constitui a jóia do grau 24.º e usa-se pendente do colar da *Ordem*. *4* — Na jóia do grau 12.º do Rito de Mênfis, figura no centro de um triângulo e é inicial da palavra sagrada *Adonai*. *5* — No grau 40.º do Rito de Misraim, aparece entre outras letras no quadro da *chave maçônica* e é inicial da palavra sagrada *Abendago*. *6* — No triângulo bordado na abeta do avental usado no grau 8.º do Rito Escocês Antigo e Aceito (*Intendentes dos Edifícios*) e no mesmo grau do Rito de Mênfis (*Mestre de Israel*), figuram as letras B. A. J., em que A. é inicial de *Achar* (pron. *akar*). *7* — Na manga do machado tomado por jóia dos *Cavaleiros Real Machado* e dos *Cavaleiros Príncipes do Líbano*, tem o A. três significados diferentes: *Abda, Adoniram* e *Ananias*. (Ver A. ·. A. ·. C. ·. D. ·. X. ·. Z. ·. A. ·.) *8* — Tanto na banda como em ambos os lados da jóia dos *Grandes Pontífices* ou *Sublimes Escoceses*, chamados da *Jerusalém Celeste*, vem bordado um A em cima da letra grega *omega*, significando, respectivamente, o *princípio* e o *fim*, ou Deus em linguagem simbólica. *9* — No chapéu dos Cavaleiros Kadosh, grau 30.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, brilha um sol entre as letras N e A, iniciais de *Nekam* e *Adonai*, palavras sagradas desse grau. *10* — Na jóia dos *Perfeitos Arquitetos*, grau 28.º do Rito de Misraim, aparecem enlaçadas as letras A e J no centro do círculo inscrito no triângulo de ouro, como iniciais das palavras sagradas, correspondendo A a *Adonai*. Idêntico significado representa esta letra entre as doze iniciais constantes do triplo triângulo que se vê no simbolismo deste grau. *11* — Ao redor do talar que vestem as *Mestras egípcias*, grau 3.º da Maçonaria de Adoção de Cagliostro, figuram as sete letras iniciais dos anjos que presidem os sete planetas; o primeiro

Obras protegidas por direitos de autor

A corresponde a *Anael,* que preside o Sol, e o último a *Anochiel,* que preside Saturno. (Ver A.·. M.·. R.·. G.·. V.·. Z.·. A.·.) *12* — No acampamento idealizado pelo rei da Prússia, Frederico II, cuja explicação corresponde ao grau 32.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, a letra A representa a tenda chamada *Zorobabel,* verde-clara, dos *Cavaleiros do Oriente* ou da *Espada.*

A.·. A.·. C.·. D.·. X.·. Z.·. A.·. Letras gravadas no cabo do machado de ouro, que é a jóia do grau 2.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. São as iniciais dos nomes Abda, Adoniram, Ciro, Dario, Xerxes, Zorobabel e Ananias.

AARÃO (heb.), "Iluminado". Irmão mais velho de Moisés, da tribo de Levi, é o primeiro iniciado do legislador hebreu, e como tal, figura à testa da linha ou hierarquia dos iniciados *Nabim* ou videntes, tendo morrido sobre o monte Hor. Foi declarado e sagrado Sumo Pontífice, funções que ficaram vinculadas à sua família. Seu nome, personalidade e funções aparecem nos Ritos e tradições da Maçonaria, dado que esta tomou grande parte de seus símbolos da história do povo israelita.

AARONITAS. São os descendentes de Aarão (*I Crôn. 27:17*).

AB. Denominação do undécimo mês maçônico, tirado do calendário hebreu.

ÁBACO, derivado do fenício *abak*: terra, pó. *1* — Entre os antigos era uma tabuinha quadrada, sobre a qual se traçavam planos, figuras, bem como caracteres para ensinar a ler às crianças. Alguns maçons supõem, por isso, derivar daí a sua *prancha de traçar.* *2* — Bastão de mando que usava o Grão-Mestre dos Templários.

ABADDON. *1* — Nome hebreu dado ao Anjo do Abismo, ou Anjo do Inferno, que em grego se denomina *Apollyon* (*Apocalipse 9:11*). *2* — Palavra dada como senha geral no grau 17.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, e no mesmo grau do Rito de Mênfis. *3* — É também palavra sagrada nesse mesmo grau, em ambos os Ritos e do grau 47.º do Rito de Mênfis. (Cf. *Appolyon.*)

ABANDONO. Antes de ser introduzido na câmara de reflexões, o aspirante às provas de iniciação tem de se desprender de todas as jóias, armas, metais, dinheiro e qualquer outro objeto de valor que leve consigo. Entrega-os, por isso, ao irmão Terrível, o Preparador; este, por sua vez, os leva ao Venerável, que os deposita sobre o Trono, à vista de todos os membros da Loja. Simboliza esse ato o

Obras protegidas por direitos de autor

abandono ou o desprendimento que deve caracterizar o filósofo e o maçom, já que estes só devem ter por aspiração o seu próprio aperfeiçoamento. Conseguem-no abandonando todos os prazeres e paixões e não se preocupando com os bens terrenos, que são, na maioria das vezes, a causa de qualquer valor ou metal, por descuido ou não do candidato, durante a cerimônia maçônica, invalida a Iniciação, sendo necessário repeti-la desde o começo, em dia que for designado.

ABARIM, heb., pl. de *ébher* ou *eber*, "aquele que atravessou". Palavra sagrada dos graus 33.º e 34.º do Rito de Mênfis, cujos membros são chamados *Sublimes Cavaleiros Escolhidos*. (Cf. *Gabarim; Num.* 27:12).

ABATER COLUNAS. Suspender os trabalhos ativos; fechar ou dissolver temporária ou definitivamente uma Loja. (Cf. *Reatar os Trabalhos*).

ABDA. Um dos nomes indicados pelas iniciais contidas no cabo do machado de ouro, símbolo do grau 22.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. (Cf. *I Reis* 4:6).

ABDAMON ou ABDOM. Personagem bíblico, representado no grau 14.º do Rito Escocês Antigo e Aceito pelo oitavo oficial da Loja, o *Grande Orador*, que se coloca ao Sul, próximo ao altar dos perfumes.

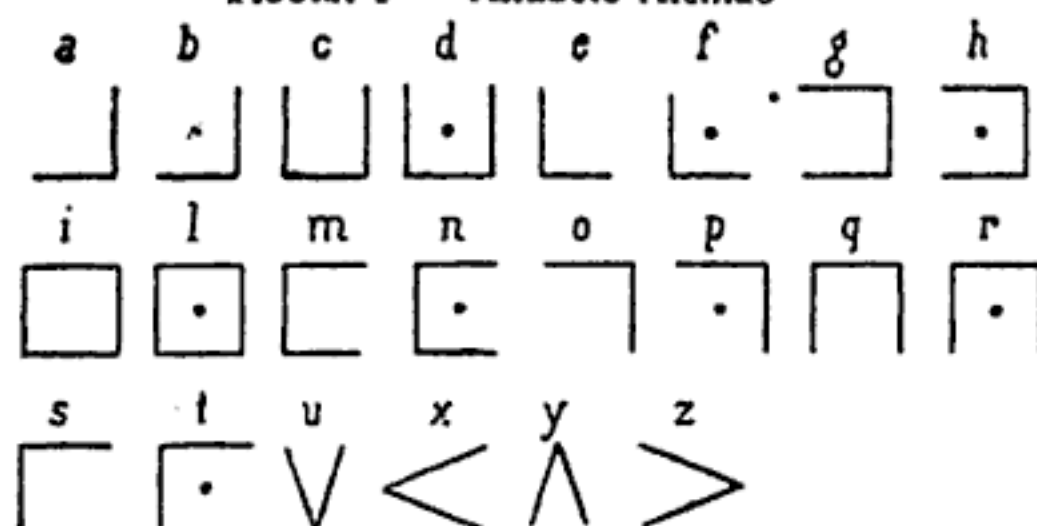
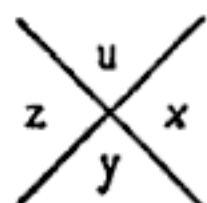
ABECEDÁRIO. Ordem ou série de letras, cifras hieróglifos e outros sinais convencionais empregados na escrita maçônica. (V. página 16). (Cf. Nove).

ABEL (heb.), "passageiro" ou "sopro". *1* — Segundo filho de Adão, morto por Caim (*Gên.* 4:1-16). *2* — Figura em alguns Ritos maçônicos como símbolo de bondade e inocência, ao passo que seu irmão assassino representa a inveja e a maldade. (Cf. *Caim*).

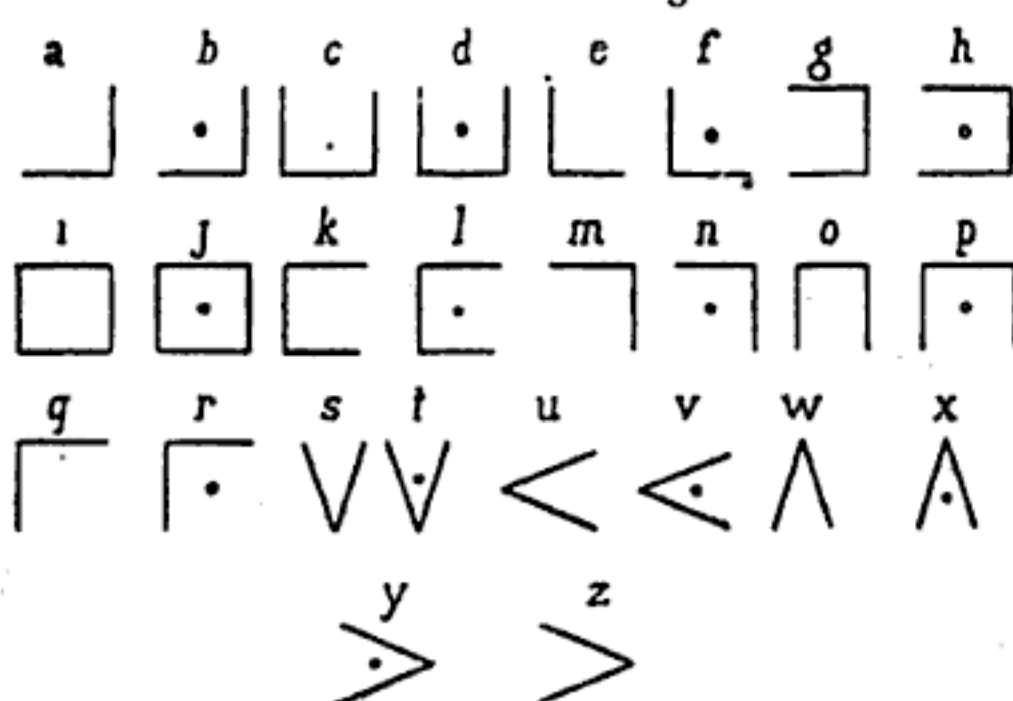
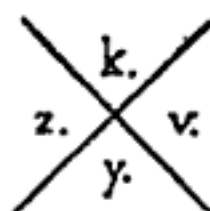
ABENDAGO. Palavra sagrada do grau 40.º do Rito de Misraim, ali representada pela letra A do quadro da chave maçônica.

ABERDEEN. Povoação da Escócia, para a qual, em 1361, foi transferida a residência de Pedro de Aumont, Grão-Mestre da Ordem denominada Estrita Observância, que chegou a constituir um ramo da Franco-maçonaria. (V. *Estrita Observância*).

ABERTURA. A cerimônia inicial dos trabalhos das Lojas, de acordo com os seus rituais.

ABIBAAL (heb.). *1* — Palavra de passe dos Eleitos dos Nove, grau 4.º do Rito Moderno Francês. *2* — Nome atribuído

Obras protegidas por direitos de autor

Alfabetos e chaves maçônicos

Obras protegidas por direitos de autor

ao pai de Hiram, rei de Tiro, e a um dos supostos assassinos de Hiram Abiff, donde o seu significado *Patrem destruens: que destrói o pai.* *3* — Também se escreve *Abibalc, Abibalg* e *Abibalang,* que não passam de corrutelas do nome original. (Cf. *Abibalag; Abiram.*)

ABIBALAG ou ABIBALA (heb.), "destruidor do pai". *1* — Nome suposto de um dos assassinos de Hiram Abiff. *2* — Palavra de passe dos Eleitos do Nove, grau 4.º do Rito Moderno Francês. (Cf. *Abibaal.*)

ABIEGNUS MONS (lat.), "*Monte Abiegno*" ou de "*Abeto*". Um nome místico. Os documentos rosa-cruzes aparecem freqüentemente expedidos de certa montanha com este nome, Tem conexão com os Montes Meru, Mariah, Olimpo, Sião ou Herman, Sinai e outros montes sagrados, que antigamente eram lugares de iniciações, revelações e cultos. (Cf. *Ararat; Sinai*).

ABINADAB (heb.), "pai da nobreza". Um dos 12 Mestres Eleitos, ou seja, dos 12 Príncipes de Ameth, nomeados pelo rei Salomão, segundo a lenda, governadores de Israel e chefes das tribos. Representa-o uma das luzes que iluminam o capítulo do grau 11.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

ABIRAM (heb.), "pai das alturas" ou "alguém que se eleva". *1* — Um rubenita que conspirou contra Moisés (*Núm. 16:1*). *2* — Segundo a lenda do grau de Mestre 3.º, foi um dos assassinos de Hiram Abiff. *3* — É a palavra sagrada do grau 6.º da Maçonaria Adoniramita, e palavra de passe do grau 10.º da mesma. *4* — No Rito de Misraim é palavra de passe do grau 13.º. *5* — No Rito Moderno ou Francês, é o personagem que no grau 4.º recebe o nome de Abibalah. Alguns Rituais consignam *Abi-Ramah.* (Cf. *Vilões*).

ABI RAMAH (heb.), "o que abate o pai". Na antiga iniciação egípcia, era o nome de um dos maus companheiros. (Cf. *Abibaal; Abiram.*)

ABISUS. Palavra que se profere com outras duas, no grau 17.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, ao fazer-se o sinal geral.

ABLUÇÃO. Do latim *abluere*: lavar, limpar. Cerimônia por que passa o *recipiendário,* no decurso de sua iniciação, para ensinar-lhe que a limpeza do corpo físico é uma das condições prévias para a pureza da alma. No consenso geral, a ablução tem sido considerada uma cerimônia de purificação, porém a Maçonaria adota a remotíssima tradição hindu de que têm de ornar o coração humano. (Cf. *I.·. N.·. R.·. I.·.; Nome Inefável; Pedra de Fundação; Real Arco,* Maçonaria do.)

Obras protegidas por direitos de autor

ABÓBADA. *1* — Parte da arquitetura que figura muitas vezes nas construções e cerimônias da Franco-maçonaria. Recorda muitos dos edifícios da antiguidade, e sobretudo, o Templo erigido pelo rei Salomão. *2* — No grau 14.º do Rito Escocês constitui a verdadeira representação da Loja; em muitas outras de suas cerimônias imita-se a Abóbada por meio de diversas atitudes e vários atributos inerentes a cada grau.

ABÓBADA CELESTE. Forro simbólico da Loja para representar o caráter de sua universalidade. (Cf. *Céu*).

ABÓBADA DE AÇO. É formada pelos irmãos, colocados em duas ou quatro fileiras, armados de espadas cruzadas no alto, a fim de que, por baixo destas e por entre eles, passem certos visitantes e autoridades.

ABÓBADA ESTRELADA ou ABÓBADA DO TEMPLO. Imagem do céu ou da imensidade. (Cf. *Abóbada Celeste*).

ABÓBADA SAGRADA ou SECRETA. *1* — Nome dado à Loja ou só à parte dela, em certas ocasiões, na liturgia de vários graus. *2* — *Cavaleiro da Abóbada Sagrada.* Grau 14.º da série simbólica do Rito de Mênfis.

ABÓBADA SUBTERRANEA. *1* — Segundo uma lenda do Rito Escocês Antigo e Aceito, é uma câmara secreta que Salomão mandou construir sob o recinto do Templo de Jerusalém, para custodiar em lugar seguro o precioso Delta de ouro, que Hiram Abiff, ao ser assassinado, levava pendente de seu pescoço e atirou dentro de um poço para impedir caísse em poder dos seus assassinos. Essa jóia, depois de muito lamentada a sua perda, foi descoberta por uma feliz casualidade; o citado monarca depositou-a nesse santuário e nomeou uma guarda permanente, composta de Mestres selecionados, para velá-la constantemente. Figura em muitos graus de vários Ritos e sistemas, baseados nessa lenda, e com denominações e finalides diferentes. *2* — Segundo uma interpretação mística do Cavaleiro da Rosa-Gruz grau 18.º de Heredom, essa abóbada é uma denominação simbólica do coração humano, o santuário da Vida, em cujo interior se oculta a Centelha Divina (o Divino Tetragrammaton), que cabe ao preparado candidato procurar diligentemente até descobri-la e fazê-la iluminar as trevas do mundo. A lenda anterior alegoriza este fato universal, e os Mestres ali escolhidos personificam as virtudes que têm de ornar o coração humano. (Cf. *I.·. N.·. R.·. I.·.*; *Nome Inefável; Pedra de Fundação; Real Arco,* Maçonaria do.)

Obras protegidas por direitos de autor

ABOLLA. Na antiga Grécia era o nome de um manto de uma só peça de tecido, que se colocava dobrada, presa com um broche caindo do peito. Em algumas Lojas maçônicas, os Irmãos se envolvem nestas *abollas,* na iniciação de profanos e na recepção de grau de Mestre e outros. (Cf. *Balandrau*).

ABRA ou ABRAC, "rei sem mancha". Nos Ritos Escocês e de Mênfis, é a resposta que se dá à palavra sagrada do grau 28.º. Também se escreve erroneamente *Abbraak* e *Albra.*

ABRAÇO FRATERNAL. É uma demonstração de boa acolhida, dada pelos maçons nos diferentes graus. Faz também parte da última cerimônia da iniciação, e consiste em o Venerável abraçar três vezes o recipiendário, dando-lhe o nome de Irmão. Dado de certa maneira e acompanhado de determinados sinais e palavras, representa uma das formas de mútuo reconhecimento dos maçons de certos Ritos e graus.

ABRAHÃO. *1* — Em hebreu significa *Pai de grande multidão.* *2* — Na maioria dos Ritos da Franco-maçonaria, e especialmente no de Iorque e no Escocês Antigo e Aceito, grande número dos símbolos empregados objetiva recordar e venerar a aliança feita por Deus com os homens na pessoa de Abrahão. *3* — No grau 3.º da Adoção, a Franco-maçonaria feminina usa símbolos para recordar o sacrifício ordenado pelo Senhor ao marido de Sara. No painel que se coloca na Loja para a cerimônia de recepção da Companheira, figura entre outras pinturas um arco-íris, e debaixo deste, a figura de Abrahão com a espada levantada em atitude de imolar seu filho. Segundo o catecismo do grau de Mestra, este símbolo recorda que todo bom franco-maçom deve sacrificar o que mais estima no altar da virtude e da verdade. *4* — No grau 18.º do Rito Escocês Antigo e Aceito e em todos os demais Ritos, ao basear a sua liturgia na propagação das três virtudes teologais, exalta-se como exemplo de *Fé* o holocausto de Isaac, submissamente feito por Abrahão. *5* — No Rito de Misraim aparece Abrahão como um dos Patriarcas Grandes Conservadores da Ordem.

ABRAXAS ou ABRASAN, (gn.). *1* — Palavra mística que se tem feito remontar até Basílides, o pitagórico de Alexandria (ano 90 d. C.). Este filósofo a empregava como um nome da Divindade, a suprema das Sete, e como dotada de 365 virtudes. *2* — Pedras gravadas, usadas como símbolos religiosos e amuletos de algumas seitas do século II, no Oriente. Geralmente eram gemas representando o corpo humano com cabeça de galo, um dos braços com um escudo e o outro com um látego.

Obras protegidas por direitos de autor

ABREVIATURAS. Constituem uma forma especial de escrita, com a qual, nos documentos da Franco-maçonaria, se grafam algumas palavras ou títulos de uso ali corrente. Aos que lêem ou escrevem documentos da Ordem, será útil a lista abaixo:

A. ·. D. ·. — *Anno Domini* (No Ano do Senhor ou da Era Cristã).

A. ·. Dep. ·. — *Anno Depositiones* (No Ano da renúncia ou abdicação do poder).

A. ·. F. ·. and A. ·. M. ·. — *Ancient Free and Accepeted Mason* (Franco-maçom Antigo e Aceito).

A. ·. I. ·. — *Anno Inventionis* (No ano das invenções).

A. ·. L. ·. — *Anno Lucis* (No ano da Luz).

Ao Oc. ·. — Ao Ocidente.

A. ·. G. ·. D. ·. G. ·. A. ·. D. ·. U. ·. — A glória do Grande Arquiteto do Universo.

Ao Or. ·. — Ao Oriente.

A. ·. M. ·. — *Anno Mundi* (No ano do mundo).

An. ·. — Anjo.

A. ·. Or. ·. — *Anno Ordinis* (No ano da Ordem).

Ap. ·. ou Apr. ·. — Aprendiz.

A. ·. Y. ·. M. ·. — *Ancient York Masons* (Antigos Maçons de Iorque).

B. ·. — *Bruder* em alemão ou *Brother* em inglês (Irmão).

B'n. ·. Brn. ·. BBr. ·. Brr. ·. — Plural de *Bruder* ou *Brother*.

C. ·. — Companheiro; Compasso.

C. ·. D. ·. T. ·. O. ·. V. ·. MM. ·. — Chefe de todos os verdadeiros Maçons.

Cav. ·. — Cavaleiro.

C. ·. G. ·. — Capitão de Guardas ou da Guarda.

D. ·. — Diácono.

D. ·. D. ·. G. ·. M. ·. — *District Deputy Grand Master* (Grande Mestre Deputado do Distrito).

D. ·. G. ·. M. ·. P. ·. — Deputado Grande Mestre Provincial.

E. ·. A. ·. — *Entered Apprendice* (Aprendiz, em inglês).

E. ·. C. ·. — Excelente Companheiro.

E. ·. G. ·. C. ·. — Eminente Grande Comandante.

F. ·. C. ·. — Companheiro, em inglês.

F. ·. A. ·. M. ·. — *Free and Accepted Mason* (Maçom Livre e Aceito, em inglês).

G. ·. A. ·. — Grande Arquivista.

Obras protegidas por direitos de autor

G. ∴ C. ∴ — Grão-Copto, ou Conde Cagliostro.
G. ∴ Cap. ∴ — Grão-Capelão.
G. ∴ D. ∴ — Grão-Diácono.
G. ∴ D. ∴ C. ∴ — Grande Diretor de Cerimônias.
G. ∴ E. ∴ T. ∴ — Guarda Externo do Templo.
G. ∴ I. ∴ T. ∴ — Guarda Interno do Templo.
G. ∴ L. ∴ — Grande Loja.
G. ∴ M. ∴ — Grão-Mestre.
G. ∴ M. ∴ C. ∴ — Grande Mestre de Cerimônias.
G. ∴ O. ∴ — Grande Oriente ou Grande Organista.
G. ∴ P. ∴ — Grande Precursor.
G. ∴ S. ∴ — Grande Secretário.
G. ∴ T. ∴ — Grande Tesoureiro.
H. ∴ A. ∴ B. ∴ — Hiram Abiff.
I. ∴ P. ∴ M. ∴ — *Imediate Past Master*, em inglês.
J. ∴ — Juramento.
L. ∴ Loja.
M. ∴ — Mestre.
Maç. ∴ — Maçom ou Maçonaria.
M. ∴ C. ∴ — *Middle Chamber* (Câmara do Meio ou do 2.º Grau); ou Mestre de Cerimônias.
M. ∴ D. ∴ S. ∴ — Mestre da Sabedoria.
M. ∴ M. ∴ — Mestre Maçom.
MM. ∴ ou MMaç. ∴ — Maçons.
M. ∴ R. ∴ — Mui Respeitável.
M. ∴ V. ∴ M. ∴ — Mui Venerável Mestre.
Or. ∴ ou O. ∴ — Oriente ou orador.
P. ∴ D. ∴ — Primeiro Diácono.
P. ∴ G. ∴ M. ∴ — *Past Grand Master* (Ex-Grão-Mestre).
Pro G. ∴ M. ∴ — *Pro Grand Master* (Vice-Grão-Mestre).
P. ∴ P. ∴ G. ∴ M. ∴ — *Past Provincial Grand Master*.
P. ∴ V. ∴ — Primeiro Vigilante.
R. ∴ C. ∴ — Rosa-cruz.
R. ∴ L. ∴ — Respeitável Loja.
R. ∴ M. ∴ — Respeitável Mestre.
R. ∴ W. ∴ M. ∴ — *Right Worshipful Master* (Mui Venerável Mestre).
S. ∴ D. ∴ — Segundo Diácono.
S. ∴ V. ∴ — Segundo Vigilante.
V. ∴ L. ∴ — Venerável Loja.
V. ∴ M. ∴ — Venerável Mestre.

Obras protegidas por direitos de autor

ACÁCIA. *1* — Árvore de muitas espécies, disseminada no Egito, Arábia e Palestina, que provia os hebreus da sagrada e aromática madeira *Shittim* ou *Sitim* (*Êxodo* 30:24 e *Ese.* 27:22), muito empregada na construção do tabernáculo e seus acessórios. *2* — Planta consagrada nas cerimônias, graus e espírito da Franco-maçonaria, como símbolo da inocência, iniciação e imortalidade da alma. *3* — Na lenda do 3.º grau, o ramo de acácia indica o lugar onde os três companheiros homicidas haviam ocultado o corpo do Mestre Hiram Abiff, por eles assassinado no Templo de Salomão. *4* — É a palavra de passe do grau 5.º dos Ritos Escocês Antigo e Aceito, e de Mênfis.

ACÁCIA ME É CONHECIDA, A. Frase maçônica que significa que quem a profere tem o último grau iniciático do simbolismo maçônico, isto é, o de Mestre (3.º).

ACÁCIA, *Ramo da.* Símbolo de imortalidade nos emblemas maçônicos. É também dada como recompensa de assiduidade.

ACADEMIA DOS VERDADEIROS MAÇONS. Pertence ao Rito de Pernety. Um Venerável da Loja-Mater do Condado de Venassin (Inglaterra) a instituiu em Montpeller no ano de 1787.

ACADEMIA ESCOCESA. Denominação designativa do grau 34.º do Rito de Mênfis.

ACADEMIA MAÇÔNICA DE LETRAS. Sociedade civil literária de Maçons, de âmbito nacional, constituída sobre bases democráticas, com a finalidade de incentivar a cultura e letras maçônicas. Sua sede provisória é no Rio de Janeiro, GB, onde foi fundada em 21 de abril de 1972 e instalada em 24 de junho do mesmo ano, em solenidade presidida pelo ilustre Presidente da Academia Brasileira de Letras, o Acadêmico Austregésilo de Athayde. Consta a Academia de quarenta membros vitalícios e de número ilimitado de membros correspondentes, tanto no país como no estrangeiro, dos mais ilustres e destacados nas letras e atividades maçônicas, sendo seu presidente fundador o culto general Morivalde Calvet Fagundes. Não faz nenhuma distinção discriminatória entre Maçons e Ritos maçônicos, mas franquia seus portais a todos os Irmãos (e deduzimos também Irmãs) maçônicos animados de sadio idealismo e desejosos de enriquecê-la com a sua leal cooperação.

ACADEMIA RUSSO-SUECA. Título adotado pela Academia dos Verdadeiros Maçons.

ACAMPAMENTO. *1* — Denominação de algumas disposições do local em que os irmãos de certos graus elevados realizam

Obras protegidas por direitos de autor

suas reuniões. *2* — Na Franco-maçonaria é o ideado por Frederico II da Prússia, ao reorganizar a Ordem em que se baseia o grau 32.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

ACANTO. Planta, de cujas folhas se adornam os capitéis de duas colunas laterais, colocadas no pórtico da parte ocidental das Lojas maçônicas.

ACEITO. Equivale a admitido, iniciado ou adepto, na Franco-maçonaria. Ao Rito Escocês se aplica a palavra *Aceito* pela razão seguinte: Em 1739 vários irmãos recalcitrantes separaram-se da Grande Loja de Londres; uniram-se aos remanescentes de algumas corporações de pedreiros construtores, e formaram uma Grande Loja, sob a constituição da grande corporação de Obreiros de Iorque. Depois, os dissidentes aplicaram à Grande Loja da Inglaterra o título de Rito Moderno e adotaram para si o de *Grande Loja do Regime Escocês Antigo.* Tendo posteriormente conseguido seu reconhecimento pelas Grandes Lojas da Escócia e da Irlanda, acrescentaram ao seu título *e Aceito.* Daí a origem da denominação "Rito Escocês Antigo *e Aceito*".

ACHA. Arma antiga, do feitio de uma machada. (Ver *Machado.*)

ACHAR (heb.). Os deuses sobre os quais Jeová é o Deus (segundo os judeus). Pronuncia-se acompanhada do sinal de admiração, que faz parte da liturgia do grau 8.º dos Ritos Escocês e de Mênfis. (Cf. *B.·. A.·. J.·.*)

ACHIRAB. Também grafado *Hachirab.* Veja-se o correto, que é *Achitob.*

ACHITOB, do hebreu *Ahitub,* "irmão da bondade". *1* — Pai de Ahimelech, sumo-sacerdote de Saul (*I. Sam.* 22:12) e provavelmente de Zadoc, sumo-sacerdote de Salomão (*I. Crô.* 18:16). *2* — Palavra sagrada da Mestra Perfeita grau 14.º da Maçonaria de Adoção, em lugar de *Sigé.* (Ver *esta pal.*)

ACHIZAR. Grão-Mestre da Câmara do rei Salomão. Segundo a lenda do grau 10.º do Rito Escocês, o rei lhe ordenou que encerrasse na torre que leva a sua denominação, os dois assassinos de Hiram Abiff, chamados Jubella Gibs e Jubello Grabelot.

ACLAMAÇÃO. *1* — Palavras ou frases que os membros de determinadas Lojas pronunciam em voz alta, acompanhadas de baterias, gestos ou sinais, variáveis segundo os graus dos diferentes Ritos, sendo as mais em voga: I — *Liberdade,*

Obras protegidas por direitos de autor

Igualdade, Fraternidade, que começaram a ser usadas no fim do século dezoito, e também servem de divisa ou lema. Tanto no Rito Escocês como no Francês as pronunciam com o braço direito estendido horizontalmente para a frente, depois de soada a bateria de abertura dos trabalhos. II — *Huzza! Huzza! Huzza!* É uma velha aclamação escocesa, com o significado de *Viva o rei!* Corresponde ao moderno Hurra! Essa palavra talvez tenha se originado do hebreu *Oza,* "força". III — *Vivat, Vivat, Semper Vivat.* Uma aclamação que foi muito tempo usada nas Lojas francesas, antes da adoção da fórmula "Liberté, Égalité, Fraternité". *2* — Processo público e unânime de eleição, quando se dispensa a votação por escrutínio secreto.

AÇO. Símbolo de fortaleza em diversos graus. (Cf. *Abóbada de aço*).

A COBERTO. Frase maçônica indicativa de que um Irmão nada deve à Oficina a que pertence. (Ver *Estar a Coberto.*)

ACOLADA. Cerimônia derivada, segundo alguns autores, da antiga Ordem da Cavalaria, e que tem lugar na admissão, recepção e constituição de um novo maçom da Ordem, ou em sua elevação a um grau superior. Consiste em três golpes dados com a espada em ambos os ombros e na cabeça do recipiendário, seguidos, depois, de um triplo abraço e do ósculo de paz com que se saúdam os Irmãos maçons. O ósculo da paz remonta aos primitivos cristãos, pois todas as epístolas de São Paulo terminavam com esta fórmula: *Salutate invicem in osculo sancto* (Saudai-vos uns aos outros com um santo ósculo), porém caiu praticamente em desuso como costume propriamente maçônico. (Cf. *Ósculo*).

ACROMÁTICO. Qualificação com que se distinguem os tratados de matérias sublimes e ocultas.

ACTA LATOMORUM (lat.). Título de uma das mais importantes obras publicadas sobre a história, leis e práticas da Franco-maçonaria, e em que muitos escritores maçônicos têm baseado as suas produções. Foi editada por Thorry em 1815.

ADAGA. Arma branca, mais larga e maior que o punhal, que em algumas Lojas simbólicas é utilizada pelo Cobridor Interno, particularmente nas cerimônias de Iniciação, em lugar da espada. (Cf. *Espada.*)

ADÃO. *1* — Nome que no *Gênese,* Cap. I, significa "o primeiro varão-fêmea", ou andrógino, e na *Cabala,* "o único engen-

Obras protegidas por direitos de autor

drado", e "terra vermelha", e nessa acepção tem sido introduzido na Maçonaria. *2* — No grau 28.º do Rito Escocês é o Presidente do Conselho dos Cavaleiros do Sol, representando o pai de todos os homens.

ADAR (heb.), "Deus do Fogo". *1* — No calendário judaico é o duodécimo mês do ano eclesiástico que se inicia em março, no Equinócio da Primavera, e o sexto ano civil que se inicia em setembro, no Equinócio do Outono. O mês de Adar marca a época de algumas cerimônias de vários Ritos. *2* — Palavra sagrada do grau de Príncipe de Jerusalém, grau 16.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

A.·. Dep.·. Abreviatura de *Anno Depositations,* usada nos documentos em que se emprega o cálculo que os maçons ingleses denominam *year of the Deposit* (ano do Depósito).

ADEPTO DA ÁGUIA E DO SOL. Título do grau 13.º do Rito Escocês Filosófico da Loja-Mãe Escocesa de Marselha, fundada em 1750, com 18 graus.

ADEPTO DA LOJA-MÃE. Título do grau 6.º do Rito Filosófico da Loja-Mãe Escocesa de Marselha.

ADEPTO ROSA-CRUZ. É o grau 19.º da Universidade, também denominado *Irmão da Rosa-Cruz.*

ADEPTO DO ORIENTE. Título do grau 4.º da Ordem dos Templários.

ADEPTO PERFEITO DO PELICANO, ou *Postulante da Ordem.* Título do grau 6.º da Ordem dos Templários.

ADEPTUS EXEMPTUS. Título do grau 7.º dos Irmãos da Rosa-Cruz.

ADEPTUS JUNIOR. Título do grau 5.º dos Irmãos da Rosa-Cruz.

ADEPTUS MAJOR. Título do grau 6.º dos Irmãos da Rosa-Cruz.

ADINGTON. Dignitário cuja assinatura aparece como Grande Chanceler na coleção de Regras, Balaústres e Estatutos da Alta Maçonaria, recopilados em Bordéus em 1762.

ADJUNTO. Sub-oficial da Loja, eleito para substituir o titular efetivo, em caso de sua falta ou ausência temporária. Em quase todos os Ritos, os oficiais que têm adjuntos são o Orador, o Secretário, o Tesoureiro, o Experto, o Arquiteto e o Hospitaleiro ou Esmoler. O Experto pode ter até cinco *Adjuntos* para exercer as funções de Cobridor, Preparador, Terrível e Sacrificador. O *Adjunto* do Arquiteto tem a seu cargo as funções de Bibliotecário.

Obras protegidas por direitos de autor

ADMINISTRAÇÃO. É o poder atribuído legalmente aos corpos da Maçonaria para fazer cumprir os Ritos, Regulamentos e práticas da Ordem. Segundo as diversas esferas e jurisdições, esse poder compete aos Conselhos, Capítulos e demais corpos chamados superiores, bem como às Lojas. Pode subdividir-se em: *Administração Política*, que corresponde à autoridade suprema da potência maçônica de um país ou estado; *Administração Judiciária*, pertencente às Oficinas de que faça parte o irmão cuja conduta deva ser submetida a julgamento; *Administração Litúrgica*, que trata das cerimônias e ritos das oficinas; *Administração Econômica*, relacionada com a gerência dos fundos.

ADMIRAÇÃO. Ação acompanhada de gestos e sinais, praticada em diversos graus da Ordem no sentido de testemunhar admiração.

ADMISSÃO. Ato de acolher ou aprovar uma proposição nas deliberações, ou de aceitar um candidato nos quadros da Ordem. Às Lojas exclusivamente cabe decidir quanto à admissão de determinada pessoa em seu quadro, embora isso dependa também da aquiescência de sua autoridade superior. A decisão é geralmente tomada por escrutínio secreto. (Cf. *Aprovação; Aprovação, Sinal de; Aviso; Candidato; Iniciação; Profano; Proponente; Proposição, 2; Voz de Boa Referência.*)

ADMOESTAÇÃO. Ligeira penalidade ou corretivo que uma Loja pode aplicar a seus membros, por faltas leves. Geralmente a aplica o Venerável. Se tem lugar em plenos trabalhos, faz-se colocar, antes, o infrator entre colunas. Se acompanhada de alguma multa, o produto desta reverterá em benefício da caixa assistencial da Loja.

ADOÇÃO. Cerimônia, também impropriamente chamada batismo, pela qual uma Loja maçônica adota solenemente os *Lowtons*, filhos de membros do quadro, ou um ancião. No primeiro caso, cabe-lhe atender aos gastos de sua educação, e no segundo, aos de sua subsistência. Com este nome também se designa a Maçonaria de Mulheres, criada em 1774 pelo Grande Oriente da França. (Cf. *Batismo; Lowtons; Maçonaria de Adoção.*)

ADOÇÃO DE CAGLIOSTRO. Rito de adoção fundado em 1762, em Paris, por Cagliostro. A Loja tomou o nome de Loja Mater de Adoção da Alta Maçonaria Egípcia, e foi precedida pela esposa de Cagliostro, Serafina Feliciana. Compunha-se de três graus: *Aprendiz, Companheira* e *Mestra*. Seu fundador usava o título de *Grão-Copto*.

Obras protegidas por direitos de autor

ADOLESCENTE. Título de 1.º grau do Rito da União Alemã, de seis graus.

ADOMA (anagrama de *Amado*). Um dos títulos usados pelos Cavaleiros da Águia Negra.

ADONAI (heb.). *1* — O mesmo que Adônis. É comumente traduzido por "Senhor"; astronomicamente, é o Sol. Quando, na leitura, um hebreu deparava com o nome IHVH, chamado *Jeová*, fazia uma pausa e substituía-o pela palavra "Adonai" (Adni); porém, quando estava escrita com os pontos de *Alhim*, o chamava *Elohim*. *2* — Um dos nomes, o sexto, que se lêem nos arcos da Loja grau 13.º do Rito Escocês. *3* — Nome que está no meio do triângulo que ostenta na metade de seu centro a águia negra dos Cavaleiros Kadosh. *4* — Palavra de passe e sagrada de vários graus. (Cf. letra *A*.)

ADONIRAM. *1* — Segundo a lenda, personagem acolhido pelo rei Salomão, por ele instruído no conhecimento dos mistérios e nomeado intendente na edificação de seu templo. *2* — É representado pelo Presidente da Loja do grau 5.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, porém como filho de Abda, da tribo de Dan, e pelo Segundo Vigilante da Loja do grau 8.º do mesmo Rito. *3* — Significa, segundo alguns, *O Consagrado pelo Senhor*. (Cf. *I Reis* IV:6, e V:14.)

ADONIRAMITA ou *Adonhiramita*. Franco-maçonaria cujo Rito reconhece Adoniram como chefe dos operários que Salomão empregou na construção de seu templo. (Cf. *Hiramitas*.)

ADORAÇÃO. Certos sinais e ações de adoração praticados nas cerimônias do grau 13.º dos Ritos Escocês e de Mênfis, especialmente, e em outros Ritos.

ADORAM. Contração de Adoniram. (Cf. *II Crôn.* 10:8.)

ADORMECER. É o mesmo que *abater colunas*.

ADORMECIDO. Diz-se de um maçom ou Loja que cessou suas atividades.

ADORNOS. São as alfaias maçônicas: o avental, a faixa e as jóias do grau. Seu uso é obrigatório nas sessões magnas, porém o avental, tendo caráter de vestimenta, é indispensável em todas as sessões, salvo nos altos graus em que seja regularmente substituído por outra insígnia. (Cf. *Ornamentos*.)

ADRO, lat. *atrium*: *pátio, alpendre*. Pátio em frente ou ao redor de uma igreja. Entre os judeus, designava o terreiro circundando o tabernáculo; entre os maçons, compreende o terreiro ou espaço em frente ao Templo. (Cf. *Átrio*.)

Obras protegidas por direitos de autor

AD UNIVERSI TERRARUM ORBIS SUMMI ARCHITECTI GLORIAM. Timbre dos documentos outorgados e expedidos pelos Soberanos Grandes Inspetores Gerais ou Supremos Conselhos do grau 33.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. Significa: *À glória do Sumo Arquiteto da Terra e de Todo o Universo.*

ADVOGADO. Chama-se Advogado dos acusados, no Rito de Mênfis, um dos onze membros do Supremo Grande Tribunal dos Patriarcas Defensores da Ordem. É o terceiro em categoria e tem o título de *Patriarca da Ordem.*

ÁFRICA. *1* — Também existem Lojas maçônicas no continente africano, tendo sido fundada a primeira em 1736, na Costa do Cabo. Posteriormente se criaram outras no Cabo da Boa Esperança, Túnis, Argélia, Marrocos, Morbom, Cairo e Alexandria, bem como nas Ilhas Maurício, Madagascar, Canárias, Santa Helena e Ascensão. *2* — Lado sul da Loja de Adoção.

AFRICANOS. Denominação dada aos maçons do Rito dos Irmãos Africanos, ou, também, *Ordem dos Arquitetos da África.*

A.·. G.·. Iniciais que figuram nos atributos dos graus 7.º e 12.º do Rito Escocês. Simbolizam que foi Deus o Grande Arquiteto do Templo de Salomão.

AGAPAR-MELETAM ("exercitar-se em amar"). Palavra de admissão ao grau de Adelfa, ou seja, ao grau 1.º da Ordem de Paládio ou Soberano Conselho da Sabedoria. É uma das palavras de reconhecimento, que tem de ser acompanhada do sinal correspondente e acrescida da frase: *Eu O reconheço porque descendo d'Ele.*

ÁGAPES (gr.). Refeição em que os cristãos primitivos se reuniam para comemorar a última ceia de Jesus Cristo com seus discípulos, e davam-se mutuamente o ósculo de paz e fraternidade. Estava associada à Eucaristia. Ambas essas cerimônias foram depois separadas, e por último os ágapes foram suprimidos pela Igreja, alegando prática de abusos. A Maçonaria o conserva nos graus capitulares. (Ver *Banquete.*)

AGARRA DO LEÃO ou AGARRA DO MESTRE MAÇOM. Cerimônia usada no grau 3.º simbólico (*Mestre Maçom*), alusiva à terceira e bem sucedida tentativa que, segundo a lenda, fizeram os Mestres, após duas anteriormente fracassadas, para erguer o cadáver de Hiram Abiff, vilmente assassinado e sepultado. Misticamente simboliza a invencível e infalível assistência que, no final das cruciantes provas do Iniciado per-

Obras protegidas por direitos de autor

severante, lhe presta o Altíssimo ou o poderoso Mestre dos Mestres, simbolizado no leão. Tal é o que, em relação a Cristo, ilustra o seu Evangelho (*Marc.* 15:34; *Apoc.* 4:10-12; 5:5), e tal é o significado esotérico da "poderosa agarra da pata do leão da tribo de Judá" entre duas mãos. Como diz o irmão W. L. Wilmshurst: "A alma deve, voluntária e conscientemente, passar por um estado de extrema desvalidez, do qual nenhuma terrena mão pode tirá-la, e do qual, ao tentá-lo, se revelará escorregadia. Até que, afinal, do Trono desce a Ajuda Divina, que, com a "agarra do leão" de onipotente poder, ergue a fiel e regenerada alma à união Consigo, num amplexo de reconciliação após a expiação dos pecados" (*The Meaning of Masonry*, p. 43). (Cf. *Década*, 8; Toque do Mestre.)

AGATA ou *Agatha*. *1* — Pedra preciosa, assim denominada por ter sido encontrada num rio da Sicília com o mesmo nome. *2* — Figura simbolicamente nas lendas maçônicas, mormente na lenda salomônica.

AGATÓFILOS. Nome de dois oficiais dentre dez dos subalternos que integram a Ordem ou Rito Sagrado dos Sofísios. Substitui, quando necessário, o oficial superior chamado *Agatos*.

AGATOS. Um dos sete oficiais superiores do Rito Sagrado dos Sofísios. (Ver *Agatófilos.*)

A.˙. G.˙. D.˙. G.˙. A.˙. D.˙. U.˙. Iniciais usadas pelos maçons e que na língua portuguêsa correspondem à saudação *À Glória do Grande Arquiteto do Universo.*

AGENDA DOS TRABALHOS. Temário de uma reunião, para discussão ou redação do processo verbal.

AGGEU (heb.), "festival do Senhor". *1* — Um dos profetas menores do século VI a. C. *2* — Resposta dada no grau 32.º todas as quintas-feiras ao ouvir-se o nome correlativo dos protetores da Ordem.

AGNUS-DEI, lat., *cordeiro de Deus.* Pedaço de cera com a imagem de um cordeiro, bento pelos Papas no primeiro ano do seu pontificado, e depois, de sete em sete anos.

ÁGUA. *1* — Um dos quatro elementos purificadores nas cerimônias de iniciação ou elevação do candidato; os outros três são: a terra, o fogo e o ar. *2* — É o *sinal da água* nos graus 20.º e 29.º do Rito Escocês Antigo e Aceito e no mesmo grau no Rito de Mênfis. (Cf. *Ablução.*)

Obras protegidas por direitos de autor

ÁGUA LUSTRAL. Emblema da purificação de um templo maçônico.

ÁGUA SECA. Nome simbólico do sal nos banquetes do Rito de Adoção.

ÁGUIA. Esta ave figura simbòlicamente em quase todos os graus da Maçonaria, conhecido pelo nome de *Filosóficos* ou *Altos Graus*. É emblema da audácia, perspicácia e gênio com que se deve contemplar, serena e fixamente, a deslumbrante luz da Verdade, bem como a Vitória.

ÁGUIA BICÉFALA. Distintivo dos mais elevados graus da Maçonaria Filosófica e Administrativa, e emblema do grau 33.º dos Ritos Escocês e de Mênfis. Figura nos símbolos dos Cavaleiros *Kadosh*, Príncipes do Real Segredo e Soberanos Grandes Inspetores Gerais.

ÁGUIA NEGRA. Águia bicéfala que simboliza especialmente o grau e os nomes dos Cavaleiros Eleitos *Kadosh*.

ÁGUIAS, *As Duas*. Sociedade Maçônica do sistema de Zinnendorf, que, fundindo-se com outras, constitui desde o ano de 1787 a Academia Swedenborguiana, que posteriormente se tornou pública sob a denominação de *Os Iluminados de Avinhão*.

AHCHUA (*Frater Domini*, Lat., "Irmão do Senhor"). Um dos seis porteiros do Templo de Salomão, segundo o Ritual dos Príncipes de Jerusalém, grau 8.º e grau 1.º do segundo Templo de Escocismo Reformado.

AHDIR ou *Adir, Adirim*. Palavra única do Supremo Conselho, grau 89.º, e palavra segunda do Supremo Conselho, grau 90.º, ambos do Rito de Misraim.

AHIMAAS (heb.). *1* — Filho e sucessor do sumo sacerdote Zadoc, no tempo de Salomão (*1. Reis* 6:8). *2* — Um dos 12 Príncipes de Ameth que Salomão nomeou governadores de Israel e chefes das tribos (*1. Reis* 4:15). *3* — Nome representado no grau 11.º do Rito Escocês por uma das doze luzes que iluminam o Capítulo dos Sublimes Cavaleiros Eleitos.

AHIMAN-REZON. Vocábulo composto de três vozes hebraicas: *ahim*, irmão; *manah*, preparar; *ratzon, lei*. Portanto, literalmente significa *a lei dos irmãos preparados*. Na terminologia maçônica se dá este nome ao livro que reúne todas as regras e regulamentos da Fraternidade, atinentes às obrigações e direitos dos membros e oficiais de uma Loja. Ex-

Obras protegidas por direitos de autor

plica pormenorizadamente as cerimônias a empregar em todos os atos dos Ritos, e condensa uma resenha completa dos princípios fundamentais da Maçonaria. Uma obra destas possui quase todas as jurisdições maçônicas, como complemento às Constituições e Regulamentos das Grandes Lojas.

AHOLIAB. V. *Ooliab.*

A∴ J∴ Segundo Casard, abreviatura da palavra sagrada do grau 3.º da Maçonaria de Adoção.

AKAR (heb.). Um dos três nomes gravados sobre o fuste de uma das colunas que figuram na caverna do terceiro departamento, nas recepções dos Cavaleiros Rosa-Cruz de Kilwinning e de Heredom. (Cf. *Achar.*)

ALAMBORT. Um dos Nove Mestres Eleitos mandados por Salomão em busca do assassino de Hiram, segundo o Rito dos Grandes Arquietos de Heredom, grau 6.º do Escocismo Reformado.

ALARMA. *1* — Sinônimo do Irmão Terrível nas recepções dos Cavaleiros Rosa-Cruz de Kilwinning, grau 46.º do Rito de Misraim. *2* — Toque ou sinal de perigo iminente ou aproximação de profanos.

ALAVANCA. Um dos instrumentos simbólicos do Companheiro, alusivo à *Perseverança* e Força moral. Segundo Mme. A, Gedalge, "simboliza a força irresistível da vontade, secundada pela inteligência e pela bondade... Mas a *régua* deve sempre acompanhar a alavanca, pois toda ação, não submissa ao dever, à eqüidade, seria prejudicial".

ALBA. *1* — Em alguns graus, a hora simbólica em que se abrem os trabalhos ou sessões. *2* — Vestimenta sacerdotal com que se adornam os Grandes Pontífices do Santo Real Arco. *3* — Grau 4.º e último da Maçonaria do Real Arco ou de Iorque.

ALCÂNTARA, *Cavaleiro de.* Um dos títulos que os maçons ingleses possuem com o distintivo de *chevaleries,* e que as Grandes Lojas não reconhecem mas toleram.

ALCORÃO (ár. *Qur'an,* "leitura"). Livro sagrado dos maometanos, escrito no mais puro árabe e hoje traduzido em cerca de 40 línguas, segundo autores muçulmanos. Conforme a doutrina ortodoxa maometana, contém esse livro as revelações feitas por etapas pelo Arcanjo Gabriel a Maomé, as quais foram escritas e editadas por seus discípulos depois de sua

Obras protegidas por direitos de autor

morte. Constitui o padrão de fé e conduta, e a fonte única do direito, moral, civilização e administração do povo islamita, e figura como o *Volume do Conhecimento Sagrado* em suas Lojas maçônicas.

ALELUIA. Cântico de louvor e alegria pronunciado em muitos graus e diversos Ritos, nos sinais e toques, sob a forma de palavras de passe ou palavra sagrada.

ALÉSIA. Antiga praça forte ao Oriente da Gália, hoje conhecida como Alise St. Reine, da Costa de Ouro, situada na confluência dos rios Ose e Oserain, cuja rendição a Júlio César marcou a conquista final da Gália. A seu respeito diz Ragon em sua *Ortodoxia Maçônica*, p. 22: "A antiga metrópole, tumba da iniciação druídica e da liberdade das Gálias." (Cf. *Mistérios Druídicos; Mistérios na Europa, Desaparecimento dos.*)

ALETHE (gr.). Uma das palavras sagradas do último grau do Rito de Adoção, com o significado de *Verdade*.

ALETHEIA e SIGÉ, gr., "Verdade e silêncio". Palavra mestra e de passe das Soberanas Ilustres Escocesas, grau 5.º do Rito de Adoção. Alguns tratados consignam erroneamente *Aletida*.

ALETOPHILOTA, "Amigo da Verdade". Título dado ao Mestre dos Sagrados Egípcios, no grau 8.º dos Arquitetos da África.

ALEXANDRE. Primeira palavra da Ordem do exército das quartas-feiras, no grau dos Príncipes do Grande Segredo, grau 32.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. Alude a Alexandre Magno, que foi discípulo de Aristóteles.

ALEXANDRE GILBERT. Notável maçom construtor, que firmou a célebre Carta da Escócia, em 1439, da qual querem alguns escritores deduzir a origem das leis da Ordem.

ALEXANDRIA. Famosa cidade do baixo Egito, na qual se introduziu a Ordem maçônica em 1810, por influência dos exércitos franceses, segundo alguns autores.

ALFA — Veja-se *Alpha*.

ALFABETO ANGÉLICO. Talvez alusão à linguagem alegórica dos deuses ou à língua sagrada de algumas religiões ou povos. O Rito Escocês, principalmente o seu grau 4.º, faz referencia a este alfabeto.

ALFABETO MAÇÔNICO. Como as demais instituições iniciáticas, a Maçonaria adota vários alfabetos convencionais, cujo

Obras protegidas por direitos de autor

uso, no entanto, parece cada vez mais restrito à interpretação de grifos maçônicos. No quadro n.º 1, à página 16, se encontram os sistemas hieroglíficos alemão, inglês e da Idade Média, com as chaves respectivas.

ALFAIAS. São os móveis, adornos, jóias e distintivos da Oficina e oficiais, que nos Ritos e cerimônias em geral servem para caracterizar virtudes, preceitos, dignidades e funções. (Cf. *Adornos; Jóias; Móveis.*)

ALFAIATES, *Grêmio dos*. Um dos antigos ramos do Companheirismo, que tinha uma iniciação particular, em que o aspirante passava simbolicamente pelas paixões do Cristo, figurado por ele.

ALIANÇA. *1* — Primeira palavra que se pronuncia ao dar-se o segundo toque dos Sublimes Escoceses de Heredom. *2* — No Rito de Adoção, grau de Mestras Perfeitas (4.º), cada irmã admitida é distinguida com uma aliança de ouro, contendo a palavra sagrada.

ALICATES. *1* — Simbolicamente, são as tesouras. *2* — Nos banquetes do Rito de Adoção, são os garfos. (Cf. *Espeques. Tenazes.*)

ALINHAR OS CANHÕES. Dispor os copos e as garrafas sobre uma linha marcada por uma fita da cor do Rito, nos trabalhos de banquete.

ALNWICK, *Manuscrito de*. Um livro de atas maçônicas mais antigo, que se conserva e que remonta ao ano de 1703, e do qual em 1871 Guilherme J. Hughan publicou uma cópia.

ALOVAN. Nome que até 1789 ocultou a Ordem do Santo Sepulcro.

ALPHA e ÔMEGA. Primeira e última letras do alfabeto grego, bordadas, respectivamente, em cima e embaixo de um listrão carmesim usado pelos Grandes Pontífices ou Sublimes Escoceses, grau 19.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. Aludem a Deus como princípio e fim de todas as coisas.

ALQUIMISTAS. Uma classe de maçons herméticos, que assim se denominavam e que no grau Rosa-Cruz usavam as iniciais I. N. R. I., alusivo a este aforismo da Alquimia: *"Igne nitrum roris invenitur."* (Cf. I.N.R.I.)

ALSIMPHOS. Palavra de passe do *"Filósofo Sublime"* do grau 53.º do Rito de Micraim. (Repete-se três vezes esta palavra.)

ALTA MAÇONARIA. *1* — Assim se denomina o grupo dos seis graus mais elevados no Rito dos Filaletes ou Buscadores da

Obras protegidas por direitos de autor

Verdade. 2 — Idêntica denominação se dá à parte de legislação, organização e princípios franco-maçônicos relativos aos últimos graus do Rito Escocês, de *Kadosh* em diante.

ALTA OBSERVÂNCIA. Desmembramento do Rito da Estrita Observância; em seus trabalhos e reuniões se ocupava de alquimia, magia, cabala, evocações, etc. (Cf. *Estrita; Exata*, e *Lata Observância.*)

ALTAR. Espécie de mesa em que os antigos egitos e outros povos ofereciam sacrifícios a suas divindades. Depois da ereção do Tabernáculo, entre os hebreus apareceram duas espécies de altares: o dos sacrifícios e o do incenso. Pode-se considerar o altar maçônico como a representação de ambas essas formas. Deste altar se eleva constantemente ao Supremo Arquiteto ou ao Grande *Eu Sou*, o grato incenso do amor, consolo e verdade fraternais, enquanto que sobre ele são sacrificados os apetites mundanos e as indominadas paixões dos irmãos, em holocausto e ao gênio de sua Ordem. A forma adequada de um altar maçônico é um cubo de 0,99 m de aresta, com quatro cornos, um em cada ângulo. Sobre esse altar se colocam a Bíblia, o esquadro e o compasso; e ao seu redor, em disposição triangular e devidamente colocadas, quando o Ritual não determine outras posições — representando o Venerável, o Sol (1.º V.) e a Lua (2.º V.) — estão as três Luzes Menores. Nas Lojas Maçônicas há no altar, ou próximo, ou acima dele, pendente no centro do quadrado oriental, uma luzinha acesa, com um tubinho de cristal de cor de rubi, que simboliza o reflexo da Divindade na matéria e corresponde exatamente à lâmpada que nas Igrejas católicas arde perpetuamente diante do sacrário onde está guardada a Hóstia.

ALTAR DO FOGO. Usa-se no grau 4.º do Rito de Adoção, colocado num dos ângulos da Loja.

ALTAR DOS HOLOCAUSTOS. É o que se emprega no grau 23.º do Rito Escocês, que também usa o Altar dos Perfumes.

ALTAR DOS JURAMENTOS. Existe em todos os Ritos, para esse fim, exceto no Rito Moderno ou Francês.

ALTAR DOS SACRIFÍCIOS. É o que se coloca no Norte, nas cerimônias do grau 5.º do Rito Moderno ou Francês.

ALTAR OCTOGONAL. É o que se emprega nas Lojas do 1.º grau da Maçonaria de Adoção.

ALTO CORPO REGULAR. Grande Oriente, Grande Loja ou Supremo Conselho.

Obras protegidas por direitos de autor

mandâncias de Cavaleiros Templários. Cada Estado tem um corpo representativo geral para estas corporações. O Rito Escocês Antigo e Aceito fundou em Charlston, em 1801, o seu Supremo Conselho do grau 33.º, com âmbito mundial. Existe também em Boston outro Supremo Conselho do grau 33.º, para a jurisdição do Norte. Todavia, nem um nem outro têm autoridade nos assuntos das Lojas de Mestres Maçons, e são organizações absolutamente separadas e independentes.

Já na América Latina a Maçonaria tem sofrido impactos de divisões, perseguições e rivalidades de todo o gênero, oriundas ora de fora ora de dentro da própria Maçonaria. Nuns países latino-americanos impera o sistema das Grandes Lojas e em outros, o do Grande Oriente, ou ambas essas Potências. *2* — Lado Norte da Loja de Adoção.

AMERICANA. Denominação dada à Maçonaria que se formou com o Rito de Iorque ou Real Arco, em cinco graus.

AMETISTA. Pedra usada no peitoral do sumo sacerdote dos hebreus, a que se faz referência no ritual dos Grandes Arquitetos de Heredom, grau 6.º do Escocismo reformado.

AMIGÁVEL DE PETES-THAL. Sociedade Maçônica puramente recreativa, fundada em Paris em 1817.

AMIGOS REUNIDOS. Denominação de uma Loja de Paris, cujos representantes foram excluídos do Convento de Wilhemsbad, por seguirem as tendências templárias da Franco-maçonaria, repudiadas por aquela assembléia. Essa mesma Loja serviu de padrão em 1773 para a fundação do Rito dos Filaletes ou investigadores da verdade.

A MIM OS FILHOS DA VIÚVA. Frase que se pronuncia no ritual do 3.º grau, ao fazer-se o sinal mais importante da Maçonaria simbólica. (Cf. *Luc.,* 7:12-15; *I Reis* 7:14; *Sinal de Socorro.*)

AMON, eg. V. *Amun.*

AMOR. É o dever primário de todo maçom. O primeiro dos três passos irregulares do Candidato é dado com o pé esquerdo, o mais próximo do coração, para lembrá-lo de que o amor deve imperar sobre todas as suas decisões.

AMOR AO PRÓXIMO. *1* — Dever fundamental do grau 2.º maçônico, constante de um dos cinco degraus da fachada do seu templo. *2* — Nome simbólico de um dos degraus da escada misteriosa dos Cavaleiros *Kadosh,* grau 30.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, e dos seus correspondentes nos Ritos de Mênfis e de Misraim.

Obras protegidas por direitos de autor

AMOR DE DEUS. Significado simbólico atribuído a um dos montantes da escada misteriosa, a que se refere na acepção de *Amor ao próximo*.

AMOR FRATERNAL. Lema da Ordem Maçônica e dever a que se obrigam todos os maçons do mundo.

A.˙. M.˙. R.˙. G.˙. V.˙. Z.˙. A.˙. Abreviatura empregada no grau 3.º da Maçonaria de Adoção de Cagliostro, ou da *Mestra Egípcia*. Correspondem às iniciais dos nomes de sete anjos, simbolicamente representados na iniciação da recipiendária e na consagração, por esse motivo, de seus adornos. (Cf. *Anjo.*)

AMUN (*cop.*). O deus egípcio da sabedoria, que para servi-lo como sacerdotes só tinha Iniciados ou Hierofantes. Este nome figurou principalmente nos Mistérios antigos, origem da Maçonaria. (Cf. *Amen.*)

AMUSIS. Palavra pela qual se designava, antigamente, de maneira genérica, toda e qualquer espécie de instrumento empregado pelos maçons construtores, com o fim de constatarem o aprumo e regularidade do nível das construções. Incluía igualmente o prumo, a régua, o esquadro, o nível, o cordel, etc.

ANACARSIS. Nome dos Companheiros de Ulisses, grau 2.º da *Ordem de Paládio* ou *Soberano Conselho da Sabedoria*.

ANAEL. *1* — Um dos anjos da semana, dos *Cavaleiros do Oriente e do Ocidente*, ou do *Apocalipse*, grau 17.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. *2* — No grau 3.º do Rito de Adoção de Cagliostro, ou Mestra Egípcia, é um dos sete anjos que presidem os sete planetas. Este rege o Sol. (V. letra A, 11.)

ANAGRAMA. É o adotado pelas Lojas, formado com os seus próprios nomes, servindo-lhes para se comunicarem com os Grandes Orientes ou com as demais Lojas.

ANAK. Veja-se *Enak*.

ANALISTA. Cargo do terceiro dos grandes dignitários do Colégio Litúrgico do Rito de Mênfis, equivalente ao de secretário. No Supremo Grande Tribunal dos Patriarcas Defensores da Ordem, no mesmo Rito, se denomina *Patriarca Grande Analista* ao seu sexto dignitário. Mas nas Lojas se usa simplesmente o título de Analista.

ANCIÃO. *1* — Título que distingue os membros constituintes do Conselho dos Cavaleiros do Oriente do Ocidente, ou do Apocalipse, grau 17.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, chamados em Loja *Veneráveis Anciães*. *2* — O único vigilante existente nas Lojas dos Eleitos Simbólicos grau 5.º do Escocismo Refor-

Obras protegidas por direitos de autor

mado, e que representa *Stolkin.* *3* — Grau 3.º da escola preparatória da Ordem da União Alemã, em que só se admitem escritores, artistas e pessoas de alta posição social.

ANCKER, P. K.. Escritor dinamarquês, que em 1780 publicou em Copenhague uma obra importante, hoje rara, sobre as confrarias de pedreiros construtores.

ÂNCORA. Emblema da esperança, que aparece em muitas cerimônias e empresta seu nome a várias ordens. (Cf. *Escada de Jacó; Virtudes, As Três.*)

ANDERSON, *Reverendo James.* Nascido em Edimburgo, Escócia, por volta de 1675, tornou-se teólogo e ministro da Igreja Presbiteriana de Londres. Associado com John Desagullers, da *Christ Church* de Oxford, Inglaterra, por sua vez filho de um pastor francês, Anderson é tido como um dos promotores da reforma maçônica de 1717, que resultou na fundação da Grande Loja de Londres. Segundo sua narrativa, em 1718 o Grão-Mestre George Paynes "manifestou o desejo de que cada Irmão levasse à Grande Loja quaisquer documentos referentes aos Maçons e à Maçonaria para por eles se conhecerem os antigos usos. Daí apareceram alguns velhos exemplares das Constituições góticas, que desde logo foram colecionadas". Em reunião da Grande Loja em 1721, tendo o Grão-Mestre e a Grande Loja encontrado várias deficiências nessas Constituições, incumbiram o Irmão Anderson de compilá-las por um *novo e melhor* método. Desincumbindo-se da tarefa, em 17 de janeiro de 1723 submeteu ao exame da referida Loja a sua obra, "Livro das Constituições". Eram então vinte as Lojas filiadas àquele Corpo; seus representantes examinaram o manuscrito, sugeriram algumas emendas, aprovaram-no e ordenaram a sua impressão. Isto foi feito no mesmo ano, sob o título: *The Constitutions of the Free-Masons, Containing the History, Charges, Regulations, etc., of the Most Ancient and Right Worshipful Fraternity. For the Use of the Lodge.*

No mundo maçônico se considera de suma importância esse acontecimento histórico, por sancionar oficialmente o novo aspecto simbólico, especulativo e universal da antiga associação de Pedreiros Livres. Destinadas originalmente ao uso interno da Grande Loja de Londres, as chamadas Constituições de Anderson, com algumas variantes, foram sendo progressivamente adotadas por várias dezenas de outras Grandes Lojas, por sua filiação à primitiva Grande Loja de Londres, e constituem ainda hoje a base jurídica e os *Landmarks* de grande parte da Maçonaria simbólica ou Azul. Todavia, importa não confundir essa reforma, simplesmente normativa, com a ante-

Obras protegidas por direitos de autor

ANTIMAÇÔNICOS. São todos os atos que se opõem à lei moral, base da Ordem Maçônica. A conduta antimaçônica é passível de acusação e julgamento pelas Lojas.

ANTIVICH. Palavra sagrada dos *Eleitos Soberanos,* grau 59.º da segunda classe da série denominada *Filosófica,* do Rito de Misraim.

ANTOLHOS. Espécie de óculos escuros que também se usam para vendar um profano introduzido numa Loja. (V. *Venda.*)

ANÚNCIO. É a proclamação, aviso ou comunicação que precede todo ato ou deliberação levados a efeito em Loja. É dado pelo Venerável e repetido pelos Vigilantes às suas colunas, para alertá-las ou informá-las. (Cf. *Proclamação.*)

A.·. O.·. Abreviatura do *Anno Ordinis* (Ano da Ordem).

AP.·. — Abreviatura de *Aprendiz.*

APAGAR A LÂMPADA (ou *Soprar a*). Expressão empregada com o significado de *beber,* nas reuniões de mesa ou banquetes da Maçonaria de Adoção. (Cf. *Fogo Sagrado,* 2.)

APARTAMENTO. Veja-se *Terceiro Apartamento,* e *Câmara do Meio.*

APELAÇÃO — Direito que têm os maçons de apelar das decisões de suas respectivas corporações a outras corporações superiores, obedecendo os trâmites e normas determinados pelos estatutos e jurisprudência respectivos.

APLAUSOS — Constam de certos atos e cerimônias maçônicos como expressão da alegria e satisfação. (V. *Bateria.*)

APOCALIPSE (gr. *Apokalipsis,* "revelação", "desvelar" — *1* — O último livro do Novo Testamento, atribuído a S. João Evangelista, durante o seu desterro da ilha de Pátmos, no ano 96 d. C., e cheio de significação para o maçom e cabalista. Como acertadamente diz H. P. Blavatsky em *Isis sin Velo,* IV, p. 10, ed. mexicana de 1954: "O *Apocalipse,* tanto quanto o *Livro de Jó,* é um alegórico relato dos Mistérios e da iniciação neles de um candidato, ali personificado no próprio S. João, como não poderá deixar de reconhecê-lo nenhum alto maçom bem versado nos diferentes graus. Os números *sete, doze* e tantos outros são todos luzes projetadas na obscuridade do livro. Há alguns séculos Paracelso foi da mesma opinião. A seguinte passagem (2:17) não deixa nenhuma dúvida a um Mestre Maçom: "Ao vencedor darei eu a comer do maná escondido, e lhe outorgarei uma pedra branca, e nesta pedra um novo nome escrito, que ninguém conhece senão aquele que o recebe."

Obras protegidas por direitos de autor

Seu estilo "velado em símbolos e alegorias" o identifica com os antigos escritos iniciáticos, como o *Livro dos Mortos* dos antigos egípcios e os *Upanishads* dos hindus. Seu próprio autor justifica a sua linguagem enigmática: "Quando os sete trovões fizeram soar as suas vozes, eu ia escrever, mas ouvi uma voz do céu, dizendo: 'Sela as coisas que falaram os sete trovões, e não as escrevas' (*Apoc.* 10:4). Os Iniciados autênticos conhecem a sétupla chave da interpretação apocalíptica, e qualquer maçom sabe do antigo e severo sigilo imposto nos verdadeiros segredos e mistérios. Se essa obra tem constituído um quebra-cabeça para os intérpretes das escrituras cristãs, é devido a sua teimosia em dar-lhe um sentido unicamente histórico. No entanto, ela é prova concludente dos mistérios biblico-cristãos, expostos, como era então usual, em alegorias, enigmas, símbolos e figuras, cuja fiel interpretação requer conhecimentos esotéricos mais profundos do que os exotéricos ministrados nas Escrituras. Tem sido considerado a chave interpretativa do mistério cristão, com as características de um compêndio de iniciação no segredo e mistérios das Escrituras. *2* — *Cavaleiros do Apocalipse*: Título do grau 17.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. *3* — Nome de um grau maçônico dos chamados Graus Avulsos. (Cf. *Mistérios; Pedra Branca.*)

APPOLYON (gr.), *exterminans vel preditio, aut destruens. Apoc.* IX:11) — Palavra sagrada, usada, em vez de *Abaddon*, em alguns Conselhos de Cavaleiros do Oriente e Ocidente, grau 17.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. (Cf. *Abaddon.*)

APORRETA ou APPORRHETA (gr.). Instruções secretas sobre assuntos místicos, dados durante os Mistérios gregos e egípcios. (Cf. *Logia.*)

APOSTILA — Adição geralmente feita no verso dos diplomas, para certificar que o maçom possui os graus intermediários que não exigem esses documentos.

A. ˙. P. ˙. P. ˙. — Iniciais que figuram no avental do grau 6.º do Rito Escocês, com o significado de Aliança, Promessa, Proteção.

APRENDIZ — *1* — Denominação do primeiro grau da Maçonaria simbólica, comum em todos os sistemas e ritos. Corresponde ao primeiro estágio preparatório para a Iniciação oriental, ali chamado *Provação;* ao de *Aspirante* de Tebas e de Elêusis, ao *Soldado* de Mitras, ao *Catecúmeno,* ou período "purgativo" da ascese cristã. *2* — Emprestada das antigas corporações obreiras de construtores, em que o apren-

Obras protegidas por direitos de autor

diz ocupava também o grau mais inferior, ou inicial, no simbolismo maçônico representa o homem em sua primeira infância humana e espiritual. Seus olhos são ainda demasiado fracos para contemplar diretamente a fulgurância do Sol, e por isso na Loja está sentado a nordeste ou Setentrião; veste o avental branco, debruado de azul no Rito Moderno ou Francês e de encarnado no Escocês Antigo e Aceito, cingido à sua cintura com a abaeta triangular levantada (significando que sua natureza superior, simbolizada pelo triângulo, não se apossou ainda da inferior, simbolizada pelo quadrilátero), e usa luvas brancas (símbolo de mãos limpas e puras). Neste grau se aplica ao desenvolvimento da Maçonaria, ao estudo de suas leis, seus mistérios, usos e costumes; por isso trabalha simbolicamente no desbaste da *pedra bruta*, do *meio-dia* à *meia-noite*, e recebe seus salários na coluna J.·. (no Rito Francês) ou na coluna B. (no Escocês).

APRENDIZA. Título do primeiro grau da Maçonaria de Adoção ou das Damas, nos diversos Ritos, com a mesma acepção do anterior.

APRENDIZADO. Juventude do maçom; é o lapso de tempo que decorre desde a sua admissão ao 1.º grau até sua elevação ao segundo.

APROVAÇÃO. *1* — Consentimento de uma Loja para a admissão de um profano e filiação de um maçom. É dada a pedido do Venerável, porém com prudência e unanimidade. *2* — Assentimento às propostas encaminhadas à Loja. (Cf. *Admissão; Iniciação; Voz de Boa Referência.*)

APROVAÇÃO, *Sinal de.* É o que se faz nas votações nominais. Segundo o costume, faz-se sentado e estendendo horizontalmente o braço direito, com a mão aberta e palma para baixo, dirigida para o trono ou o altar de juramentos. Também se faz de pé, pondo-se à ordem e estendendo-se na mesma forma o braço esquerdo. Essa é a simbólica, porém também poderá ser nominal ou por escrutínio secreto. (Cf. *Bolas.*)

A PRUMO. Veja-se *A Nivel e A Coberto.*

APTIDÃO. *1* — Um dos requisitos morais e intelectuais, revelados nos graus inferiores, para o maçom poder ascender aos superiores. *2* — É uma condição antiqüíssima, de cuja rigorosa aplicação dependerão a estabilidade e progresso da Loja.

AR. Um dos quatro elementos naturais, por cuja prova passa o candidato a Aprendiz maçom, simbolizando a purificação

Obras protegidas por direitos de autor

e domínio desse elemento e a pura aspiração de sua inteligência pelas mais elevadas concepções da vida.

AR, *Sinal do.* Denominação do quinto sinal feito no grau 20.º do Rito Escocês. (V. *Prova do ar.*)

ARA. Na astronomia, uma constelação ao Sul; na Maçonario, um altar. (Cf. *Altar.*)

ARARAT. *1* — Célebre monte da Armênia, em cujo cume, segundo a Bíblia, se deteve a arca de Noé por ocasião do dilúvio (*Gênese,* 8:4). Em linguagem esotérica ou mística, a palavra *monte* alude a iniciação, e entre as damas maçônicas tem alto significado simbólico, pois quando dizem: "Repousei sobre o monte Ararat", querem figurar que se salvaram do dilúvio dos ataques das paixões. *2* — Palavra de passe das *Escocesas,* grau 6.º do Rito de Adoção, e das Damas da Pomba, grau 8.º, do mesmo Rito. *3* — No grau 3.º do Rito Egípcio ou de Cagliostro se diz ao novo Mestre "Esta segunda câmara se chamará *Ararat,* para fazer conhecer que a arca se deteve nesta montanha e que o perfeito repouso se destina aos eleitos de Deus." (Cf. *Abiegnus Mons.*)

ARBAS. Uma das palavras de passe, ou de reconhecimento, que pronunciam os *Soberanos dos Soberanos,* grau 60.º da segunda série chamada filosófica, do Rito de Misraim.

ARCA. *1* — É a arca de Noé, o sagrado *Argha* dos hindus, batel oblongo que os sacerdotes empregavam à maneira de cálice nos sacrifícios oferecidos a Ísis, Astarté e Vênus Afrodita, deusas das forças geradoras da matéria, coletivamente simbolizadas na arca que encerra os germes de todas as coisas viventes... Moisés estava familiarizado com a mitologia dos egípcios e conhecia a lenda que representa Hórus de pé sobre um esquife em forma de serpente, cuja cabeça atravessa com sua lança. (H. P. Blavatsky, *Ísis sem Véu,* IV. 112, 115). *2* — Nome usado na Maçonaria para designar certos ritos e graus.

ARCA DA ALIANÇA. *1* — Toda arca-altar, entre os egípcios, hindus, caldeus, e mesmo entre os antigos mexicanos, era um altar fálico, símbolo da matriz da Natureza. O *seket* dos egípcios, a arca ou caixa sagrada, estava colocado sobre a *ara,* seu pedestal. A arca de Osíris, com as sagradas relíquias, era "do mesmo tamanho da arca judaica", diz o egiptólogo S. Sharpe, e era conduzida por sacerdotes, com umas varas que transpassavam seus anéis, em sagrada procissão, tal qual a arca a cujo redor dançava David, rei de Israel. Os deuses mexicanos, e Diana, Ceres e outros deuses, tam-

Obras protegidas por direitos de autor

graus 19.º ao 30.º, e do terceiro aposento ou apartamento que constitui a *Câmara do Exame* para a recepção dos Cavaleiros *Kadosh* (grau 30.º).

ARGENTINA. Data de 1795 a Maçonaria neste país. Nesse ano se fundou a Loja *Independência,* no Vale de Buenos Aires, a qual "instituiu na América os cimentos da instituição maçônica", que no início teve por finalidade precípua a emancipação política do país. Logo depois, em data não determinada, devido ao caráter absolutamente sigiloso das atividades político-maçônicas, se estabeceleu a Loja *S. João de Jerusalém da Felicidade desta parte da América.* É quase certo que já em 1804 existiam diversas Lojas maçônicas em Buenos Aires, e durante as invasões inglesas de 1806 e 1807, ao que parece, foram criadas diversas Lojas objetivando o congraçamento e união espirituais entre os homens da época, para explorar a possibilidade de independência do Vice-reinado do Rio da Prata. Por volta de 1812 o general San Martin, com a cooperação de Alvear, fundou a Loja *Lautaro* em Buenos Aires. O mesmo general fundou em Mendoza, em 1816, a Loja *Lautarina,* filial da anterior, e a esta se filiaram os principais chefes do exército e emigrados chilenos.

ARGONAUTAS, *Cavaleiros dos.* Grau 8.º do Rito Escocês Filosófico da Maçonaria hermética reformada de Boileau. (Cf. *Tosão de Ouro; Velocino de Ouro.*)

ARISTIDES. Na tradição de Misraim, célebre filósofo que foi Grande Conservador da Ordem nos Vales de Esmirna.

ARISTÓFANES. Célebre gramático da antiguidade, cerca de 120 anos antes de Cristo. Segundo a tradição de Misraim, iniciou-se nos Mistérios e foi Grande Comendador dessa Ordem, no Vale de Bizâncio.

ARITMÉTICA. *1* — É a arte ou ciência de contar, achando-se representada nas cerimônias e simbologia maçônicas, grau de Companheiro. *2* — Um dos predicados do bom maçom, que lhe ensina a multiplicar sua bondade e sabedoria em benefício de todos os seus irmãos, e a observar a ordem e proporção numérica em todas as coisas. *3* — Nome do quarto degrau do segundo lance da escada, constante das cerimônias dos Cavaleiros de *Kadosh.*

ARMAS. *1* — São as de todos os gêneros e épocas as que aparecem nas cerimônias de todos os Ritos maçônicos. Os candidatos militares e civis que as usem, são delas despoja-

Obras protegidas por direitos de autor

dos para poder ser iniciados. *2* — Denominação dada aos vasos, taças ou copos usados nos banquetes maçônicos.

ARMIGER. *1* — Grau pertencente aos Arquitetos da África e correspondente à terceira classe do grau de Templário, o grau 6.º dos sistemas da Estrita Observância. *2* — Nono degrau da escada e primeiro dos três chamados graus superiores dos *Arquitetos da África.*

ARMINHO. Pele que aparece nas cerimônias de todos os Ritos maçônicos, como símbolo da pureza de seu espírito e da conduta que deve caracterizar seus membros. Faz parte da indumentária de muitos graus e do manto do *Três Vezes Poderoso Mestre,* grau 4.º do Rito Escocês.

ARQUIMAGIA. *1* — Parte da Alquimia que trata dos meios de fabricar ouro. *2* — Uma das ciências de que se ocupa a Maçonaria hermética; também a chamam *alquimista.*

ARQUIMAGO. Título dado ao chefe dos magos, ou ao chefe da religião mazdeísta entre os persas.

ARQUIPRIOR. Título que se dava ao Grão-Mestre dos Templários.

ARQUITETO. *1* — Título que se outorga a muitos graus dos ritos, sistemas e ordens da Maçonaria. *2* — Nome distintivo dos oficiais das Lojas, encarregados de mobiliar e decorar a Oficina, do exame e fechamento de sua contabilidade, bem como da boa ordem de todos os trabalhos afetos aos seus respectivos cargos. *3* — Oficial da Loja encarregado da conservação do mobiliário e dos locais.

ARQUITETO DO UNIVERSO, *O Grande* (ou O.·. G.·. A.·. D.·. U.·.). *1* — Nome pelo qual na Maçonaria se designa Deus, Allah, Logos, Osíris, Brahmâ, etc., dos diferentes povos, já que ali se considera o Universo como uma Loja ou Oficina em sua máxima perfeição. Cada Loja é simbolicamente um universo, e toda a Maçonaria figura um vasto sistema de universos. Para o maçom não é, porém, um Deus antropomorfo, mas, antes, o Princípio de Consciência e de Vida Universal, a "Coisa Única" da Tábua de Esmeralda hermética. É também a Atividade; "O Grande Arquiteto dos Deuses" do culto de Viswakarma dos hindus, onde Ele é o Forjador ou o Carpinteiro; o "Divino Obreiro" da mística cristã, e o Tubalcaim, o "pai daqueles que trabalharam os metais", da lenda maçônica.

Obras protegidas por direitos de autor

7.º departamento, que se prepara para as recepções dos Cavaleiros Rosa-Cruz de Kilwinning e de Heredom, grau 48.º da nona classe do Rito de Misraim.

ASHKENAZ (heb.). Primogênito de Gomer, filho de Jafet, Grande Conservador da Ordem de Misraim. Segundo a tradição desta, seus descendentes propagaram as sagradas doutrinas entre muitos povos da Ásia Menor e Europa.

ASES (esc.). São os criadores de Anões e Duendes, os Elementais, que estão abaixo dos homens nas lendas escandinavas.

ASGARD (esc.). Reino e residência dos ases e deuses escandinavos, o Olimpo escandinavo.

ASHMOLE, *Elias* (1617-1692). Célebre antiquário heráldico, alquimista e rosa-cruz, nascido em Litchfield, Inglaterra. Presenteou a Universidade de Oxford com uma coleção de raridades que recebera como legado e que constituíram os alicerces da fundação ali do museu que conserva o seu nome. Escreveu a *História da Ordem da Jarreteira* e *Theatrum Chemiçum;* esta, uma coletânea de textos da abstrusa ciência alquímica, é considerada a última sobrevivente dos alquimistas e rosa-cruzes, bem como a genitora da moderna Maçonaria especulativa. Em 1646, juntamente com o coronel Maimvarring, foi iniciado numa Loja não-operativa, em Warrington, a qual na época começou a receber ostensivamente pessoas completamente alheias à arte de construir. Em 1682 Ashmole foi especialmente convidado para assistir à reunião de uma Loja no Recinto dos Maçons em Londres, o que equivaleu, certamente, à sua Aceitação, e ali assistiu à iniciação de seis candidatos, dois dos quais não eram membros da Confraria de Maçons (pedreiros). Havendo constatado a progressiva decadência das confrarias operativas, procurou regenerá-las e reabilitá-las, introduzindo-lhes, ou melhor, restituindo-lhes a perdida tradição e representação dos antigos mistérios da iniciação da Índia, Egito, Caldéia, Jerusalém, Grécia e Roma, e mantendo-os sob o antigo véu da arquitetura. Com este fito empreendeu a notável tarefa de reestruturar e ampliar a nova organização, com base nos três graus simbólicos em que se fundamenta o seu sistema. E mais uma vez a lendária Fênix ressurgiu de suas próprias cinzas, encarnando o espírito de união, perfeição, ciência, filosofia, arte, progresso, liberdade, igualdade e fraternidade. Com esse espírito, redigiu os rituais de *Aprendiz,* o 1.º grau; *Companheiro,* o 2.º grau (em 1648), e *Mestre,* o 3.º grau (em 1649). No *primeiro grau* se mantiveram as características gerais da antiga iniciação; ali se en-

Obras protegidas por direitos de autor

sina a moral, explicam-se alguns símbolos, indica-se o avanço da barbaria para a civilização e exorta-se à admiração e culto do Grande Arquiteto do Universo. Também se ministra o conhecimento dos princípios fundamentais da Maçonaria filosófica, suas leis e costumes, predispondo assim o neófito às práticas filantrópicas e ao estudo. Seus trabalhos eram abertos em hora que recordava as lições de Zoroastro (meio-dia). O *segundo grau* tem analogia com as doutrinas de Thales de Mileto e de Pitágoras. Aqui se prepara o neófito para o estudo das ciências naturais do globo, astronomia, filosofia, matemática e história. Indu-lo a investigar e analisar as coisas e suas origens, a conhecer-se a si mesmo para conseguir dominar-se, a conceber tudo o que a felicidade humana pode obter da associação maçônica, mercê da verdade, ciência e trabalho honesto. O *terceiro grau* completa a analogia, harmonizando antigos mistérios iniciáticos com os atuais e ensinando a levantar o véu alegórico estendido sobre os mesmos. Admite os mais elevados princípios filosóficos e teosóficos, dá a chave dos mistérios místicos e religiosos do presente e do passado, e demonstra-lhes a sua identidade fundamental. No Egito este grau, ali conhecido como a *Porta da Morte,* correspondia ao culto de Osíris, cuja morte e ressurreição eram então rememoradas. Por causa do seu "assassinato" supostamente recente, seu ataúde estava manchado de sangue e se erguia no centro da sala dos mortos, onde se celebrava parte do cerimonial. Perguntava-se então ao aspirante se ele havia participado do assassinato de Osíris; após sua negativa e outras provas, dava-se-lhe com um machado um golpe simbólico na cabeça, com o que ele "caía" e era enfaixado como as múmias. Depois, ao seu redor se gemia e fazia brilhar alguns raios, e por fim o suposto defunto era rodeado de fogo e restituído à vida. Esse cerimonial é parodiado no terceiro grau, em que Osíris, o inventor das artes, ou o Sol, é substituído por Hiram, o arquiteto, nome que significa "exaltação da vida", "nobre", "elevado". Por isso, na interpretação do terceiro grau tem se inferido que Hiram, fundidor de metais alçado à categoria de herói da lenda maçônica, sob o título de "arquiteto", personifica o Osíris (Sol) da antiga iniciação egipcia; que Ísis, a viúva deste, é a Loja, emblema do mundo, e que Hórus, o filho de Osíris (ou da Luz) e da viúva, é o franco-maçom, o iniciado na Loja.

Tal foi o engenhoso plano concebido o esquematizado por Ashmole, que bem possivelmente lhe fora inspirado e estimulado pela antiga Ordem da Rosa-Cruz a que ele pertencia. Vin-

Obras protegidas por direitos de autor

te e cinco anos depois de sua morte, seus rituais dos três graus foram adotados pelas quatro Lojas de Londres, que concluíram a sua reforma em 24 de junho de 1717. Abandonaram desde então o trabalho exclusivamente operativo e ingressaram num amplo ciclo filosófico de estudos e aperfeiçoamento moral e intelectual. Desligaram-se do centro autocrático de Iorque, proclamando a sua independência, e constituíram um governo democrático e universal de fraternidade maçônica, sob o título de Grande Loja de Londres. (Cf. *Graus; Hiram Abiff; Mistérios; Mistérios Judaicos; Rito da Academia dos Sábios; Rito dos Irmãos Rosa-Cruz; Três Graus; Wilson Guilherme.*)

ÁSIA. *1* — Segunda parte do globo onde foi introduzida a Maçonaria na primeira metade do século XVIII. A primeira Loja foi fundada em Calcutá no ano de 1728, e outras foram estabelecidas em 1750 e 1779 em Ceilão, Cantão, Pérsia, Pondichery, Ilha do Príncipe de Gales e em outras possessões inglesas asiáticas, onde a Maçonaria se acha em plena prosperidade. *2* — Corresponde ao Oriente nas Lojas do Rito de Adoção.

ÁSIA, *Rito dos Irmãos Iniciados da*. Ordem também denominada *Irmãos Asiáticos* ou *Cavaleiros e Irmãos de São João Evangelista da Ásia*. Foi fundada em Viena ou Berlim, em 1780, por um grupo dissidente da Sociedade alquimista, conhecida como *Irmãos da Rosa-Cruz*. Dentre eles se destaca o Barão Hans, Henri von Ecker e Eckehofem, fidalgo de câmara e conselheiro da coroa, que de comum acordo com o israelita Hirschmann, e participando da organização dos Rituais, neles introduziu os ensinamentos cabalísticos do Talmude. Seus membros professavam a teosofia evangélica, com base no misticismo cristão. Dedicavam-se sobretudo ao estudo das ciências naturais e às investigações mais profundas sobre o elixir da imortalidade. Esta Ordem contou com homens capazes e eruditos, e sua direção suprema, composta de 72 membros, se radicava no *Pequeno e Constante Sinderim da Europa*.

ASIÁTICA. Título de uma das 75 Maçonarias, segundo as classificação de Ragon em seu *Tuileur Général*.

ASISCULOS ou *Acisculos*. Picareta de pequenas dimensões, empregada pelos antigos maçons construtores.

ASPIRAÇÃO. *1* — Um dos sentimentos nas inscrições das três colunas que se erguem nas oficinas dos Príncipes Rosa-Cruz. *2* — Lema inscrito no fuste de uma das três colunas — a do Meio-Dia — no primeiro templo, onde se executam os trabalhos de recepção dos cavaleiros Rosa-Cruz do Rito de Mênfis.

Obras protegidas por direitos de autor

ASPIRANTE. Assim se chama ao profano que, havendo passado pelas provas do grau de Aprendiz, não foi ainda iniciado nos mistérios inerentes ao mesmo.

ASSANITAS, *Ordem dos.* Título de uma das trinta e quatro Ordens maçônicas, que Ragon classifica com o nome de *Velho da Montanha.* (Cf. *Assassinos.*)

ASSASSINOS. *1* — Corrutela do árabe *hash-shashin,* "comedores de haxixe". Também chamados *Haschishinos,* são os partidários de uma seita mística muçulmana, fundada por Hassan Sabah, na Pérsia, no século XI, por ocasião das Cruzadas, contra as quais sustentaram lutas sanguinolentas, até que, em 1256, foi destruída pelas ordas mongólicas a mando de Mangu-Kran, que invadiram e dominaram então aquele país. Esta denominação também tem incluído os *Sufis,* místicos muçulmanos, os quais, como o demonstra o irmão Kenneth Mackenzie, "eram instrutores ou mestres das doutrinas do Islamismo; fomentaram a matemática e a filosofia, e compuseram obras de grande valor". O chefe da Ordem se chamava Sheik-el-Jebel, que tem sido traduzido por *Velho da Montanha;* como seu Grão-Mestre, tinha "poder sobre a vida e a morte". *2* — Qualificativo que na lenda maçônica também se aplica aos três *Vilões.* (V. este termo.)

ASSEMBLÉIA DOS GRANDES MISTÉRIOS. Constituem-na os graus 5.º, 6.º e 7.º do Capítulo de Perfeição do Rito conhecido por *Soberano Capítulo Metropolitano das Damas Escocesas* do Hospício de Paris, colina do monte Tabor.

ASSEMBLÉIA MAÇÔNICA. Reunião não ritualística de maçons, mormente os de altos graus.

ASSENTIMENTO. Aprovação manifestada em Loja, levantando-se a mão quando se vota a favor de alguma proposição. (Cf. *Aprovação.*)

ASSENTO. Lugar onde se colocam os membros das Lojas. Denominam-se *colunas* as fileiras de assentos que se estendem em cada lado da Loja.

ASSIM SEJA. Veja-se *Amen.*

ASSÍRIA. Nação asiática, que no passado foi teatro de desenvolvimento de grandes mistérios e na qual alguns autores colocam a origem da Maçonaria.

ASSISTENTE. No Rito Escocês Antigo e Aceito, é o título de um dos quatro únicos dignitários das Lojas do *Mestre Perfeito,* grau 5.º, e dos dois *Grandes Sacerdotes,* que nos santuários dos *Chefes do Tabernáculo,* grau 21.º, se põem ao lado do Presidente ou do *Soberano Grande Sacrificador.*

Obras protegidas por direitos de autor

ASSOPRADOR. *1* — Alquimista em busca da pedra filosofal. *2* — Graus 3.º e 56.º do Rito de Misraim.

ASSOPRAR. Nos banquetes maçônicos significa *beber.*

ASSOPRAR A LÂMPADA. Nos banquetes da Maçonaria de Adoção, significa *brindar, beber.*

ASTRÉIA. *1* — Deusa da mitologia greco-romana, correspondente à constelação de Virgo, tomada na antigüidade como símbolo da Justiça. *2* — Título de um grande Oriente que se fundou na Rússia em 1803. (Cf. *Virgo.*)

ASTROLOGIA. Título de uma das 75 Maçonarias, que enumera Ragon em seu *Tuilier Général.*

ASTRONOMIA. Nome do primeiro degrau do segundo lance da escada simbólica dos Cavaleiros *Kadosh,* do Rito Escocês Antigo e Aceito.

ASTRÔNOMO ANTE A PORTA DOS DEUSES. Título do grau 6.º da Ordem Crata Repoa.

ASTROS. Denominação simbólica dada às luzes, nos banquetes das Mestras Egípcias, grau 3.º da Maçonaria de Adoção de Cagliostro. Idêntica aplicação se vê na Maçonaria Escandinava. (Cf. *Luminares.*)

ATA. Registro do ocorrido nas reuniões ou sessões das Oficinas, e mais freqüentemente chamada *Prancha.* Os pormenores a obedecer na confecção das atas são regulados em cada Rito; alguns chegam a suprimi-las, porém, neste caso, o Secretário mantém um livro para a anotação cronológica das deliberações tomadas ou atos praticados, apondo-se-lhe a sua assinatura e a do Presidente. (Cf. *Balaústre; Prancha.*)

ATAÚDE. Figura em algumas cerimônias da Maçonaria, mormente nos Rituais do 3.º grau simbólico e no Capítulo Rosa-Cruz. Representa geralmente a morte e sepultura do eu transitório, com seus vícios e limitações, para dar lugar à ressurreição do Ser Espiritual ou Homem Perfeito. É uma realização simbólica da lei expressa na apóstrofe de São Paulo: *Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?* (1 *Cor.* 15:55; cf. *Hiram Abiff, Urna.*)

ATASH BEHRAM, pers. — A chama sagrada dos parses, perpetuamente conservada em seus templos do fogo.

ATEHALA-BEHAHBA, heb., "princípio da resignação". Palavras com que os adeptos do Rito de Misraim, na ocasião de seu ingresso na Ordem, se comprometem a ser fiéis aos juramentos que prestam e perseverantes em seus deveres, a fim de

Obras protegidas por direitos de autor

B

B. *1* — Segunda letra do alfabeto maçônico, convencionalmente representada por um ângulo reto, centrado por um ponto, à p. 16. *2* — Figura numa das colunas que se erguem à entrada das Lojas, como inicial da palavra *Booz,* que significa *na força.* *3* — É a inicial da palavra *Begogal-chol* (*em abominação de todos*) no grau 9.º dos Ritos Escocês e de Mênfis; da palavra Badhanain (*mestre dos arquitetos*) no grau 14.º dos mesmos Ritos, e da palavra *Beleza* no grau 17.º *Escocês.* *4* — No Rito Moderno ou Francês, o Aprendiz ascende ao grau de Companheiro passando da coluna J. : . para a coluna B. : ., onde *recebe o seu salário,* e no Rito Escocês opera-se de maneira contrária. *5* — Na jóia dos *Mestres Arquitetos,* grau 12.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, é inicial de *Banain,* uma das palavras de passe deste grau. *6* — Numa das colunas do templo moderno Rosa-Cruz, ou seja, o *filosófico,* é inicial de Beneficência, e na jóia dos *Veneráveis Grandes Mestres de todas as Lojas* ou *Mestres ad vitam,* é inicial da *Betsija,* segunda parte da palavra sagrada deste grau. *7* — Gravada no cabo do machado, constitui a jóia dos *Príncipes do Líbano,* grau 22.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, e é inicial de *Beselel;* na jóia dos grandes *Escoceses de Santo André,* grau 29.º do mesmo Rito, é inicial de *Booz,* uma das quatro palavras sagradas do grau. *8* — Os dois B. ˙. B. ˙. incrustados na cruz dos *Filósofos Sublimes,* grau 53.º do Rito de Misraim, são iniciais J. ˙. Booz e de M. ˙. Benac. *9* — No sistema ritualístico de Zinnendorf, é uma das sete iniciais, cujo nome tem dupla interpretação, que só se revelava aos *Eleitos Perfeitos,* grau químico e 7.º do mesmo Rito, e que, segundo sua interpretação, indicava um dos caminhos que conduziam ao conhecimento da Maçonaria hermética. *10* — Na escada misteriosa dos *Juízes filosóficos* e na dos *Jesuítas,* é a inicial de *Booz* e *Beneplacitus,* respectivamente.

B. ˙., *Cavaleiro de.* Também de *Hhanuka* ou *Hynaroth,* pertencente ao grau 69.º da 11.ª classe do Rito de Misraim.

Obras protegidas por direitos de autor

BASTÃO. Nome também dado às *varas* dos Diáconos.

BASTIÃO. Na Maçonaria escandinava, é o nome dado à mesa, nas reuniões de banquete.

BATERIA. *1* — Certo número de golpes ou pancadas, simbólicos, que durante a abertura, desenvolvimento e encerramento dos trabalhos de uma Loja são dados pelo Venerável e os Vigilantes com a ajuda do Malhete e pelos Cobridores com suas espadas ou mãos. A Maçonaria anglo-saxônica parece ignorar as baterias manuais. O número de golpes depende do grau em que esteja funcionando a Loja, mas a sua distribuição varia entre alguns Ritos. A bateria no grau de Aprendiz é a de *três* golpes; no de Companheiro, *cinco* (ou um e mais dois), e no de Mestre, *nove* (ou dois e mais um). Quando acompanhada de aclamação, é dada batendo-se as palmas das mãos, ou estalando-se os dedos. *2* — *"Cobrir uma bateria"* é responder a uma bateria com outra bateria. (Cf. *Aplausos.*)

BATERIA DE ALEGRIA. Aplauso maçônico. Cada grau tem a sua própria, que difere em número, cadência e força dos golpes.

BATERIA DE LUTO. Ritmada como a ordinária, é surda, ou feita batendo-se o antebraço esquerdo, em memória de algum irmão partido para o Oriente Eterno, e acompanhada das palavras: *Gemamos, gemamos, gemamos, mas esperemos!* Esta bateria deve ser sempre seguida de outra que a "cobre".

BATISMO (do gr. *baptisma,* imersão). Rito de purificação celebrado durante a cerimônia da iniciação nos *tanques* sagrados da Índia e outros antigos países, e que João Batista, seus discípulos e sequazes adotaram posteriormente, antes dos cristãos. Segundo ele afirmava, há pelo menos três espécies de batismo: o da água, o do Espírito Santo e o do fogo (*Mat.* 3:11), mas os dois últimos só o divino Mestre poderia ministrar. A Maçonaria adota em cerimônias análogas a água como elemento purificador. (Cf. *Ablução.*)

BATISMO MAÇÔNICO. Cerimônia em que os membros de uma Loja acolhiam o filho de um deles e lhe prometiam amizade e proteção. Foi substituída pela *adoção de Lawtons.* (Cf. *Adoção.*)

BATISTA, *São João*. Um dos patronos da Maçonaria. Diz o Irmão C. W. Leadbeater (*Pequena História da Maçonaria,* p. 97): "Explica o Irmão Ward que os festivais dos dois santos patronos da Maçonaria — S. João o Batista no verão e S. João o Evangelista no inverno — são apenas perpetuação das festas do antigo culto à fertilidade nos solstícios do ve-

Obras protegidas por direitos de autor

rão e do inverno; que ritos cultuais semelhantes se encontram em outros povos, teutônicos, célticos e gregos, e também sobreviveram entre os essênios, e que os Cavaleiros Templários trouxeram da Síria uma história muito semelhante à do grau 3.º." Esses festivais, anteriores ao Cristianismo, são por este comemorados, um em 24 de junho e o outro em 27 de dezembro, quando incidem, no hemisfério setentrional, os solstícios do verão e do inverno, respectivamente, embora com erro de alguns dias, devido aos desajustes do calendário juliano, que em 1582 o gregoriano procurou corrigir. (Cf. *Festas; São João; Festas de Solstícios.*)

BAZEQUIEL. Um dos intendentes escolhidos por Salomão para administrar os 81 mestres encarregados da conclusão das obras do Templo. Segundo o ritual do grau 5.º da Maçonaria Adonhiramita (*Mestre Perfeito*), é um dos *nove eleitos enviados pelo mesmo rei* à procura dos assassinos de Hiram Abiff.

B.·. D.·. S.·. P.·. H.·. G.·. F.·. Iniciais das palavras *Beleza, Divindade, Sabedoria, Poder, Honra, Glória, Força,* gravadas em cada um dos ângulos da jóia heptágona do grau 17.º dos Ritos Escocês Antigo e Aceito, e de Mênfis.

BEA MACHE ("Louvado seja Deus"). Pronuncia-se *Bea Mak.* Palavra de passe dos Grandes Escoceses da Abóbada Sagrada Jaques VI, grau 14.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

BEA MACHEH-BAMEARAH ("Louvado seja Deus; encontramos"). Variante da palavra anterior, que constitui a grande palavra de passe do grau 14.º do Rito de Mênfis.

BEBERAGEM DE AMARGURA. Bebida mais ou menos amarga, que às vezes se faz o profano beber no decorrer da sua iniciação na Maçonaria. É uma advertência alegórica ao candidato prestes a enfrentar duras provas internas (aqui simbólicas) que ele tem de suportar sozinho, se quiser continuar. (Cf. *Mat.* 27:31-46; *Cálice da Amargura.*)

BEGOGAL-CHOL ou BEGOAL-CHOL. *1* — Significado hebraico de *in aboninatione omnium,* "em abominação a todos". *2* — Palavra de passe dos *Cavaleiros Eleitos,* grau 9.º dos Ritos Escocês Antigo e Aceito e de Mênfis. (Em alguns manuais se escreve erroneamente Bagul-kal.)

BEIJO. V. *Ósculo.*

BEITHUNG-ABARA. Palavra de passe, com o significado de *mansão de passagem,* do grau 4.º da Maçonaria de Adoção. (Cf. *B.A.*)

Obras protegidas por direitos de autor

BELBA. Anagrama da palavra *Babel* e palavra sagrada de um dos primeiros graus do Rito ou Maçonaria de Adoção.

BELEZA. Designativo de uma das três principais colunas da Maçonaria; as outras duas, análogas, são da *Força* e da *Sabedoria*. Está representada por uma coluna de ordem coríntia e pelo Segundo Vigilante, situada ao Sul e figurando a beleza que orna o Universo e de que é um rápido reflexo a passagem do Sol pelo meridiano.

BELGA REFORMADO. Título correspondente a uma das 75 Ordens maçônicas enumeradas por Ragon, e que foi estabelecido em 1819.

BÊNÇÃO. Ato realizado em várias cerimônias maçônicas, mormente durante os banquetes.

BEN-CHORIM. Palavra com a acepção de *Filho dos nobres,* que se pronuncia em duas ocasiões distintas, nas cerimônias do grau 8.º dos Ritos Escocês Antigo e Aceito, e de Mênfis. (Cf. *Surpresa, Sinal de.*)

BENEFICÊNCIA. Uma das bases e finalidades da Franco-Maçonaria em todos os seus Ritos. (Cf. *Sinal de Socorro; Socorro; Lançar o grito de.*)

BENEPLACITUS. Nome do terceiro grau dos jesuítas, que também atribuem a mesma interpretação à inicial B. ∴ (Booz) da escola misteriosa da Franco-maçonaria.

BEN-JAH, heb.. *1* — Com o significado de *filho de Deus,* é a palavra sagrada do grau 10.º do Rito de Mênfis. *2* — Segunda palavra sagrada dos *Ilustres Eleitos dos quinze,* grau 10.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. *3* — Alguns rituais consignam *Ben-akar, Ben-dak, Bendia ou Ben-Jan.*

BERITH (pacto, aliança). Uma das palavras pronunciadas ao primeiro toque dos graus 11.º e 14.º dos Ritos Escocês e de Mênfis.

BESANT, *Annie* (1847-1933). Teósofa. Nascida em Londres, de pais irlandeses, desde a infância revelou acentuada tendência mística, e em 1867 matrimoniou-se com o reverendo Frank Besant, de quem se divorciou em 1878, convertendo-se em livre-pensadora. Durante uns dez anos pertenceu à *National Secular Society,* associando-se às campanhas de Charles Bradlaugh em prol do livre-pensamento, e ajudando-o a eleger-se para a Câmara dos Comuns. Depois passou para o Socialismo e pertenceu, com Bernard Shaw, à Sociedade fabiana até 1889, quando, através do famoso jornalista e escritor G. S. Stead, conheceu a teósofa Helena P. Blavatsky, de quem lera *A Doutrina Secreta,* ingressou na Sociedade

Obras protegidas por direitos de autor

Teosófica (da qual foi presidente de 1907 a 1933), e transferiu-se para a Índia em 1893. Por volta de 1900, iniciou-se na Co-maçonaria, em Paris. Subseqüentemente foi criada Vice-Presidente Grão-Mestre do Supremo Conselho e Deputada para a Grã-Bretanha e seus Domínios, e deu um grande impulso a esse movimento na Inglaterra, Índia, Austrália, África do Sul e América.

BETH ou BET, heb., "casa". Palavra que se encontra em muitas passagens bíblicas e como radical de algumas palavras maçônicas de origem judaica. Na Bíblia, ora denota *habitação,* ora *lugar,* ora o *Templo.* No árabe moderno foi mudada para *Beit.*

BETHEBARA ou BETÁBARA, heb., "lugar do vau". *1* — Ficava no lado oriental do rio Jordão, onde João Batista batizava (*S. João* 1:28). Talvez seja o mesmo que *Beth-Bara* (*Juizes* 7:24), onde os efraimitas tomaram um vau para interceptar a fuga dos madianitas derrotados por Gedeão, e tenha analogia com o local do posterior extermínio dos efraimitas pelos galaaditas (*Juízes* 12:1-6). *2* — Palavra de passe das Mestras Perfeitas (4.º) da Maçonaria de Adoção. Também se usa *Ulete.* (Cf. *Shibboleth; Ulete.*)

BHAGAVAD-GITÂ (sânsc.), "Canto do Senhor". Poema hindu, filosófico e metafísico, que data de 300? anos a. C. Faz parte do *Mahâbhârata,* "a grande história dos descendentes do rei Bharata", e que é uma vasta epopéia em torno das intensas guerras havidas entre dois ramos rivais, descendentes desse rei. O *Gitâ* é uma exposição doutrinária de Shri Krishna a seu dileto discípulo Arjuna, num dos campos de batalha, dos ensinamentos dos Iniciados, que representam o esoterismo e misticisco do Hinduismo. É o maior e mais transcendente poema épico-filosófico do mundo, já traduzido em quase todas as línguas cultas, inclusive a portuguesa. Serve de *Volume do Conhecimento Sagrado* em muitas Lojas maçônicas indianas.

BÍBLIA (do grego *biblia,* coleção de escritos, pl. de *biblion,* "pequeno livro", dim. de *biblos*). *1* — Com o Antigo e o Novo Testamento, é o livro sagrado do Cristianismo, e apenas com o Antigo Testamento, é o livro sagrado dos judeus. *2* — Na grande maioria das Lojas maçônicas entre os povos cristãos, constitui o seu *Volume do Conhecimento Sagrado.* (Cf. *Decoração da Loja; Mobiliário.*)

BÍBLICA. Segundo Ragon, nome atribuído a uma das 75 Maçonarias.

Obras protegidas por direitos de autor

BIBLIOGRAFIA. Quando especificamente maçônica, é o conjunto de obras e documentos relativos à origem, organização, espírito, estatística e desenvolvimento da Ordem.

BIBLIOTECA. Coleção de livros e outros documentos, mantida pela Loja, para consulta e instrução de maçons e às vezes de profanos. Não raro ocupa um ou mais cômodos.

BILSAAN ou BILSHAN (filho da língua ou *eloqüente*). Nome do Escocismo Reformado, como um dos nove Superintendentes que alguns rituais dos Princípios de Jerusalém dão ao grau 8.º do Templo de Jerusalém.

BIRS NIMRUD (cald.). Segundo os orientalistas, é o lugar onde se erigiu a Torre de Babel, nas cercanias de Babilônia. Sir H. Rawlinson e vários assiriólogos, examinando as escavações das ruinas, notaram que a torre constava de sete andares de obra de ladrilho, cada um dos quais de cor diferente, o que prova que o templo estava dedicado aos sete planetas. Embora os três andares superiores estejam em ruínas, a torre se eleva ainda hoje a 154 pés sobre o nível da planície. (V. *Borsippa; Iniciação.*)

B.·. J.·. M.·. N.·. Letras gravadas nas quatro extremidades da cruz de Santo André, a jóia dos *Grandes Escoceses de Santo André de Escócia* ou *Patriarcas das Cruzadas, Cavaleiros do Sol, Grão-Mestres da Luz*, grau 29.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. São as iniciais das palavras *Booz, Jachin, Moabon, Nehamah.*

BINÁRIO. *1* — O que se refere ao número 2. *2* — Lei do binário, oposição, dualidade.

BLAVATSKY, *Helena Petrowna* (1831 91). Teósofa. Nascida em Ekaterinoslav (Rússia), de família nobre, contraiu matrimônio com o general N. V. Blavatsky, de quem se separou logo após. Ávida de conhecimentos desde a infância, passou a percorrer o mundo, tendo conseguido penetrar no Tibete, onde permaneceu sete anos, desde 1851. Ali foi instruída na "Sabedoria Antiga" pela "Grande Fraternidade Branca", formada de sábios Seres chamados "Iniciados", "Adeptos", "Mestres" ou "Mahatmas" (Grandes Almas). Achando-se em Nova Iorque, em investigações psíquicas, ali conheceu o coronel norte-americano Henry Steel Olcott, com quem fundou a Sociedade Teosófica em 17 de novembro de 1875, transferindo-a em 1878 para Adyar, Madras, Índia, onde ainda mantém a sua sede mundial. Em 1877 publicou a obra *Isis Sem Véu* (4 vols.) e 1888 *A Doutrina Secreta* (6 vols), que são repositórios de vastos e profundos conhecimentos, entre os quais avultam os

Obras protegidas por direitos de autor

maçônicos, além de outras obras, como a monografia *Origens do Ritual na Igreja e na Maçonaria.*

Sobre a admissão de H. P. Blavatsky no Rito de Mênfis escreve o Irmão C. Jinarajadasa 33.º, em *The Theosophist* de dezembro de 1951, de Adyar, Madras 20, Índia:

"Vivia na Inglaterra um eruditíssimo Maçom, John Yarker, que tinha os graus P. Z. e P. M. naquele país. Em 1872 recebeu ele uma Carta-Patente do Rito nos Estados Unidos, para trabalhar na Inglaterra. Posteriormente foi formalmente declarado Grande Hierofante, e foi ele, como Grande Hierofante do Rito de Mênfis, que em 24 de novembro de 1877 expediu a H. P. Blavatsky o seu Diploma de *Cav. Kadosh.* Os vários graus mencionados em seu Diploma (com exceção dos três primeiros) se encontram no ritual do Rito de Mênfis e de Misraim, expedidos pelo mesmo John Yarker. Estes graus aparecem relacionados nos dois obeliscos do Diploma de Mme. Blavatsky. Teria ele criado novos graus especialmente para ela? Note-se que ela assina o seu Diploma no lugar usual, marcado "ne varietur".

B'NAI B'RITH. Maçonaria judaica, composta exclusivamente de israelitas.

BOA VIAGEM. Palavra sagrada dos Companheiros da Francocarbonaria (Maçonaria dos Bosques).

BOI. Animal figurado em muitas cerimônias da Franco-maçonaria, como símbolo de força e trabalho. (Cf. *Tauro.*)

BOLAS. São usadas nos escrutínios para expressar os votos dos Irmãos. As brancas aprovam, as pretas desaprovam, e as mistas denotam indecisão.

BOLSA. *1* — Atributo do Oficial Superior da Ordem Sofísio denominada Azathos. *2* — Nas oficinas ou Lojas de todos os Ritos, destina-se a recolher as esmolas e propostas dos Irmãos; no primeiro caso, recebe o nome de *Tronco de Beneficência* ou da *Viúva,* e no segundo, *Saco de Proposições.*

BOMBA. Durante os banquetes da Maçonaria, emprega-se esta palavra para significar atenção, ao propor algum irmão um brinde qualquer.

BONNE VIE. Palavra sagrada dos *Companheiros Lenhadores* e *Carvoeiros* da França.

BOOZ ou BOAZ. *1* — Bisavô de Davi (Ruth 1:13-22). Deriva-se de *B,* que significa "em", e *oaz,* "força", e portanto "na força", e era o nome simbólico da primeira coluna à esquerda do pórtico do templo de Salomão (*I Reis* 7:21 e *II Crôn.* 3:17),

Obras protegidas por direitos de autor

ao Sul e a par da coluna *Jachin* ao Norte. Ambas se erguem na entrada dos templos maçônicos. (Cf. *Jachin*). *2* — Palavra sagrada de dois distintos graus do simbolismo nos Ritos Moderno ou Francês, Escocês e de Mênfis, aparecendo sua inicial gravada numa das colunas dos três graus simbólicos. (Cf. *Luminares.*)

BORDA DENTADA. *1* — Borda marchetada que circunda o pavimento de mosaico e pertence aos *Ornamentos* da Loja maçônica. Diz-se que antigamente era formada de fios entrelaçados, porém atualmente é uma borda marchetada, disposta à maneira de dentes caninos. *2* — Cordão entrelaçado, que decora a parte superior de alguns templos como emblema do laço fraternal que une todos os maçons. *3* — Nos começos do século dezoito, os símbolos da Ordem eram desenhados a giz no chão, e em torno deste diagrama se colocava uma corda pesada, ornamentada de borlas e por isso era chamada "borla dentada", que posteriormente se corrompeu em "borda marchetada". Os franceses a denominam *la houpe dentelée*, e a descrevem como "uma corda formada de lindos nós amorosos, que circunda a prancha de traçar". *4* — O ritual comaçônico a considera um emblema da Muralha de Guardiães Protetores da humanidade, constituída pelos Adeptos ou Homens Perfeitos que galgaram o pináculo da perfeição evolutiva. (Cf. *Cordão de Amor; Ornamentos;* S.D. I, 117/8.)

BORRI, *Joseph Francis*. Eminente filósofo hermético, nascido em Milão no século XVII. Foi um adepto, alquimista e ardoroso ocultista. Demasiado sábio para a sua época, foi condenado à morte por heresia em janeiro de 1661, depois da morte do Papa Inocêncio X. Conseguindo escapar, viveu ainda muitos anos, até que, por fim, havendo sido reconhecido por um frade num povoado da Turquia, foi denunciado, reclamado pelo núncio do Papa, conduzido de novo a Roma e ali encarcerado no dia 10 de agosto de 1675. Todavia, os fatos indicam haver Borri evadido de novo, de maneira tal que não se soube explicar.

BORSIPPA (cald.). A Torre planetária, em que Bel era adorado nos dias em que os astrólatas eram os maiores astrônomos. Estava dedicada a Neb, deus da Sabedoria. (Cf. *Baal; Birs Ninrud.*)

BOSSINIUS. Nome do grau 7.º do segundo templo do Rito dos Arquitetos da África, também conhecido por *Filósofo Cristão.*

BRANCO. Uma das cores mais importantes nas cerimônias e atributos da Ordem. Simboliza a candura e a inocência. No *Rito da Estrela do Oriente* alude ao vestido de Esther e caracteriza o seu terceiro ponto ou grau.

Obras protegidas por direitos de autor

BRASIL, *I — Período Colonial*. Permanecem algo nebulosos e caóticos os primórdios da Maçonaria no Brasil; todavia, não resta dúvida de que sua introdução neste país deve ter ocorrido no século dezoito, em consonância com o despertar da consciência nacional brasileira e o seu crescente desejo de independência, avolumados depois das derrotas que desde o começo dêsse século vinham os brasileiros infligindo aos seus colonizadores estrangeiros, mormente os holandeses, e não raro com a ajuda mínima de seus colonizadores lusos. Para agravar, estes se mostravam implacáveis e cruéis em estrangular qualquer sentimento nativista de emancipação política do jugo estrangeiro. Segundo insuspeitos historiadores (ver *A Maçonaria e a Grandeza do Brasil,* de A. T. Cavalcanti, uma obra bem documentada), não só Tiradentes, o protomártir de nossa Independência, como outros inconfidentes, eram todos maçons. O alferes Joaquim José Xavier (o Tiradentes) chegou mesmo a fundar uma Loja maçônica no Tijuco (hoje Diamantina), Minas Gerais. No Norte, os primeiros passos decisivos para a implantação da Maçonaria no país foram dados em Pernambuco e Bahia pelo Grande Oriente da França, com o Rito Moderno ou Francês, e no Sul, isto é, no Estado do Rio de Janeiro, pelo Grande Oriente de Portugal, com o Rito Adoniramita. Em 1801 e 1802 havia maçons dispersos em Olinda, Salvador, Rio de Janeiro, Campos, Niterói e Minas Gerais. Em 1801 se fundou em Salvador a Loja *Virtude e Razão,* que todavia teve curta duração, devido às perseguições do governo português, enquanto que em Pernambuco, beirando a mesma época, foram fundadas as Lojas *Guatimosim, Firme União, União Campista* e *Filantropia e Moral.* Alguns membros remanescentes da Loja *Virtude e Razão* fundaram em 30 de março de 1807 a Loja *Virtude e Razão Restaurada,* que passou a denominar-se Loja *Humanidade,* e a seguir surgiu a Loja *União.* Com essas Lojas se fundou o primeiro Grande Oriente Brasileiro, com sede na Bahia, porém teve vida efêmera, por ter desaparecido com as Lojas na voragem punitiva que se seguiu à fracassada revolução pernambucana de 1817. Ao passo que no Sul, em 1804, se fundou a primeira Loja no Rio de Janeiro, denominada *Reunião,* filiada ao Grande Oriente Lusitano e funcionando no Rito Adoniramita, atraindo os maçons até então dispersos. Nesse mesmo ano chegou ao Rio de Janeiro um delegado do Grande Oriente Lusitano, portador de Constituição e Regulamento dessa Ordem, com o fim de obrigar todos os maçons brasileiros a se filiarem àquele Grande Oriente. Frustrado em seu intento, esse delegado enviou

Obras protegidas por direitos de autor

um mensageiro a Lisboa, a expor ali os motivos da recusa dos brasileiros em aceitarem aquela Obediência. Ante a impossibilidade de um acordo com a Loja *Reunião,* o delegado português fundou no Rio de Janeiro as Lojas *Constância* e *Filantropia,* e *Emancipação,* também filiadas ao Grande Oriente Lusitano. Com o advento das cortes portuguesas para o Brasil, em 1808, surgiu depois a Loja *S. João de Bragança,* da qual fizeram parte muitos funcionários do Paço. Seguiu-se-lhe a *Distintiva* em 1812, a qual em seu selo tinha por emblema um índio de olhos vendados e em cadeias, qual um gênio prestes a libertar-se. Em 1815 se fundou a Loja *Comércio e Artes* que, após cair em letargia, foi reerguida em 1821, e ainda subsiste. Esta Loja chegou a contar 94 membros ativos em 1822, pelo que se decidiu criar duas Lojas suplementares: a *União e Tranqüilidade* e a *Esperança de Niterói.* A principal tarefa dessas Lojas consistiu então em promover a campanha da libertação política do Brasil. A 2 de agosto desse mesmo ano, o príncipe D. Pedro é iniciado ritualisticamente na Loja *Comércio e Artes,* sob o nome histórico de *Guatimosim,* e a 5 do mesmo mês é exaltado a Mestre maçom. Em 17 de junho de 1822 convocou-se uma Assembléia Geral, que criou e instalou o Grande Oriente do Brasil, com o fim de tornar completamente autônoma a Maçonaria no país. As primeiras potências maçônicas a reconhecê-lo foram a França, a Inglaterra e os Estados Unidos da América do Norte.

II — Período Monárquico. O Grande Oriente do Brasil foi fechado pelo seu Grão-Mestre, o imperador Pedro I, quatro meses após sua instalação. Mas em 1827 alguns irmãos iniciaram outro movimento para reacender a Maçonaria no país, e em 1828 criaram um corpo diretor denominado Grande Oriente Brasileiro, porém apenas simbólico e com uma Loja funcionando no Rito Escocês Antigo e Aceito. Em 1831, depois da abdicação de D. Pedro I, abriu-se nova pugna entre maçons brasileiros; pois, com a reinstalação, em 23 de novembro desse ano, do anterior Grande Oriente Brasileiro, passaram os dois Orientes a tratar-se como inimigos, não obstante trabalharem ambos no Rito Moderno ou Francês. O Grande Oriente do Brasil esteve quase sempre em luta com outras potências maçônicas, e em funcionamento irregular, a não ser nos breves periodos em que viveu à sombra do Supremo Conselho para os Estados Unidos do Brasil. Em 12 de novembro de 1832 o antigo embaixador brasileiro Montezuma, munido de plenos poderes do Supremo Conselho da Bélgica, fundou um Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito,

Obras protegidas por direitos de autor

no Rio de Janeiro, onde instalou uma Loja a que denominou *Educação e Moral.* Este ilustre irmão era filiado a uma Loja do Gr. ∴ Or. ∴ do Brasil e a uma outra do anterior Gr. ∴ Or. ∴ Brasileiro, e com o advento desta nova situação, passaram os dois Grandes Orientes a criar Capítulos e Consistórios, cada qual com um Supremo Conselho. Em 23 de fevereiro de 1834 foi celebrado em Paris o "Traité d'Union d'Alliance et Confédération Maçonnique" entre os Supremos Conselhos dos EE. UU. da América do Norte, França e Brasil, este último representado pelo Grande Lugar-tenente Comendador Machado E. Silva. Em 23 de outubro de 1835, alguns membros do Supremo Conselho do Brasil, reunidos irregularmente em Supremo Conselho, sem processo e em sua ausência, demitiram de suas funções o Soberano Grande Comendador Montezuma. Êste reagiu contra ato tão irregular, acionando os rebeldes, e continuou a exercer suas funções até 18 de fevereiro de 1844, quando cessou de o ser por fôrça do tratado de Paris, em razão do afastamento de grande número de Irmãos, segundo o manifesto do Supremo Conselho da França. Por esse tratado, o Supremo Conselho do Brasil, então mais conhecido como Supremo Conselho Montezuma, deixou de fazer parte da Federação de Paris. Do verdadeiro Supremo Conselho do Brasil, assim feito adormecer, surgiram três novos Supremos Conselhos, dois dos quais, de vida efêmera, se fundiram no Grande Oriente do Brasil. O outro grupo, emanado do Supremo Conselho de Montezuma desde 1842, reuniu-se ao anterior Grande Oriente Brasileiro, tomando o nome de Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito do Grande Oriente Brasileiro, o qual aboliu inteiramente o Rito Moderno ou Francês. Rompido o tratado de união de 1842, apareceu um Grande Oriente e Supremo Conselho sob a direção do Marquês de Caxias, que, porém, logo aconselhou sua extinção. Depois, surgiu um outro Supremo Conselho, presidido pelo Conde de Lages, com dezessete membros, mas também teve pouca duração. Reinando a anarquia em todas estas Ordens, cada multiplicação sua redundava em nôvo fracasso. Em 1843 foi fundada a Companhia Glória de Lavradio, com novo Grande Oriente, que também acabou se cindindo em dois grupos. Um dos grupos aclamou seu Grão-Mestre de Lavradio o barão de Cairu, ao passo que um dos dignitários do outro grupo, tendo monopolizado todos os poderes, provocou o afastamento de mais de 1 500 maçons, os quais, sob a direção do grande irmão Dr. Joaquim Saldanha Marinho, fundaram em 1863 o Grande Oriente e Supremo Conselho dos Beneditinos. Em 1865 os

Obras protegidas por direitos de autor

Grandes Orientes da França e de Portugal resolveram reconhecer o Grande Oriente dos Beneditinos como o único legal, e renovaram o tratado de aliança de 16 de maio de 1865; e graças aos esforços de seu Grão-Mestre, o Grande Criente e Supremo Conselho dos Beneditinos chegaram a contar 49 Lojas em 1869. O Grande Oriente do Vale do Lavradio promulgou em 20 de abril de 1865 a sua Constituição e Estatutos Gerais, e o do Vale dos Beneditinos promulgou a sua em 25 de setembro de 1866, ambas admitindo o Rito Escocês Antigo e Aceito, o Moderno ou Francês, e o Adoniramita, e mesmo "todos os Ritos que estejam em harmonia com os princípios maçônicos e disposições da presente Constituição". Em 1870 o visconde do Rio Branco foi eleito Grão-Mestre do Grande Oriente do Lavradio, ao passo que Saldanha Marinho sempre deteve esse cargo na Ordem dos Beneditinos. Em 1872, mercê dos esforços do Grande Oriente de Lisboa, estes dois Grandes Orientes foram reunidos sob a denominação de Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil, e a sua Constituição provisória foi promulgada em 23 de setembro de 1872, no vale do Lavradio. Na ocasião da fusão havia 122 Lojas, das quais 68 Capitulares: 99 eram do Rito Escocês Antigo e Aceito, 11 do Rito Moderno ou Francês, 9 do Rito Adoniramita, 1 da Grande Loja de Hamburgo; 1 de Iorque e 1 de Adoção (mulheres). Delas, 51 provinham do Gr. ˙ . Or. ˙ . dos Beneditinos, 31 dos de Lavradio e 40 cujas colunas foram erguidas depois da constituição do Grande Oriente Unido e Superior Conselho do Brasil. A família maçônica brasileira estava de novo pacificada e a Ordem prosperou até a reeleição do Grão-Mestre, a qual decorreu acidentada, pois o candidato dos Beneditinos obteve grande maioria de votos sobre o do Grande Oriente do Brasil. Então o Grande Oriente de Lavradio declarou nula a unificação dos dois Grandes Orientes, feita em setembro de 1872. Este caso foi submetido às potências estrangeiras, as quais, por grande maioria, decidiram que o visconde do Rio Branco não se achava qualificado para anular uma fusão e deram ganho de causa a Saldanha Marinho. Como nenhum acordo fora obtido entre os dois ex-Grandes Orientes, Saldanha retornou aos Beneditinos, mas continuando a dirigir o Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil, e desta vez com o reconhecimento de quase todas as potências mundiais. Saldanha Marinho deteve esse primeiro malhete até 1880, e o Visconde do Rio Branco permaneceu Grão-Mestre do G. ˙ . Or. ˙ . do Brasil até 1878, quando o sucedeu o Grão-Mestre Adjunto. Dr. F. J. C. Júnior.

Obras protegidas por direitos de autor

III — Período Republicano. Daí em diante a Maçonaria no Brasil prosseguiu mais ou menos normalmente suas atividades, sem lances historicamente notáveis, a não ser algumas alterações em sua Constituição, tendentes a definir, restringir ou ampliar poderes, até que em junho de 1927 o Supremo Conselho, convocado pelo Grande Comendador Dr. Otávio Kelly, resolveu romper o Tratado de união com o Grande Oriente do Brasil, que havia sido firmado em 1864, para constituir-se uma potência maçônica mista. Este ato provocou a fundação de Grandes Lojas soberanas em vários Estados do Brasil, com jurisdição nas Lojas de seu território; Lojas de Perfeição, Capítulos, Conselho de Kadosh e Consistórios de Príncipes do Real Segredo, obedientes ao Supremo Conselho. Todas as Grandes Lojas fundadas trocaram representantes com as Grandes Lojas do Mundo, muitas das quais deixaram de reconhecer o Grande Oriente do Brasil como potência maçônica regular. Ao passo que o Supremo Conselho, funcionando no Grande Oriente do Brasil, fundado ao arrepio das Grandes Constituições e resoluções da Confederação dos Supremos Conselhos, é julgado espúrio e irregular pelos demais Supremos Conselhos, não tendo por isso sido recebido no Congresso dos Supremos Conselhos, realizado em Paris em 1928 e em Bruxelas em 1935. Por esses motivos, o Grande Oriente do Brasil tem sofrido contínuas fragmentações, pois muitas Lojas têm se retirado de sua jurisdição para fundar novas potências, umas regulares e outras não.

BREVE. Documento expressamente expedido a favor de um irmão do grau Rosa-Cruz. (Cf. *Diploma*.)

BRINDES. São sete os que se fazem durante os banquetes maçônicos. O primeiro, ao Governo da nação; o segundo, ao Grão-Mestre e grandes dignitários; o terceiro, ao Venerável da Loja; o quarto, aos Vigilantes; o quinto, aos visitantes da Loja; o sexto, aos Oficiais da Loja, e o sétimo, a todos os maçons do mundo. Os três primeiros e o último devem ser feitos de pé, e antes do último poderão ser intercalados os que forem considerados oportunos.

BRÔMIO. Título do grau 5.º da escala simbólica dos antigos mistérios dos Mitríades.

BROQUÉIS. Nome dado aos assentos, na linguagem simbólica empregada nos banquetes da Maçonaria Escandinava. Também os denominam *escudos*.

BUFETE. Nome dado às vezes à escrivaninha, mesa ou pedestal que se coloca diante dos Vigilantes, do Orador, do Secre-

Obras protegidas por direitos de autor

tário do Tesoureiro e do Hospitalar. No entanto, em muitas Lojas é substituído apenas por uma coluna, às vezes encimada por uma superfície circular ou triangular. (Cf. *Pedestal.*)

BURIL. *1* — Denominação que se dá às penas e lápis das Lojas simbólicas. *2* — Nome dado à pena, na linguagem simbólica dos *Kadosh,* no grau 5.º do Rito Moderno ou Francês.

BURILAR. *1* — Aperfeiçoar sua personalidade. *2* — Escrever.

BUSCADOR. Segundo Ragon, nome atribuído ao 1.º grau das provas dos iniciados da Ásia.

BZITIL. Palavra de reconhecimento entre os membros de uma agremiação secreta de índios, que se diz terem sido iniciados nos segredos da Maçonaria desde o princípio do século atual, por um general norte-americano, comandante do exército nas fronteiras anglo-saxônicas do Texas, no México.

Obras protegidas por direitos de autor

C

C. *1* — Terceira letra do alfabeto maçônico, cuja grafia, à p. 16 varia em diversos Ritos e graus. *2* — Uma das letras misteriosas que figuram na caverna de recepção dos *Noviços,* grau 1.º da *Ordem dos Filósofos Desconhecidos.* *3* — No alfabeto filosófico hermético vem designada pelo número 14 e é inicial de *Crocodilo.* *4* — *As Comendadoras da Beneficência* (R. ·. C. ·. de Damas), grau 9.º da Maçonaria de Adoção em 10 graus, têm nas bordas, entre outras letras, sobre a faixa distintiva da Ordem, um C. ·., inicial da *Caridade.* *5* — Sobre cada uma das faces da placa que constitui a jóia dos Grãos-Mestres Arquitetos, grau 12.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, estão gravadas cinco colunas representativas das cinco Ordens Arquitetônicas, e sobre cada capitel se vêem as letras C. ·. D. ·. T. ·. J. ·. C. ·. Segundo uns autores, essas cinco letras são as iniciais das cinco ordens arquitetônicas, e segundo outros, correspondem, respectivamente, aos seguintes termos hebraicos: *Cheved* (Grandeza), *Devek* (União), *Thokath* (Força), *Jophi* (Beleza) e *Chillah* (Perfeição), o que parece relacionar-se com as cinco pontas da Estrela Flamígera, símbolo do homem perfeito. *6* — Entre as letras gravadas no cabo do machado dos *Cavaleiros do Real Machado* (ou *Acha*), ou *Príncipes do Líbano,* grau 22.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, se vê um C. ·., como inicial de *Ciro* e *Cham.* *7* — Os *Cavaleiros Benéficos,* grau 67.º da terceira série chamada Mística, do Rito de Misraim, trazem um C. ·. bordado na faixa característica desse grau, como inicial de *Caridade.* *8* — Na jóia e no hieróglifo dos *Cavaleiros do Arco Iris,* grau 68.º do Rito de Misraim, vêm geralmente as letras A. ·. E. ·. C. ·., que são as iniciais das palavras *Arc en ciel.* *9* — Na faixa dos *Príncipes do Supremo Consistório,* grau 72.º desse mesmo Rito, o C. ·. é inicial de Consistório. *10* — Na faixa dos *Soberanos Príncipes* dos graus 73.º, 74.º, 76.º, 77.º, 82.º, 84.º, 87.º, 88.º e 89.º, do referido Rito, o C. ·. que figura entre outras letras, é inicial de *Conselho.* *11* — Gra-

Obras protegidas por direitos de autor

vada ou pintada num dos sete candelabros empregados nas cerimônias do grau 17.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, representa a Calúnia, um dos vícios a combater nesse grau. *12* — Costuma também ser, indistintamente, inicial de *Companheiro, Cavaleiro* e *Câmara* e (entre os maçons ingleses e americanos) *Capelão.*

CABALA ou KABALA (heb. *Cabbalah,* "tradição" oral). *1* — A sabedoria oculta dos rabinos judeus da Idade Média. *2* — Sabedoria derivada de doutrinas secretas mais antigas, concernentes à cosmogonia e a coisas divinas, que se combinaram para constituir uma teologia depois da época do cativeiro dos judeus em Babilônia, baseada numa interpretação mística das Escrituras. Contém ainda fragmentos de conhecimentos simbólicos que outrora foram exclusividade de iniciados. *3* — Tão estreitas são as analogias entre certas doutrinas da Cabala e algumas dos primeiros graus da Maçonaria, que se tem atribuído aos estudantes cabalistas a responsabilidade pela introdução da Maçonaria especulativa na Ordem moderna. Mas, em suma, a literatura cabalista não passa de uma porção escrita de certos ensinamentos pertencentes aos judeus, herdados por uma linha independente e que, todavia, podem haver cruzado com a Ordem maçônica e tê-la influenciado posteriormente, em certa medida. Com efeito, essa literatura é uma amálgama multi-secular, desenvolvida sob a influência de muitos tipos de pensamento: judaico, gnóstico, neoplatônico, grego, árabe e persa, e nunca foi totalmente traduzida para qualquer língua européia. Compõem-na certos grandes textos escritos em hebraico e aramaico, e de uma massa de comentários sôbre eles, compilados por judeus de muitos países e séculos. Os textos mais importantes são o *Sepher Yetzirah,* o *Sepher ha Zohar,* ou *Livro do Esplendor.* Atribui-se a data de ambos ao segundo século a. C., mas em realidade foram escritos bem posteriormente, tendo o primeiro sido completado no século X, e o segundo aí pelo século XII. Tornaram-se mais conhecidos na Europa um pouco antes da emergência da Maçonaria especulativa (isto é, durante o século XVII), através de várias obras latinas do Barão Knorr von Rosenroth, Athanasius Kirscher, de Reuchlin, e uma tradução latina do *Yetzirah.* Diz o Irmão A. E. White, principal autoridade no assunto: "A tradição escrita judaica pressupõe uma tradição mais vasta, que não foi transcrita. Por exemplo, o *Zohar,* seu principal compêndio, refere-se a cada passo a um grande corpo de doutrinas como algo muito bem conhecido pelo círculo da iniciação, e que constitui o escopo exclusivo da

Obras protegidas por direitos de autor

obra." (*Secret Tradition in Freemasonry,* I, 64.) Os livros de Ezequiel, Daniel e Enoque e o *Apocalipse* de S. João são puramente cabalísticos.

O simbolismo maçônico nos sugere o esquema deste corpo de doutrinas, conquanto numa linha diferente. Na Cabala se pode achar uma chave para muita coisa ainda obscura nos modernos rituais maçônicos, e muitas de suas passagens projetam luz nas cerimônias e símbolos da Maçonaria. Ao maçom pesquisador pode, pois, ser muito útil e interessante um estudo da teosofia cabalista.

CABALISTAS ou CABALÍSTICOS. Denominação dada aos maçons, sistemas, ordens, ritos e obras dedicados à Cabala ou dela derivados.

CABALÍSTICA. *1* — Título atribuído à 4.ª das séries em que se divide o Rito de Misraim. Tal série se subdivide em três grupos ou classes, que são: 15.º, 16.º e 17.º, e estas compreendem os graus superiores, ou sejam, os dos graus 78.º ao 90.º. *2* — A mesma denominação tem a 4.ª série dos noventa graus da Ordem dos Sofísios, que vai do grau 78.º ao 90.º.

CABINA DE REFLEXÕES. Veja-se *Câmara, 9.*

CABINES. V. *Mistérios Cabínicos.*

CADEIA DE UNIÃO. Círculo ou cadeia formada pelos Maçons no curso de uma cerimônia. (Cf. *Cordão de Amor; Dhijani-pâza; Laço Místico.*)

CADEIRA. Parte do corpo de que se faz o sinal de dor no grau 8.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, e o sinal de reconhecimento no grau 12.º do mesmo Rito.

CADUCEU. *1* — Símbolo cósmico, sideral ou astronômico, cujo significado — metafísico, astronômico ou fisiológico — muda consoante a sua aplicação. *2* — Na Maçonaria se encontra entre os hieróglifos da caverna do grau de *Noviço* da Ordem dos Filósofos Desconhecidos, ocupando o quarto lugar no lado do Meio-Dia, precedido das letras *U* e *W,* com um duplo significado ou alegoria. A primeira lembra *Urna,* ou o tabernáculo, que encerra o destino dos homens e é emblema do coração dos iniciados; a segunda alude a *Wodan,* emblema do comércio, para ensinar que a prontidão na execução assegura quase sempre o êxito nas empresas. (Cf. *Nâdi,* fig. (d).)

CAGLIOSTRO, *Conde de* (1748-1795). Para os historiadores vulgares, mais simples repetidores mecânicos de relatos superficiais do que investigadores de fatos, Alessandro Cagliostro não passou de um aventureiro que, qual tênue palha foi tragada no vértice dos trágicos acontecimentos que no século XVIII em-

Obras protegidas por direitos de autor

sombraram a França. Mas para os pesquisadores honestos ele foi mais um dos muitos Adeptos e Iniciados emissários dos antigos Mistérios, que periodicamente têm aparecido no mundo e tentado abrir novos horizontes culturais e espirituais para inaugurar dias mais felizes para a sempre aflita e ignorante humanidade, porém que pagaram com a sua liberdade e vida a audácia de seus altissonantes sonhos. Tal foi o "divino" Cagliostro, por um momento o ídolo de Paris, para depois ser lançado na sórdida lama das calúnias e confundido por seus inimigos com um tal José Bálsamo, marginal comum, nascido em Palermo, Sicília, e donde fugira por crimes cometidos contra a justiça local. Primeiro Cagliostro foi acusado de envolvido no roubo do *Colar da Rainha* e encerrado na Bastilha por seis meses, até que foi apurada a sua inocência. Por último foi jogado solitário num calabouço da Inquisição, condenado pelo Santo Ofício "por haver incorrido nas censuras e penas pronunciadas contra os heréticos formais, os dogmatizantes, os heresiarcas e os mestres e discípulos da magia supersticiosa". Todavia, a verdade meridiana, que os investigadores têm feito brilhar desse odioso drama, é que, incontestavelmente, o Conde de Cagliostro foi o homem mais caluniado na história moderna, por mais de um século, e também, infelizmente, por alguns maçons, que são os que melhor deviam tê-lo compreendido, pois se contam aos milhares os "filhos da Viúva" animados como ele das melhores intenções, porém que receberam as mesmas estigmas e martírios e foram liquidados com a mesma sentença que o jogou nas lúgubres masmorras inquisitoriais.

Segundo seus próprios informes, escritos durante o seu confinamento na Bastilha, ele nasceu em Malta de uma família cristã, nobre mas desconhecida. Órfão aos três meses, foi criado e educado na Arábia sob a tutela do ancião Alphotas ou Altotas, poliglota singularmente versado em diversos ramos de filosofia, ciências e artes transcendentes. Depois ambos foram para o Egito, onde o estudante visitou a grande pirâmide e privou com instrutores de várias escolas. Dali se dirigiram para a ilha de Rodes, donde em 1766 seguiram para a ilha de Malta, sendo ali recebidos e hospedados pelo Cavalheiro Grão-Mestre Pinto. Mas ali adoeceu muito gravemente o seu bem amado tutor, que antes de falecer se despediu do jovem com estas palavras: "Meu filho, conserva sempre diante de teus olhos o temor a Deus e o amor a teu próximo; breve te convencerás por experiência própria da verdade de tudo o que aprendeste de mim." Então, Cagliostro não quis mais permanecer em Malta, e partiu para a Europa, visitando vários países.

Obras protegidas por direitos de autor

Em 1770, contando 22 anos de idade, conheceu a encantadora jovem Serafina Feliciana, com quem se casou e de quem declarou muitos anos depois, em suas *confissões*, que dezesseis anos de vida conjugal lhes serviram apenas para intensificar-lhes a mútua afeição e dedicação, e que seu único pesar era que sua infortunada esposa, não obstante suas virtudes e inocência, tivesse sofrido tão cruelmente com a imerecida perseguição que sobre ambos se precipitou como um raio. Segundo esses mesmos informes, ele foi iniciado na antiga Maçonaria Egípcia pelo Conde de Saint Germain.

Em 10 de maio de 1785, em Paris, a convite das Lojas maçônicas, Cagliostro proferiu uma conferência pública, que foi tão surpreendente por seus profundos conhecimentos como pelo seu tom profético, vaticinando tenebrosos dias que se avizinhavam rapidamente da França. Por seu conteúdo e pelo fascínio do conferencista, essa conferência abalou e excitou profundamente os poderosos setores clericais e políticos, e foi o estopim que inflamou a voraz chama de perseguições que desde então se seguiram.

Anteriormente, em Roma, fundara ou tentara fundar uma Loja Maçônica, o que, posteriormente, foi o "crime" de maior gravidade que o Santo Ofício lhe imputou. Em 1786 criou em Lyon, a pedido, o Rito Egípcio da Maçonaria andrógina, e ali fundou a Loja *Sabedoria Triunfante*, declarando que desde que as mulheres haviam sido admitidas nos antigos Mistérios, não havia nenhuma razão para excluí-las das ordens modernas. A princesa de Lamballe aceitou prazerosamente a dignidade de Mestre Honorária de sua sociedade secreta, tendo sua iniciação sido assistida por membros dos mais importantes da corte francesa. Em Maçonaria Cagliostro foi, pois, um inovador, ou melhor, um restaurador de seus antigos mistérios.

Em 27 de dezembro de 1789 foi citado perante a Inquisição pela congregação do Santo Ofício, e a 7 de abril de 1791 foi condenado à morte, tendo o Papa comutado a pena para prisão perpétua. Sua dedicada esposa foi forçada a recolher-se a um convento pelo resto de sua vida.

As notórias faculdades proféticas de Cagliostro foram habilmente descritas por Alexandre Dumas em *O Colar da Rainha*. Outros informes mais detalhados de sua vida se encontram em *Cagliostro, the Splendour and Misery of a Master of Magics*, de W. H. K. Trowbridge; *Confessions*, de Cagliostro; e na introdução do *Ritual da Maçonaria Egípcia* ideado por

Obras protegidas por direitos de autor

Cagliostro, devida às penas do Dr. Marc Haven e Daniel Nazir (Ed. *Pensamento.*) (Cf. *Rito Egipcio de Adoção.*)

CAIFÁS. Um dos autores das três sentenças contra Jesus. Nos símbolos do grau de Rosa-Cruz estão as mesmas representadas biblicamente nos três golpes dos maus companheiros contra Hiram Abiff. (Cf. *Fúrias.*)

CAIM. Simbolicamente, na Maçonaria representa os males, as paixões, e de maneira geral, o gênio da perversão em pugna contra a virtude ou o gênio do bem, biblicamente representado por Abel.

CAIXA. Urna utilizada no ritual maçônico, ora para escrutínio de bolas ou cédulas, ora para receptáculo e administração de fundos beneficentes, ora para simbolizar uma idéia ou princípio moral, ou mesmo personagem, tomando-lhe geralmente o nome. (Cf. *Bolsa; Saco de Proposições; Urna.*)

CAIXA DE ÉBANO. No catecismo do grau 7.º Escocês, é a que encerra os planos da Construção do Templo de Jerusalém.

CAIXA DE PANDORA. Símbolo oriundo da mitologia dos antigos, que é aplicada na Maçonaria de Adoção, como símbolo dos prejuízos causados pela curiosidade e imprudência.

CALENDÁRIO. Sistema de calcular e registrar o tempo da ocorrência de certos acontecimentos desde a incidência de um fenômeno ou ciclo considerado fixo ou máximo, ou a coordenação dos dias, semanas e meses do ano com os ciclos em que se baseiam. Por exemplo, o calendário hebreu é calculado desde 3761 a. C., sua data tradicional da criação do mundo, e baseia-se no ciclo ou mês lunar a começar da primeira Lua Nova depois do Equinócio Vernal (21 de março), sendo *Abib* ou *Nisan* o primeiro mês do ano eclesiástico. A maioria dos Ritos maçônicos ainda se atém ao calendário eclesiástico hebreu, mas datando seus atos desde o ano 4000 a. C., e o Rito Moderno ou Francês, para simplificar, calcula sempre seu ano desde o dia 1.º de março da era vulgar. Ao passo que o Rito de Mênfis e quase todos os Ritos orientais seguem o calendário egípcio, cujo início coincidia com a caníula (de 20 a 22 de julho, às 11 horas), e o primeiro mês era *Thot* ou *Thoth.* (Cf. *Ano Maçônico; Páscoa; Zodíaco.*)

CALENDÁRIO MAÇÔNICO. Quadro dos dias de reuniões.

CÁLICE. Vaso ou taça, usado como objeto sagrado ou simbólico entre os Rosa-Cruzes, e nos graus 1.º, 18.º e 30.º da Franco-maçonaria. Seu emprego remonta às mais antigas religiões e sociedades iniciáticas. É gerálmente um símbolo da Alma

Obras protegidas por direitos de autor

aberta ao fluxo da vida anterior, como a flor à luz solar, para em seu interior verter-se o extasiante "Vinho" da espiritualidade. (Cf. *Mistérios Gregos* — 3.)

CÁLICE DA AMARGURA. O que se dava a beber aos profanos na iniciação, como símbolo dos dissabores que pacientemente terão de suportar na vida. (Cf. *Beberagem da amargura.*)

CALVÁRIO. *1* — Termo usado para traduzir o grego *kranion,* "crânio", empregado pelos evangelistas para traduzir o arâmico *gûlgûtha,* "gólgota", literalmente "crânio". *2* — Na Bíblia é o lugar perto de Jerusalém, onde teve lugar a crucificação de Jesus o Cristo (*Luc.* 23:33; *Mat.* 27:33). É interessante assinalar-se o sentido dêste episódio dramático com o emblema da morte tradicionalmente adotado na simbologia do 3.º grau maçônico, alusivo ao martírio de Hiram Abiff. (V. este nome.) (Cf. *Caveira; Esquife.*)

CAM ou CÃO. Um dos filhos de Noé (*Gên.* 9:22); figura nas lendas bíblicas da Maçonaria. Cam, Canaan e Misraim são tidos como os progenitores do povo copto.

CAMAIL. Murça com que se decoram os Grandes Escoceses, grau 29.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, e alguns outros graus dos diferentes Ritos e sistemas maçônicos.

CÂMARA. *1* — Nome geralmente atribuído às Oficinas maçônicas ou seus departamentos, em seus graus filosóficos e administrativos, e nos diversos Ritos, e seguido de um complemento designativo de sua finalidade. *2* — *Câmara ardente* — Lugar onde se efetua uma das últimas cerimônias da iniciação no grau de Aprendiz. *3* — *Câmara de Conselho e Apelação* — É a que nos Grandes Orientes dita todos os assuntos atinentes às Lojas, e conhece em última instância as causas promovidas por elas e pelos irmãos filiados à sua Obediência. *4* — *Câmara de Correspondência e Fazenda* — A que nos Grandes Orientes se incumbem da parte administrativa e econômica da Ordem. *5* — *Câmara de Instrução* — Nome tomado por uma Loja quando se reúne para instruir seus membros sobre práticas maçônicas. (Cf. *Mistérios Egípcios,* II.) *6* — *Câmara do Meio* ou do *Centro* — Lugar em que, na Loja, os Mestres recebem o seu salário e exercem seus deveres. *7* — *Câmara do Oriente* — No grau 6.º do Rito Moderno ou Francês, é a do segundo departamento, onde se recebem os *Cavaleiros do Oriente* ou *da Espada.* Representa o Conselho de Ciro, rei da Babilônia, precedendo-a a *Câmara de Preparação* e seguindo-a a *Câmara do Ocidente.* *8* — *Câmara de Perfeição* — O templo em que os RR.·. CC.·. *Filosóficos, Perfeitos Mestres* do grau 4.º do Rito Moderno ou Fran-

Obras protegidas por direitos de autor

cês, celebram os seus trabalhos. *9 — Câmara de Reflexões* — Lugar secreto e fúnebre, em que permanecem profanos candidatos, rodeados de objetos mortuários, para que ali meditem sobre a transitoriedade das coisas mundanas e materiais, e na gravidade da vida espiritual e das responsabilidades que almejam encetar na Maçonaria. Também se denomina *Quarto, Gabinete* ou *Cabina de Reflexões. 10 — Câmara Simbólica* — Denominação genérica dada em certas ocasiões às Lojas em que se praticam os primeiros graus simbólicos.

CAMARAS. Nome dado às quatro grandes câmaras da *Potestade Suprema* que governa e administra as quatro séries do Rito de Misraim.

CAMPO. Veja-se *Acampamento.*

CAMPOS ELÍSIOS. *1* — É para os gregos o mesmo que o paraíso para os cristãos. *2* — Símbolo pintado entre flores e luzes nos funerais celebrados pelos Cavaleiros Rosa-Cruzes.

CAN.·. Abreviatura de *canela* (de perna), quando se trata de caveiras e decorações fúnebres das Lojas.

CANAPÉ. Móvel luxuoso que se coloca numa plataforma, em frente ao altar, nas cerimônias de adoção, impropriamente denominada *batismo.*

CANAPÉ CELESTE — Um ponto vertical do Zênite, também denominado *Abóbada Celeste,* onde se supõe situado um Supremo Conselho do grau 33.º, ou donde este expede os seus documentos. (Cf. *Zênite.*)

CÂNCER. Um dos doze signos zodiacais que figuram nas Lojas. (Cf. *Zodíaco.*)

CANDELABRO. Um dos objetos que entram em todas as cerimônias maçônicas, variando, em quase tôdas elas, sua forma e o número de suas luzes.

CANDIDATO, lat. *Candidatus* (segundo Cícero, "o que pretendia as dignidades vestido de branco"). *1* — Nesta acepção, candidato não é um aspirante qualquer; é, antes, aquele que satisfaz certos requisitos ou foi aprovado em determinadas provas (cf. *Apoc.* 3:5 e 18; 4:4; 6:11; 7:9, 13 e 14). *2* — Maçonicamente é o solicitante à admissão ou o aspirante ao aumento de salários, desde que em escrutínio secreto haja sido julgado "limpo e puro". No entanto, há autores que consignam esta ordem ascendente: Postulante, Candidato, Recipiendário ou Aspirante, o Neófito. (Cf. *Admissão; Profano.*)

CANHÃO. Nome com que se designa a taça ou copo nos banquetes maçônicos.

Obras protegidas por direitos de autor

CANONE. Cota anual que as Lojas pagam à Potência Maçônica a que se acham filiadas.

CANTEIROS. Uma das agremiações que, na Alemanha, integravam a antiga Confraria dos Franco-maçons construtores.

CANTICOS. Peças de música vocal executadas durante as cerimônias maçônicas.

CANTICOS DOS APRENDIZES ou DE UNIAO. Cântico do século XVIII, freqüentemente entoado no decurso dos banquetes.

CÃO. *1* — Na linguagem alegórica bíblica personifica o perseguidor ou profano. (Cf. *Sal.* 22:16; *Mat.* 7:6; *Apoc.* 22:15.) *2* — Na simbologia maçônica figura em alguns graus como emblema de fidelidade e zelo no cumprimento dos deveres.

CAOS (gr. e lat., *chaos*). *1* — O Abismo, a "Grande Profundidade", personificado no Antigo Egito pela deusa *Neith*, anterior a todos os deuses. Segundo os autores mais abalizados, é a Grande Mãe, a *Virgem Imaculada*, ou Deus feminino. *2* — Segundo a Bíblia, é o *nada* donde surgiu o mundo. *3* — Na Maçonaria, está simbolizado no primeiro grau do simbolismo. *4* — Esta palavra aparece como distintivo em alguns graus da segunda série chamada filosófica, e do Rito de Mênfis. (Cf. *Ordo ab chao; Sábio* — 2.)

CAPITAÇÃO. V. *Cânone.*

CAPITÃO. Titudo empregado pela Ordem para designar determinados cargos nas Oficinas.

CAPITEL. Parte superior de uma das colunas da Loja maçônica.

CAPÍTULO. Denominação de várias Oficinas de altos graus, e especialmente o grau 18.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, ou o dos *Cavaleiros Rosa-Cruz.* O acesso a este Capítulo depende do mérito do candidato. A esta Oficina também pertencem os *Cavaleiros de Oriente e Ocidente, Cavaleiros de Oriente ou da Espada, Príncipes de Jerusalém* e outros. Independe por completo das Lojas e pertence à jurisdição de um Supremo Conselho.

CAPÍTULO DA ESCÓCIA JACOBITA. Capítulo maçônico, que se supõe haver sido fundado por Carlos Eduardo Stuart, em Arrás, França, sob a presidência do pai de Robespièrre.

CARÁTER. Nome de um dos sinais do grau de Príncipe de Misericórdia ou Escocês Trinitário.

CARACTERES MAÇÔNICOS. Letras convencionais dos maçons para sua mútua correspondência.

CARIDADE. *1* — Um dos deveres principais e mais antigos da Maçonaria, cujas instituições e obras beneficentes são numerosas. *2* — Uma das três colunas da Maçonaria hermética. *3* —

Obras protegidas por direitos de autor

Palavra de reconhecimento dos Cavaleiros Adeptos da Ordem do Templo Moderno e dos *iniciados simples*, da mesma Ordem. *4* — Palavra sagrada dos Cavaleiros Benéficos, grau 6.º do Rito de Misraim. (Cf. *Angulo reto; Esquadro, 2; Escada de Jacó.*)

CARPINTEIRO. Títudo dos membros constituintes do grau 5.º, grupo ou classe divisionária da Franco-maçonaria.

CARREGAR. Termo convencional usado nos banquetes maçônicos, para exprimir a ação de pôr água ou vinho nos vasos e copos.

CARTA SIMBÓLICA, CAPITULAR ou CONSTITUTIVA. Título outorgado às Oficinas pela autoridade que as constitui.

CARVÃO. Símbolo maçônico, apresentado em seu estado natural ou em combustão. No primeiro caso, figura a constância, e no segundo, o fervor e outras qualidades morais.

CATAFALCO. Decoração fúnebre simulando a forma de um esquife. (Cf. *Ataúde.*)

CATECISMO. Instrução elementar, privativa de cada grau. É uma denominação de pouco uso na Maçonaria.

CATECÚMENO, lat. *catechumenus;* gr. *katechoumenos,* "pessoa instruída". Alguémrecebendo instrução sobre os fundamentos de qualquer matéria, como no antigo Cristianismo, depois da conversão e antes da confirmação. Na Igreja primitiva, assim se denominavam os adultos, pagãos ou judeus que, havendo expresso o desejo de se cristianizarem, recebiam instrução religiosa. Então eram admitidos à primeira parte da missa (até hoje denominada "missa dos catecúmenos"), mas não à Eucaristia; correspondiam, pois, ao 1.º grau simbólico da Maçonaria. (Cf. *Mistérios cristãos.*)

CAVALARIA. *1* — O conjunto de Ordens e instituições de cavaleiros organizadas na Idade Média, para a defesa da pátria e da fé. *2* — Um grupo de gentis-homens que se distinguem por sua nobreza, coragem, integridade, cortesia, respeito às mulheres e proteção aos fracos e pobres, e têm por patronos São Miguel e São Jorge.

CAVALEIRO. Na Maçonaria, todo aquele que possui algum dos graus baseados na antiga Cavalaria. É um título ali aplicado muito extensamente, abrangendo já cerca de 318 graus maçônicos e distintivos semelhantes.

CAVALEIRO COMANDANTE LUGAR-TENENTE. Título do Presidente da Loja Capitular do grau 21.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. Representa Frederico II, rei da Prússia.

Obras protegidas por direitos de autor

CAVALEIRO DA AGUIA BRANCA E NEGRA. Título do grau 30.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. (Cf. *Kadosh.*)

CAVALEIRO DA ESPADA. Título 15.º dos graus capitulares.

CAVALEIRO DA SERPENTE DE BRONZE. Título de grau 25.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

CAVALEIRO DE ELOQÜÊNCIA. O orador de um Areópago ou Capítulo.

CAVALEIRO DO ORIENTE ou DA ESPADA. Títudo do grau 15.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

CAVALEIRO DO SOL. Título do grau 28.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. (Cf. *Príncipe Adepto.*)

CAVALEIRO PRUSSIANO. Outro nome dos noaquitas (grau 21.º do Rito Escocês Antigo e Aceito).

CAVALEIRO REAL-ARCO ou PRÍNCIPE DO LÍBANO. Título do grau 22.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. (Também se diz *Cavaleiro Real-Acha.*)

CAVEIRA. Parte do esqueleto humano que aparece nos Ritos maçônicos. Vê-se na câmara de reflexões, onde se encerram os candidatos para meditar na transitoriedade da vida terrena e nas transformações operadas pela morte. (Cf. *Calvário.*)

C.·. D.·. T.·. J.:. C.·. Iniciais das palavras hebraicas *Cheved, Devek, Thokath, Jophi, Chillah,* que figuram na jóia do grau 21.º dos Ritos de Mênfis e Escocês Antigo e Aceito. Designam as cinco ordens da arquitetura e significam, respectivamente, *Grandeza, União, Força, Beleza* e *Perfeição.* (Cf. *C-5; Coluna.*)

CEIA MÍSTICA. Uma espécie de tertúlia noturna, e uma das mais simples e imponentes cerimônias da Franco-maçonaria.

CENÁCULO. Lugar próximo ao Capítulo Rosa-Cruz, destinado à celebração da Ceia Mística. (V. *Círculo; Ponto Dentro do Círculo.*)

CENTROS DINAMICOS ou DE FORÇA. V. *Chakras.*

CEPO. Nome simbólico adotado pelos companheiros, lenhadores e carvoeiros da Franco-carvoaria, para designar a mesa.

CERIMÓNIA FÚNEBRE. Trabalhos em honra dos irmãos falecidos.

CERTIFICADO. Atestado do grau de um maçom, fornecido por uma Loja a um de seus membros.

CETRO. Símbolo de poder. Figura na Maçonaria como um dos atributos de Salomão e demais soberanos, que constam das tradições da Ordem.

Obras protegidas por direitos de autor

CÉU ou ABÓBADA CELESTE. Forro de uma Loja, semeado de estrelas.

CÉU, *Terceiro*. *1* — Diz o Iniciado S. Paulo: "Conheço um homem em Cristo, que há catorze anos (se no corpo não sei; Deus o sabe) foi arrebatado até o terceiro céu" (*II. Cor.* 12.2). *2* — Título das Lojas dos *Escoceses Trinitários* ou *Príncipes de Misericórdia*, grau 26.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

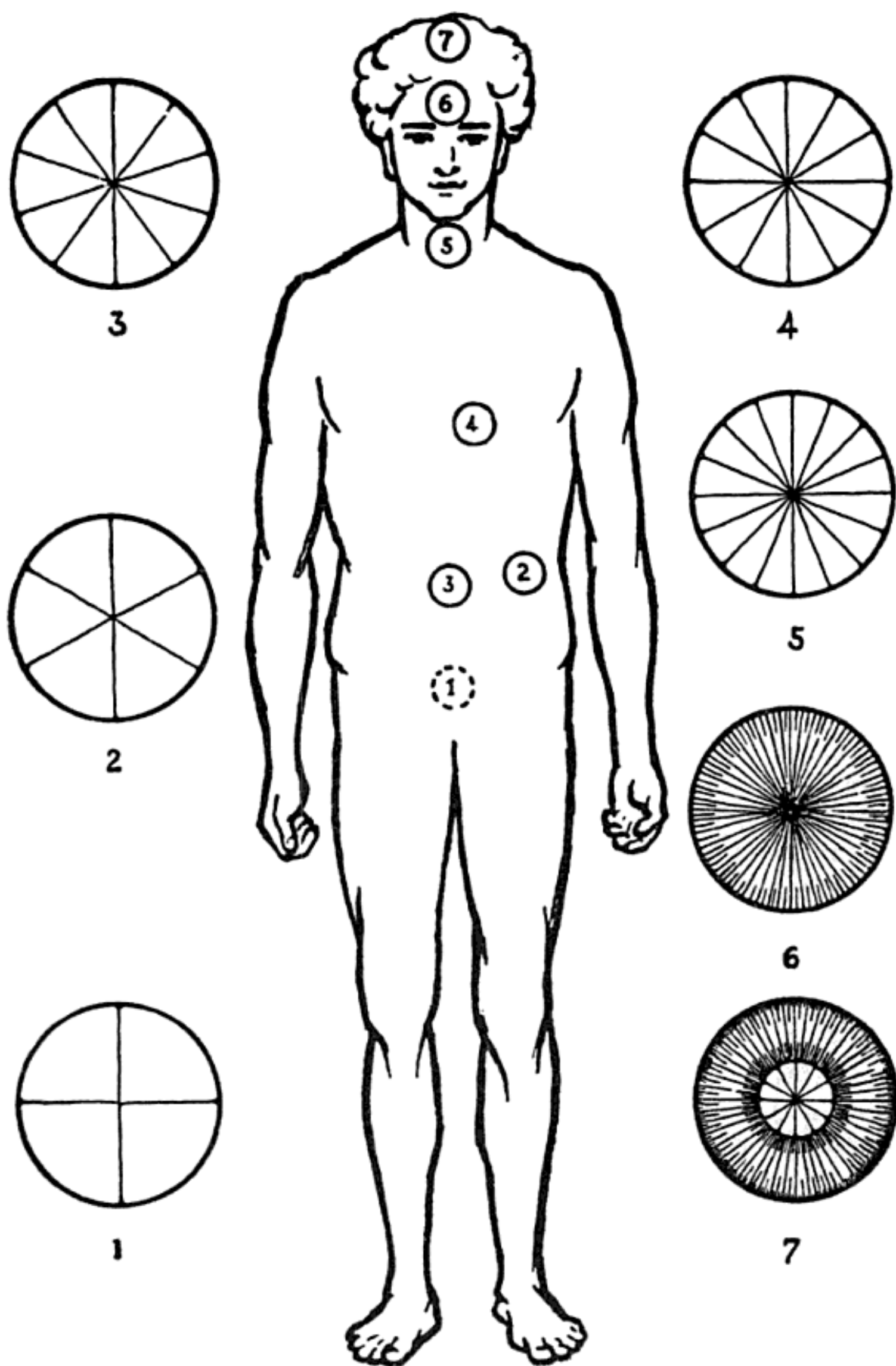
CHABAL. Uma das palavras que se pronunciam ao fazer-se o sinal de Cavaleiro da Ordem do Templo Moderno.

CHAI, KATHI ou KI. "Êle se levanta" ou "levantai-vos" — Palavra freqüentemente vista sobre a tumba de Hiram, representada no quadro dos *Secretários Íntimos* ou *Mestre por curiosidade*, grau 6.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

CHAKRAS, sâns., "rodas", "centros", "plexos". "A anatomia e fisiologia hindus ensinam a existência de sete *chakras* principais (cada qual subdivisível em sete secundários): *mûladhâra, avâdhishthâna, nipûra* ou *nâbhipadma, anâhata* ou *hritpadma, vishuddha, ajna, sahasrara* ou *sahasradala*, colocados desde a base da coluna vertebral até o alto da cabeça. O iogue toma conhecimento deles em sua meditação e chega a situá-los exatamente, e são representados sob a forma de lótus, que se colora e anima à medida que ascende *kundalini* (o poder ígneo). Cada um destes *chakras* está em estreita correspondência com certas funções físicas, mentais, vitais ou espirituais." (*Glossaires de l'Hinduisme, Fascicule I*, Jean Herbert, Ed. Ophys, Gap. Paris.) Os antigos Gnósticos também os admitiam e ensinavam na iniciação dos candidatos (V. James M. Pryse, *The Apocalipse Unsealed*, caps. II e III, Ed. John M. Pryse, Los Angeles, EUA), bem como nos Mistérios do antigo Egito e Grécia. *2* — Na Maçonaria estão ligados às suas cerimônias e sinais mais solenes. Segundo as escolas induistas, gnósticas, teosóficas e autoridades maçônicas, os *chakras* estão localizados na matéria etérica do corpo físico, ligados a certos plexos ganglionares, e assim distribuídos: 1.º, o sacro, na base da coluna vertebral; 2.º, o esplênico, no baço; 3.º, o umbilical, no plexo solar; 4.º, o cardíaco, no coração; 5.º, o faríngeo, na garganta; 6.º, o cavernoso, no espaço interciliar; 7.º, o coronário, no alto da cabeça (V. Fig. à pág. 99). Quando não completamente desenvolvidos, parecem pequenos círculos de uns cinco milímetros de diâmetro. No homem comum luzem mortiçamente, mas quando despertos e vivificados, assumem o aspecto de brilhantes e coruscentes salseiras. A ordem de seu desenvolvimento varia com as escolas, sistemas de ioga

Obras protegidas por direitos de autor

FIG. 1 — *Chakras*

Obras protegidas por direitos de autor

e natureza do individuo, mas é idêntica a sua finalidade. A respeito comenta o irmão Leadbeater: "...os gestos e palavras enunciados na Maçonaria não foram escolhidos ao acaso, mas cada qual tem o seu sentido definido e o seu poder peculiar no mundo invisível, além do seu significado no mundo físico. As Lojas da Europa habitualmente nada sabem acerca disto; nos países coloniais talvez haja algumas melhor instruídas. Os centros de força ou *chakres* estão situados nos pontos de conexão onde a energia flui de um veículo ou corpo humano para outro veículo... Em plena atividade, esses centros giram rapidamente, e por suas bocas abertas, em sentido normal à superfície do corpo, entra uma das energias que o G. A. D. U. derrama constantemente sobre o Seu sistema" (solar). (V. *Vida Oculta na Maçonaria,* pp. 120-21 *et seq.;* 3.ª ed. *Pensamento.* Cf. Fig. p. 99; *Nâdi; Sinais.*)

CHAMADA. São as pancadas convencionais dadas na porta da Loja, geralmente correspondentes ao grau em que ela está trabalhando. (Cf. *Alarma; Bateria.*)

CHAMAR RITUALMENTE. É a ação de dar as pancadas inerentes a cada grau. Ensina o catecismo do grau 20.º Escocês que a diferença no "chamar ritualmente" visa demonstrar que quem chama conhece os graus anteriores.

CHAMAS. Uma das provas simbólicas pelas quais se faz passar o candidato à iniciação, alegorizando que o fogo purifica as impurezas.

CHAMBONET. Fundador da Ordem Andrógina da Felicidade, estabelecida em Paris em 1743, e da qual ele foi Grão-Mestre.

CHAMPOLLION (1791-1831). Célebre egiptólogo francês, que fundou em Paris o museu egípcio e a quem se deve o conhecimento do alfabeto hieroglífico.

CHAPELEIROS, *Grêmio ou Fraternidade dos.* Um dos ramos do Companheirismo, cujas cerimônias para a recepção de candidatos ofereciam grande analogia com as que se praticavam nos mistérios da antigüidade. O ato tinha lugar numa grande sala, em cujo centro se colocava uma mesa, e sobre esta, uma cruz, uma coroa de espinhos, uma palma e todos os emblemas da paixão de Cristo. Na chaminé desta sala se punha um cubo cheio de água. O candidato representava Jesus, e o faziam passar simbolicamente pelas provas por que este passara na terra, desde a traição de Judas até a sua sentença e suplício. Depois era conduzido até a chaminé, onde, de rosto inclinado até o solo, se lhe derramava sobre a cabeça a água contida no cubo, e a isto se chamava o *batismo da regeneração.*

Obras protegidas por direitos de autor

Findas as provas, o neófito prestava o juramento de silêncio e era instruído nos sinais e palavras por meio dos quais se poderia dar a conhecer entre seus companheiros.

CHARLES SOTHERAN. Eminente e culto Maçom norte-americano no século XIX; grau 32.·., A. e P.R. 94.·. de Mênfis; C.:. R+; Cav.:. Kadosh. Por volta de 1875 foi secretário do Clube Liberal da Nova Iorque. Conferencista notável sobre arqueologia, filosofia mística e outras matérias. Foi iniciado na moderna Fraternidade inglesa de Rosa-Cruz e em outras sociedades secretas, além de redator do jornal maçônico de Nova Iorque, *O Defensor*. Muito lutou por uma Maçonaria viva, dinâmica, culta e liberta de preconceitos, inclusive de sexo.

CHARLESTON. Cidade norte-americana, onde em 1783 se estabeleceu uma Grande Loja de Perfeição para toda a Carolina do Sul; em 1788 se criou um Grande Conselho de Príncipes de Jerusalém, e em 1801 se inaugurou o Primeiro Supremo Conselho do grau 33.º para todos os Estados Unidos.

CHAVE. *1* — Símbolo muito em voga na Maçonaria, relacionado com a guarda de segredos, e portanto, de prudência e discrição. *2* — Título do grau 21.º do Rito Escocês de 25 graus. *3* — Insígnia do grau 7.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

CHAVE, *Mestre da*. Grau 21.º da série simbólica e 2.ª classe do Rito de Heredom ou Perfeição.

CHAVE DA ABÓBADA. Alegoria do grau de *Mestre de Marca* na Maçonaria do Real Arco, para ensinar ao neófito a necessidade de humildade e paciência.

CHAVE DA MAÇONARIA, *Cavaleiro da*. Título de um grau avulso do Regime do Martinismo.

CHAVE DE MARFIM. *1* — Distintivo dos Mestres Secretos, grau 4.º do Rito de Misraim. *2* — Emblema do Guarda-selos nas Lojas do grau 14.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

CHAVE DE OURO. *1* — Atributo do Tesoureiro nas Lojas do grau 13.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. *2* — Distintivo do Grande Haram, ou seja, do Presidente do Supremo Tribunal dos Soberanos Príncipes Talmudins, grau 71.º do Rito de Misraim.

CHAVE DE OURO, *Cavaleiro da*. Grau 3.º da Academia dos Verdadeiros Maçons, constante de seis graus (Montpeller 1780), e do Rito de Pernety e Iluminados de Avinhão.

CHAVES, *As 55*. Título de um grau hermético da nomenclatura da Universidade.

CHAVES CRUZADAS. Jóia distintiva do Tesoureiro da Maçonaria em geral.

Obras protegidas por direitos de autor

C.·. H.·. B.·. Iniciais da Ordem dos *Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa.*

CHEBOD, *Majestas*. Palavra sagrada do Supremo Grande Conselho dos Grandes Inspetores Regulares Gerais da Ordem de Misraim, grau 77.º.

CHEFE DA IRMANDADE UNIDA. Título que Adoniram deu a Johaben após a descoberta do nome sagrado, segundo o catecismo do grau 13.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

CHEFE DA MAÇONARIA. Segundo os *Regulamentos* de 1792, são-no, a título imprescritível, os Inspetores Gerais da Ordem e os Presidentes dos Sublimes Conselhos dos Príncipes da Alta Maçonaria.

CHEFE DAS DOZE TRIBOS. Títudo do grau 11.º do Rito Escocês, compreendendo 25 graus.

CHEFE DAS LOJAS ou PRÍNCIPE DE JERUSALÉM. Grau 16.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

CHEFE DE ESQUADRA. Títudo do grau 3.º da Ordem Andrógina da Felicidade, fundada em Paris em 1743.

CHEFE DO GRANDE CONSISTÓRIO. Um dos títulos do grau 23.º do Rito de Heredom.

CHEFE DO TABERNÁCULO. Grau 23.º do Rito Escocês Antigo e Aceito; graus 24.º e 28.º e, às vezes, 25.º (o de *Cavaleiro da Águia Vermelha*) do Rito de Mênfis.

CHEMIN DUPANTIS. Autor de uma notável *Enciclopédia Maçônica.* Também o chamam *Chemin du Pontis.*

CHEVED, "grandeza". Veja-se C.·. D.·. T.·. J.·. C.·.

CHIBOLET. Corrutela de *Schibboleth.*

CHILE. A Maçonaria alcançou grande desenvolvimento neste país. A primeira Loja maçônica foi ali instalada em 1840, sob os auspícios do Grande Oriente Francês. Em 1862 organizou-se a Grande Loja de Valparaiso, e em 1870 se constituiu o Supremo Conselho do Chile. Ali também existem Oficinas do Rito Escocês Antigo e Aceito.

CHILLAH, "perfeição". Veja-se C.·. D.·. T.·. J.·. C.·.

CHIVO (pron. *Civi*). "Inclinar", palavra que se traduz por "ajoelhar". (Cf. *Civi.*)

CHOCAC. Designativo do quarto mês do calendário egípcio usado no Rito de Mênfis.

CHOTSCHIM. Segundo o Ritual de Mestre, grau 3.º do Escocismo Reformado, é o nome lendário da montanha onde traba-

Obras protegidas por direitos de autor

lhavam 80 000 canteiros que lavravam pedras para o Templo de Salomão.

CHOVER. Expressão alegórica, significando haver profanos próximos ou penetrando numa conversação maçônica. Ex. *Chove*: "está presente um profano". (Cf. *Nublado.*)

CIDADE MISTERIOSA, *Arquiteto da*. Denominação do grau 68.º da 6.ª classe do Rito de Mênfis.

CIMENTO. *1* — Pimenta, na linguagem convencional dos banquetes. *2* — Alegoriza o amor que, quando verdadeiro e puro, reúne e "cimenta" as almas antes dispersas.

CÍNGULO. Cordão ou cintura simbólica que adorna e distingue certos graus maçônicos, variando com os seus respectivos Ritos.

CINTURA. Nesta parte do corpo humano intervêm alguns sinais e toques de reconhecimento, em diversos graus e Ritos.

CINZA. Simboliza nas cerimônias a caducidade do terreno, e nas religiões judaica e católica, penitência. (Cf. *Sal.* 102:9; *Jó* 2:8; *Est.* 4:3; *Mat.* 11:21.)

CINZEL. Instrumento do grau de Aprendiz, que com o malho serve para desbastar simbolicamente a pedra bruta, emblema da personalidade não educada e polida. Representa o intelecto. (V. *Magic of Freemasonry, Powell,* p. 47.)

CINZELADOR, *Grande*. Títudo do Secretário das Lojas dos *Cavaleiros da Serpente de Bronze,* grau 25.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

CÍRCULO. *1* — Figura geométrica tomada na Franco-maçonaria como símbolo da criação e do universo. *2* — Aparece no fundo da decoração da Loja do grau 4.º ou *Mestre Secreto* do Rito Escocês Antigo e Aceito, tendo inscrito um triângulo em cujo centro se acha a Estrela Flamígera. *3* — Na Co-maçonaria aparece no lado oriental do altar, limitado ao norte e ao sul por duas linhas e tendo no centro um ponto, com a acepção de que não errará o maçom que orientar por êle a sua conduta. Neste caso, o centro simboliza o Eterno, a circunferência representa a conduta, e as duas linhas, as leis de Moisés e Salomão, ou a Lei e a Justiça, o *Dharma* e o *Karma* dos hindus. (Cf. *Ponto dentro do Círculo.*)

CÍRCULO FRATERNAL. *1* — Associação maçônica adida a uma Loja, mas não trabalhando ritualisticamente. *2* — Cerimônia que se faz em algumas Obediências ou Lojas maçônicas segundo o seu Ritual, para a transmissão de palavras de passe, mormente as semestrais.

CIRCUNVOLUÇÃO. Rito adotado nos antigos Mistérios egípcios e gregos, e ainda hoje perpetuado na Maçonaria e nas re-

Obras protegidas por direitos de autor

ligiões, além das procissões ou em sua seqüência. Consiste em fazer uma solene volta em torno do Altar, com o que originariamente se aludia ao curso aparente do Sol, do Oriente para o Ocidente, e também à "dança" dos planetas (representados nas "colunas" maçônicas ou nos fiéis religiosos) em sua revolução orbital em torno do astro-rei, ali representado pelo Altar. Na Grécia de então os sacerdotes davam três voltas ao redor do Altar, durante os ritos sacrificiais, enquanto entoavam um hino sagrado, dividido em três partes, cantada cada uma em cada passagem ou circuito da procissão. Há, evidentemente, uma analogia entre esta cerimônia antiga e as recitações de hinos da Escritura durante as circunvoluções maçônicas. Determina o ritual que, durante a circulação, o ombro direito esteja voltado para o Altar, de sorte que a circunvolução se mova na Loja em sentido ocidente-norte-oriente-sul-ocidente, até tocar de novo o norte. Tanto os romanos como os druidas e industânicos empregaram este rito, pois em suas cerimônias tratavam de "imitar o exemplo do Sol, seguindo o seu curso benfeitor", naturalmente em relação aos povos setentrionais. (Cf. *Esquadrou a Loja; Viagens Simbólicas.*)

CIVI. Usado nas cerimônias do grau 7.º escocês, com a acepção de ajoelhar-se. (Cf. *Chivo.*)

C.·. K.·. H.·. Iniciais ostentadas na faixa usada pelos maçons do grau 30.º dos Ritos de Mênfis e Escocês, com o significado de *Cavaleiro Kadosh.*

CLAVIS MAÇÔNICA. Grupo de quatro graus do Rito de Misraim. O primeiro corresponde ao grau 54.º, *Mineiro;* o segundo, ao 55.º, *Lavrador;* o terceiro, ao 56.º, *Soprador,* e o quarto, ao 57.º, *Fundidor.*

COBERTURA DO TEMPLO. Precauções para preservar a Loja da intrusão de profanos. (Cf. *Cobridor.*)

COBRIDOR. Cargo dos oficiais da Loja encarregados de vigiar por sua segurança externa e interna, durante os trabalhos. No vestíbulo do templo, o Cobridor Externo examina os visitantes que desejam penetrar, para certificar-se se são maçons, e na entrada o Cobridor Interno os recebe depois de autorizado pelo Venerável, todos mediante a troca dos toques, sinais convencionais e palavras de passe.

COBRIR O TEMPLO. *1* — Fechar o templo, retirar-se da Loja em plena sessão. *2* — Manterem-se todos os oficiais ativos e vigilantes em seus postos. *3* — Sair da Loja. *4* — Fazer um irmão cobrir o Templo: medida disciplinar.

COBRIR UMA BATERIA. Repeti-la com uma aclamação.

Obras protegidas por direitos de autor

CÓDIGO MAÇÔNICO. Coletânea de preceitos que constituem o código moral da Maçonaria. (V. *Constituição; Livro da Lei; Mandamentos; Máximas; Preceitos.*)

COEN ou COHENS. Nome que na Maçonaria jesuítica significava *sacerdote.*

COLAÇÃO. *1* — Denominação de alguns ágapes maçônicos. *2* — Outorga de graus maçônicos.

COLAR. Um dos atributos do traje maçônico, em muitos graus capitulares e filosóficos.

COLÉGIO. *1* — Título das Lojas dos Maçons do Segredo, grau 7º do Escocismo Reformado. *2* — No Rito Escocês Antigo e Aceito é o título das Lojas reais, ou do Real Arco, grau 13.º; das Lojas dos *Grandes Escoceses da Abóbada Sagrada de Jaques VI,* grau 1.º; e do departamento de recepção dos *Cavaleiros da Real Acha* ou *Príncipes do Líbano,* grau 22.º. *3* — *O Colégio* ou o *Quatro vezes respeitável Mestre de Santo André de Escócia,* é o título de um grau avulso da nomenclatura de Ragon. *4* — *Colégio litúrgico*: o terceiro dos cinco Supremos Conselhos em que se divide o governo da Ordem de Mênfis. *5* — *Colégio dos sacerdotes*: constituído pelos sacerdotes nas antigas iniciações do Egito, ante os quais, reunidos, eram levados os aspirantes que haviam triunfado das provas físicas e morais, e submetidos a provas intelectuais.

COLÉGIOS. Instituições que existiram em Babilônia e em Roma, destinadas a ensinar os antigos mistérios greco-egípcios, embora algo alterados ou modificados. Os mais famosos foram os romanos, o primeiro dos quais foi fundado pelo ano 714 a. C. por Numa Pompílio, segundo rei de Roma, Iniciado e altamente culto. Ele enviou mensageiros ao Egito, Grécia, Caldéia, Palestina e outros países, para estudarem seus sistemas de Mistérios, de sorte que pudesse adotar em Roma os mais apropriados ao desenvolvimento de seu povo, baseando-se em grande parte das corporações dionisianas. Introduziu a linha de sucessão egípcia, e assim os hierofantes de seus Mistérios foram os V. Ms., à maneira dos sacerdotes do Egito e dos Maçons de hoje. Esta sucessão parece ter sido transmitida secretamente entre os Colégios de Arquitetos até a época em que o Cristianismo se tornou dominante em todo o mundo romano, no começo do terceiro século d. C. Com o tempo esses Colégios se tornaram grandes potências políticas; foram abolidos pelo Senado no ano 80 a. C. e restaurados mais tarde. Posteriormente os imperadores expediram de quando em quando éditos contra eles, e finalmente foram abolidos no ano 378 d. C. (Cf. *Dionisianos; Maçonaria Operativa; Sodales; Sodalitium.*)

Obras protegidas por direitos de autor

COLMEIA. Símbolo de operosidade e solidariedade nas cerimônias maçônicas.

COLUNA (lat. *columna*). Pilar cilíndrico, que serve de ornato ou sustentáculo da abóbada, entablamento, estátua, etc., e que consta de base, fuste e capitel. Há cinco ordens muito conhecidas: a *jônica*, a *dórica*, a *coríntia*, de origem grega, e as *compósita* e *toscana*, de origem italiana. A Maçonaria está mais relacionada com as três de origem grega: a *jônica* corresponde ao Venerável, a *dórica* ao Primeiro Vigilante, e a *coríntia* ao Segundo Vigilante, representando, respectivamente, a Sabedoria, a Força e a Beleza. (Cf. *Arquitetura; C.˙. D.˙. T.˙. J.˙. C.˙.; Ordem.*)

COLUNA DE HARMONIA. Grupo de artistas que prestam seu concurso às cerimônias maçônicas.

COLUNA FUNERÁRIA. Aquela em que se escrevem os nomes dos irmãos falecidos.

COLUNAS. *1* — As duas efetivas (J.˙. e B.˙.), colocadas na entrada do Templo maçônico. *2* — Os dois grupos de irmãos colocados longitudinalmente à direita e à esquerda da entrada no Templo. À direita é a "Coluna do Sul", e à esquerda a "Coluna do Norte". Os Aprendizes se sentam à Coluna do Norte, os Companheiros, à Coluna do Sul, e os Mestres podem colocar-se indiferentemente numa ou outra das Colunas. Os dignitários da Ordem, os antigos Veneráveis e os Veneráveis visitantes se sentam ao Oriente, à direita e à esquerda do Venerável. Cf. *Booz; Colunas simbólicas; Jachim; Pilares; Pontos Cardeais.*)

COLUNAS SALOMÔNICAS. V. *Booz; Jachin.*

COLUNAS SIMBÓLICAS. São os sustentáculos ou adornos das Oficinas maçônicas, variando sua forma e significado entre os graus e os Ritos. Diz o ritual maçônico: "Nossas Lojas estão sustentadas por três grandes colunas: a *Sabedoria* (personificada no Venerável), para idear; a *Força* (representada no 1.º Vigilante), para suster; e a *Beleza* (figurada no 2.º Vigilante), para adornar. A Sabedoria nos guia em todas as nossas iniciativas, a Força nos sustém em todas as nossas dificuldades, e a Beleza adorna o homem interno. O Universo é o templo da Divindade a Quem servimos; a Sabedoria, a Força e a Beleza rodeiam o Seu trono como colunas de Suas obras, porque Sua Sabedoria é infinita, Sua Força é onipotente, e Sua Beleza resplandece na simetria e ordem de toda a criação." Considera-se cada maçom uma coluna de sua Loja, e esta, um símbolo do Universo: "Ao vencedor, o farei uma coluna do

Obras protegidas por direitos de autor

Templo de meu Deus, e dêle nunca sairá" (*Apoc.* 3:12). (Cf. *Oficiais; Pilares; Solstícios.*)

COLUNAS SOLSTICIAIS. São as mesmas Colunas Salomônicas, geralmente nos Graus superiores. Nas Lojas situadas no hemisfério norte, a coluna B representa o solstício de verão ao Sul, presidido por João Batista, e a coluna J indica o solstício de inverno ao Norte, presidido por João Evangelista, ambos considerados no Ocidente, tradicionalmente, os patronos da Ordem. Entretanto, na antiguidade essas duas colunas tiveram outros significados, mais filosóficos e instrutivos. Para mais detalhes, ver *A Vida Oculta na Maçonaria,* Cap. II, final, de C. W. L. (Cf. *Batista, São João; Elohim; Ponto Dentro do Círculo; Solstícios*).

COMAÇONARIA ou *Ordem Maçônica Mista Internacional, "Le Droit Humain"* ("O Direito Humano"). Esta Ordem, de 33 graus, se distingue do resto do mundo maçônico pela admissão de mulheres à Maçonaria no mesmo nível de igualdade que os homens. Deriva sua sucessão dos Grandes Inspetores Gerais do grau 33.º de certos membros pertencentes ao Supremo Conselho da França, fundado pelo Conde de Grasse-Titty em 1804, do Rito Escocês Antigo e Aceito. Pelo ano de 1880 um grupo de Lojas Simbólicas sob sua jurisdição, deliberou fundar uma Grande Loja, que foi conhecida como *"La Grande Loge Symbolique Ecossais de France",* com o objetivo de governar apenas as Lojas Simbólicas, e independente do controle do Supremo Conselho. Imbuídas de ideais progressistas, entre os quais se sobressaía o de franquiar a Franco-maçonaria às mulheres, essas Lojas tomaram várias iniciativas nesse sentido. Em 1882 uma Loja, denominada *"Les Libres Penseurs",* iniciou uma mulher, a Srta. Maria Deraismes, e este ato conduziu à fundação da Ordem Comaçônica, depois de ter envolvido as Lojas em sérias dificuldades, devido à pressão externa da opinião maçonica. Essas Lojas e a sua Grande Loja ou corpo governante foram absorvidas em 1896 na *Grande Loge de France,* uma Obediência então recém-formada pelo resto das Lojas Simbólicas do mesmo Supremo Conselho do Rito Escocês, e ainda existente naquele país. Em 1893 a Srta. Maria Deraismes, assistida pelo Dr. George Martin e outros Maçons de altos graus, tomou medidas que resultaram na fundação de uma "Grande Loja da Maçonaria Simbólica Escocesa, *Le Droit Humain",* posteriormente ampliada num Supremo Conselho Internacional, com sede em Paris. Hoje está estabelecida em numerosos países, onde mantém Federações de Lojas com o governo próprio, porém sob a jurisdição do mesmo Su-

Obras protegidas por direitos de autor

premo Conselho Internacional. A primeira Loja na Inglaterra foi fundada em 1902, em Londres, sob a denominação de *Human Duty,* e a primeira no Brasil foi instalada em 1919, no Rio de Janeiro, com a denominação de *Isis.* Hoje conta neste país com uma Federação de Lojas, Capítulos e Areópagos nos diversos Estados, e apreciável número de adeptos de ambos os sexos. Eis a sua Declaração de Princípios:

Artigo 1 — A Ordem da Comaçonaria Internacional, "Le Droit Humain", afirma a igualdade essencial dos dois seres humanos, o Homem e a Mulher. Ao proclamar "Le Droit Humain" ("O Direito Humano"), a Ordem deseja que em todo o orbe venham eles a gozar de maneira igual a justiça social, numa Humanidade organizada em Sociedades livres e fraternais.

Artigo 2 — Composta de Franco-maçons de ambos os sexos, fraternalmente unidos, sem distinção de raças, de religiões, de filosofias, a Ordem prescreve, para atingir o seu objetivo, um método ritualístico e simbólico, por meio do qual seus membros edificam seu Templo à perfeição e à glória da Humanidade.

Artigo 3 — Seus membros, respeitando todas as crenças relativas à eternidade ou não-eternidade da vida espiritual, visam sobretudo realizar na terra e para todos os seres humanos, o máximo do desenvolvimento moral e intelectual, condição primária da felicidade que a todo indivíduo é possível atingir numa Humanidade fraternalmente organizada.

Artigo 4 — A Ordem da Comaçonaria Internacional, "Le Droit Humain", não professa nenhum dogma. Seu propósito é a busca da Verdade. Eis porque, em suas Lojas, as discussões ou debates atinentes a questões sociais ou religiosas não poderão, em nenhum caso, ter outra finalidade senão a de esclarecer os membros e lhes possibilitar cumprir, com melhor conhecimento de causa, seus deveres de Franco-maçons.

Artigo 5 — Os princípios e métodos de trabalho adotados pela Ordem da Comaçonaria Internacional, "Le Droit Humain", são os das Grandes Constituições Escocesas de 1786 E. ·. V. ·., revistas pela Convenção dos nove Supremos Conselhos de países diferentes do globo, que foram representados no Zênite de Lausana, Suíça, em 22 de setembro de 1875 E. ·. V. ·. A Constituição, rituais, telhador geral e regulamentos gerais do 1.º ao 33.º grau incluso, adotados pela Convenção Internacional de 9 a 15 de agosto de 1920 E. ·. V. ·.,

Obras protegidas por direitos de autor

foram adaptados ao trabalho das Lojas mistas de todos os graus simbólicos e administrativos da Ordem.

Artigo 6 — Podem ser autorizadas pelo Supremo Conselho Lojas dos diversos graus praticados pelas Maçonarias nacionais, cujos rituais deverão ser adaptados ao trabalho das Lojas Comaçônicas.

Artigo 7 — As Lojas da Ordem da Comaçonaria Internacional, "Le Droit Humain", trabalham "À Perfeição da Humanidade", ou "À Glória do Grande Arquiteto do Universo". (Cf. *Maçonaria Feminina; Real Arco, Maçonaria do.*)

COMANDANTE. Título de certas funções ou de determinados graus maçônicos.

COMANDO. Denominação dada à suprema jurisdição ou alta direção das Oficinas do Rito Templário, mormente nos países de origem anglo-saxônica.

COMISSÃO. Deputação de irmãos encarregados pela Loja de cumprir determinada missão ou tarefa.

COMISSÃO DOS OFICIAIS DIGNITÁRIOS. Conselho de administração da Loja.

COMISSÁRIO. Aquele que exerce comissão.

COMPANHEIRO. *1* — Maçom do Segundo Grau, pertencente às Lojas simbólicas. No Cristianismo corresponde ao estágio *iluminativo,* que se segue ao *purgativo* (maçom aprendiz), e no Hinduísmo se relaciona com o estágio de *discípulo aceito.* Simbolicamente, ao Companheiro incumbe *polir a pedra bruta,* já desbastada por ele no grau anterior, e levá-la à perfeição. Por isso, o seu objetivo especial é o desenvolvimento de suas faculdades intelectuais, artísticas e psíquicas, que o aproximarão mais de Deus, ali representado pela letra G.·., segundo o demonstra todo o ritual de sua elevação a esse Grau. No Rito Escocês o Companheiro é recebido na Câmara respectiva, passando da coluna B.·. para a J.·., e no Rito Moderno ou Francês, ou Azul, se faz de maneira inversa. "Para o decidido estudante da disciplina mental inerente ao Segundo Grau, podem ali recomendar-se duas fontes muitíssimo instrutivas de informação e exemplos de experiência pessoal. Uma são os Diálogos de Platão e os escritos de Plotino e de outros neoplatonistas. A outra são os escritos dos contemplativos clássicos cristãos, como Eckhart ou Ruysbroeck, ou o *Castelo Interior* de Santa Teresa. O *Fedro* de Platão, em particular, é um importante registro, feito por um Iniciado dos antigos Mistérios, das experiências psicológicas referidas no

Obras protegidas por direitos de autor

Grau de Companheiro" (W. L. Wilmshurst, *The Meaning of Masonry*).

COMPANHEIROS. Corporações obreiras denominadas em francês *Sociétes de Compagnonnage*, que são de origem muito antiga. Consistiam de três organizações em guerra perpétua entre si, cada qual com uma história tradicional interessante e reivindicando sua precedência. A mais antiga divisão era a dos Filhos de Salomão, originalmente constituída apenas de canteiros, e mais tarde também os marceneiros e serralheiros. A segunda era a dos Filhos do Mestre Jaques, que igualmente admitia membros destas três profissões e mais tarde de muitas outras, principalmente seleiros, sapateiros, alfaiates, cuteleiros e chapeleiros. A terceira divisão seguia o Mestre Soubise, e originalmente se compunha somente de carpinteiros, embora posteriormente admitisse também estucadores e telhadores. Geralmente se concebia que os Filhos de Salomão eram os mais antigos de todos. Fato digno de nota é que os pedreiros (para distingui-los cuidadosamente dos Canteiros) nunca eram admitidos. Estas três associações possuíam albergues nas cidades mais importantes da França, e quando em viagem, tinham direito a alojamento e assistência na procura de trabalho, nos albergues pertencentes à fraternidade. As três divisões conservavam lendas concernentes ao Rei Salomão e ao seu templo. Pouco se sabe da lenda corrente entre os Filhos de Salomão, porém há indicações de que conheciam a história da morte de Hiram, a qual, no entanto, não consta da Bíblia. Foram também conhecidos como *Maçons Operativos* para destacá-los dos *Maçons Especulativos*.

COMPANHEIROS PERJUROS. Os três supostos assassinos de Hiram Abiff.

COMPASSO. A primeira figura geométrica que se pode traçar com a ajuda do compasso, é o círculo centrado pelo ponto. Tomado por excelência como símbolo solar, ali se combina o círculo (o infinito) com o ponto (início de toda manifestação ou evolução). O relativo e o absoluto se acham, pois, representados pela ação do Compasso, o qual, por sua vez, figura a dualidade (hastes) e a união (sua junção). Por esta razão adota a Maçonaria o Compasso com um de seus grandes símbolos, e coloca-o sobre o Altar da Loja, enlaçado com o Esquadro para simbolizar a Macrocosmo, e a Bíblia (ou outro V. C. S.) para significar a sabedoria que ilumina e dirige tanto o Macrocosmo como o Microcosmo (neste particular o maçom). Os três são assim considerados *as grandes jóias* e *as grandes luzes* da Maçonaria. Como instrumento sim-

Obras protegidas por direitos de autor

bólico, é emblema de medida e justiça. (Cf. *Decoração da Loja; Esquadro; Mobiliário.*)

COMPASSO MAÇÔNICO. Maneira de calcular o ano maçônico.

COMPENSAÇÃO, *Lei da*. Nela se fundamentam os mitos, doutrinas e cerimônias maçônicas, que se podem assim resumir: o grau de *Aprendiz,* nascido na obscuridade, é compensado pela luz; o *Companheiro,* vivendo na ignorância, é compensado pela instrução, e o *Mestre* morrendo, é compensado com a vida. Visa a Ordem antepor à obscuridade, ignorância e morte, a *luz, instrução* e *vida.*

COMPETENTE, lat. *competens,* pp. de *competere* (*com,* junto + *potere,* buscar: procurar juntos) — Bem qualificado; capaz; apto. No Cristianismo primitivo era o estágio seguinte ao de Catecúmeno, onde se preparava para ser elevado ao estágio de *Illuminatus.* Correspondia ao atual 2.º grau simbólico maçônico (Companheiro). (Cf. *Mistérios cristãos.*)

COMPLEMENTAR. V. *Sinal Complementar.*

COMPÓSITA. Nome de uma das ordens arquitetônicas que se vê nas cerimônias maçônicas. (Cf. *Arquitetura; Coluna.*)

COMUNICAÇÃO. É a forma de conferir graus sem as formalidades litúrgicas que normalmente acompanham o ato nas Lojas maçônicas.

CONCLAVE. V. *Supremo* —, 2.

CONCURSOS. São os promovidos pela Maçonaria para conferir prêmios ou distinções ao saber e à virtude.

CONDECORAÇÕES. Insígnias maçônicas, concedidas em reconhecimento a méritos ou serviços extraordinários; acompanha-as o título de *Benfeitor, Honorário, Benemérito, Oficial de Honra,* etc., ora como jóia, ora como laço ou fita.

CONDUTOR. Veja-se *Introdutor.*

CONFIDENTE DE HIRAM ABIFF. Título de um grau avulso, constante de várias nomenclaturas.

CONGRESSO (ou CONVENÇÃO). Ampla reunião de maçons de diversos países ou oficinas, para decidir questões de organização, doutrina ou liturgia.

CONS.·. Abreviatura de Conselho.

CONSAGRAÇÃO. *1* — Ato de tornar sagrado. *2* — Cerimônia maçônica de investimentos de graus sob a invocação do Ser Supremo. *3* — Incensamento de uma Loja, de seus Oficiais de um Capítulo do Real Arco, ou de graus superiores. *4* —

Obras protegidas por direitos de autor

Inauguração ritualistica de um Templo, a fim de habilitá-lo ao exercício dos trabalhos maçônicos.

CONSELHO. Tomam essa denominação algumas Lojas nos graus capitulares, filosóficos e administrativos, bem como alguns corpos especiais.

CONSELHO DA MESA REDONDA. Denominação da segunda sala da Loja, no grau 22.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

CONSELHO DAS LUZES. Comissão diretora da Loja.

CONSELHO DE CAVALEIROS KADOSH. É o Conselho por excelência da Maçonaria, também denominado *Areópago de Kadosh.*

CONSELHO DE PRÍNCIPES DO REAL SEGREDO. É composto de irmãos do grau 32.º Escocês; o primeiro Conselho existiu em Bordéus em 1759.

CONSELHO DE RADIAÇÃO. Uma das corporações existentes na Ordem de Mênfis, com o fim de excluir da Ordem os que se revelarem indignos dela.

CONSELHOS DOS CAVALEIROS DO ORIENTE. No Rito Escocês Antigo e Aceito, grau 15.º, compõe-se do Soberano, do Grande Chanceler ou Guarda-Selos, dos Generais, do Grande Tesoureiro, do Orador ou Ministro de Estado e de todos os irmãos Cavaleiros admitidos.

CONSELHO DOS IMPERADORES DO ORIENTE E OCIDENTE. Capítulo criado em 1758, à base do Capítulo de Clermont.

CONSELHO DOS MUITO VALOROSOS E ILUSTRES PRÍNCIPES. Denominação da Loja dos Príncipes de Jerusalém, no grau 16.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

CONSELHO GERAL SOBERANO DOS SUBLIMES PRÍNCIPES DA FRANCO-MAÇONARIA. Título do quarto corpo superior do governo de Mênfis.

CONSISTÓRIO. *1* — Denominação que em todos os Ritos se dá geralmente a certos graus superiores. *2* — Assim se chama ao conjunto dos três capítulos que constituem o Rito dos Escoceses Fiéis (Cf. *Oficina*). *3* — Loja do 32.º grau do Rito Escocês Antigo e Aceito. (Cf. *Maçonaria Operativa,* 1; *Supremo,* 4.)

CONSTITUIÇÃO. No sentido geral, é a lei magna dos maçons; no sentido restrito, é uma lei básica de uma Potência Maçônica, que apenas obriga as Lojas e maçons sob sua jurisdição particular. Governando e regulando as leis maçônicas, a Constituição é uma das Grandes Luzes da Ordem.

Obras protegidas por direitos de autor

CONSTITUIÇÃO DE YORQUE. V. *Yorque,* Carta ou Constituição de.

CONSTITUIÇÕES. *1* — Patentes que uma Obediência outorga a uma Loja que ela reconhece. *2* — *Constituição de 1762.* Estatutos fundamentais do Rito de Perfeição. *3* — *Grandes Constituições de 1785*: Estatutos fundamentais do Rito Escocês Antigo e Aceito.

CONSTRUÇÃO. Trabalho simbólico dos maçons.

CONTRIBUIÇÃO. Apelo de fundos quando as despesas excedem à receita.

CONVENÇÃO. V. *Congresso.*

CONVENTO. Congresso maçônico. Reunião geral e solene dos delegados das Lojas maçônicas, que se realiza cada ano na sede de certas Obediências, ou em determinadas épocas, ditadas pelas circunstâncias. (Cf. *Congresso.*)

CONVENTÍCULO. Pequena assembléia secreta, regular, de maçons.

COPO. V. *Cálice.*

COPTO, *Grão.* Título do patriarca dos coptos, adotado por Cagliostro para designá-lo como o Chefe da Maçonaria Egípcia.

CORAÇÃO. Um dos símbolos do amor altruísta nos vários graus maçônicos, e de Hiram Abiff na ordem de Salomão.

CORDA. Acessório simbólico. Geralmente é atada nos Recipiendários do 1.º e 2.º Graus maçônicos. No primeiro caso, ata-se-lhe ao pesc... e serve para conduzi-lo ao Templo, onde é recebido na "ponta de uma adaga ou espada"; no segundo, ata-se-lhe em duas voltas ao br... dir..., à altura do músculo, com uma de suas extremidades a arrastar pelo chão. Em ambos os casos simboliza a "Porta estreita" pela qual deve o candidato transpor o Templo ou os graus superiores; o laço que desde então o vinculará indissoluvelmente ao C. D. T. O. V. M.; e o "cordão de prata" (*Ecles* 12:6 e 7) ou magnético, que durante a vida ata o espírito ao corpo, o qual lhe cabe manter intacto e fortalecer. (Cf. *Adaga; Espada.*)

CORDÃO DE AMOR. Cordão de 12 nós ou mais, terminado por borlas e representando a cadeia de união que irmana os Maçons. Segundo alguns autores, os doze nós aludem aos doze signos zodiacais. Corresponde ao *Dhyani-pâza,* o anel "Não se passa" dos hindus, se bem que, ali, num sentido mais metafísico. (Cf. *Borda Dentada; Cadeia de União; Dhyâni-pâza; Laço Místico; S.D.I.*, pp. 118 e 129; *Zodiaco.*)

Obras protegidas por direitos de autor

CORDEIRO. Símbolo de mansidão no grau 17.º do Rito Escocês Antigo e Aceito e em outros, com base no Novo Testamento. (Cf. *Agnus-dei.*)

CORDÕES. Faixas indicativas do grau maçônico ou da Dignidade de que um irmão está investido.

CORE ou KORE, gr. donzela, "a jovem filha". Sobrenome de Proserpina nos mistérios de Elêusis, por ser filha de Ceres

CORES. As sete cores prismáticas (vermelha, alaranjada, amarela, verde, azul, anil e violeta) estiveram sempre associadas aos antigos mistérios, cada qual com seu significado e função, e a Bíblia também as refere em seu tradicional estilo mais ou menos alegórico (*Gên.* 9:13-14, e *Apoc.* 4:3 e 10:1). A Maçonaria as tem mantido em seus símbolos, graus e decorações, com significados aproximados aos antigos, mas também lhes adicionou outras cores e significados. A Franco-maçonaria as tem combinado em número de três, cinco, sete e nove cores, e os demais Ritos as têm dualizado e combinado de modos diversos. As três primeiras, consideradas primárias, são a *azul* (Rito simbólico inglês de Maçons Livres e Aceitos), a *vermelha* (Rito Escocês) e a *amarela* (Mênfis). As cinco se formam com as três citadas e mais a *verde* e a *violeta;* as sete, com a adição da *preta* e da *branca,* e as nove, com o acréscimo da *cor de pedra* e a *roxa.* São os seguintes os significados maçônicos das nove cores:

Azul — amizade, fidelidade, devoção.

Vermelha — zelo, fervor, paixão.

Amarela — inteligência, sabedoria, magnificência.

Verde — esperança, fraternidade.

Púrpura (ou *violeta*) — dignidade, majestade, de mando e jurisdição; símbolo de poder da Grande Deidade, segundo os Levitas, e da aliança entre Salomão e Hiram, rei de Tiro.

Preta — solidão, tristeza, circunspecção e morte.

Branca — candura, inocência, pureza, ou síntese de todas as virtudes.

Pétrea — firmeza, constância.

Roxa (de cravo) — afeição, caridade, filantropia.

CORIBANTES. Sacerdotes de Cibeles, deusa frígia, posteriormente identificada com Rhéa dos gregos.

CORÍNTIA. Uma das cinco ordens arquitetônicas que intervêm nas cerimônias maçônicas. Sua coluna simboliza a *Beleza,* que está representada pelo 2.º Vigilante. (Cf. *Arquitetura, C.·. D.·. T.·. J.·. C.·.; Coluna.*)

Obras protegidas por direitos de autor

CORNIJA. Ornato que assenta sobre as colunas arquitetônicas e, às vezes, no alto das paredes de uma Loja.

CORNOS. *1* — Símbolos e vasos sagrados entre os egípcios e hebreus, significando força, defesa (*Deut.* 33:17); glória (*Salmos* 132:17); vitória (*Salmos* 132:17; e 44:5, e I *Samuel* 2:1), como também reinos e potências políticas (*Dan.* 8:3 e 6). *2* — Segundo Mackey, no altar maçônico devem existir quatro cornos um em cada canto (Cf. *Êxodo* 27:2), simbolizando aqui os Arcanjos governantes dos quatro elementos (terra, água, ar e fogo) a que estão associados os rituais maçônicos. (Cf. *Animais; Orlas.*)

CORNOS DOURADOS. Atributos bíblicos do ritual do grau 14.º do Rito Escocês.

COROA. Símbolo de majestade, poder, martírio, glória e triunfo, que figura nos Ritos maçônicos. "Não há coroa sem espinhos", isto é, não há glória sem sacrifícios pessoais.

COROA DE OURO. Emblema de rapidez, requerida para as ordens emanadas das Lojas do grau 17.º do Rito Escocês.

COROADO MAÇOM. Grau 13 da nomenclatura da Universidade.

CORPO CAUSAL. Para os teósofos e ocultistas, é o princípio mental superior do homem, o "Pensador que subsiste através das reencarnações sucessivas". Parece corresponder ao *Augocides* dos neoplatônicos, o Eu Divino no homem. Cf. *Auréola; Dossel.*)

CORRESPONDÊNCIA. Relações oficiais entre Lojas ou entre Obediências, que se reconhecem mutuamente.

CREDENCIAL. Documento expedido pelas Grandes Lojas ou Conclaves, ou pelos Grandes Orientes e Supremos Conselhos, a favor dos irmãos, outorgando-lhes poderes, plenos ou limitados, para determinados atos. (Cf. *Passaporte.*)

CRIPTA (gr. *krypto,* "esconder"). Local subterrâneo, onde se desenrola uma parte das cerimônias fúnebres, ou outras. num templo ou igreja.

CRISTÃOS. Termo designativo dos adeptos da religião cristã, e que foi pela primeira vez usado em Antioquia (*Atos* 11:26); antes eram chamados simplesmente *nazarenos.*

CRUZ. *1* — A cruz é um símbolo universal, pré-cristão e dos mais antigos. De significado cosmogônico e fisiológico, esteve associada às ciências iniciáticas e religiões antiquíssimas, como as do antigo Peru, Egito, Índia, China, Japão, Coréia, Tibete, Babilônia, Assíria, Caldéia, Pérsia, Fenícia. Armênia, Argélia, e entre os habitantes pré-históricos da

Obras protegidas por direitos de autor

Bretanha, França, Germânia e América. Existe sob várias formas, sendo as principais: 1.º — *astronômica*, da qual a "de Santo André", X, é uma variante; 2.º — *esvástica*, de braços iguais e projetados em ângulos retos, assemelhando-se a dois ZZ maiúsculos entrelaçados 卍, simbolizando o movimento criador da energia cósmica, girando no sentido do Ocidente para o Oriente; 3.º — *gamada*, variante da anterior, porém assemelhando-se a quatro *gamas* (letra grega) reunidos 卐 e significando o movimento da energia destruidora girando em sentido contrário ao da esvástica; 4.º — *grega*, também chamada de Salomão, com os braços iguais e entrelaçados +, simbolizando a vida do Espírito Santo; 5.º — *latina*, com os três braços superiores mais curtos que o quarto †, simboliza a vida do Filho (2.ª Pessoa da Trindade) e também se pode formar com sete quadrados de um cubo desdobrado; 6.º — *maltense*, cujos braços iguais se alargam em forma de leque até suas extremidades ✠, simbolizando a irradiação crescente de forças. Mormente do século XII em diante tem sido a cruz identificada com o sofrimento, o martírio e o castigo, porém essa não foi sua idéia primitiva, e sim, a de *tornar sagrado* (*sacrificium = sacer*, sagrado + *facere, fazer*), a do *amor divino*, ou altruísta, que alegremente se dá aos demais. Por isso desde os tempos primitivos simbolizou a cruz o ato de Deus, o Absoluto, limitando-se para condicionar-se à relatividade do tempo e do espaço e engendrar um universo para o nascimento, crescimento e aperfeiçoamento de Seus filhos. Para destacar certas modalidades do Amor Divino, tem sido combinada com outros símbolos, como a estrela de cinco pontas (poder ou nascimento), a âncora (esperança), o cálice (caridade), a rosa (perfeição), o coração (compaixão), a escada (ascensão da alma), etc. É interessante assinalar-se ser ela também formada pelo cruzamento do fio de prumo com o nível, símbolo do equilíbrio da inteligência com o amor. Inclui o malhete, o cinzel e a alavanca, justapostos; quatro esquadros de lados adjacentes, figurando os quatro elementos (terra, água, ar e fogo); os quadrantes do mundo, e o compasso com o qual se pode traçar a circunferência do mundo, simbolizado pela Loja. Se for o triângulo ou o delta representado em três dimensões, lembrará a sepultura da morte que todo Maçom tem de experimentar e vencer para tornar-se imortal, o Mestre conhecedor da Acácia. **2** — No Rito Escocês Antigo e Aceito, a *cruz latina* ornamenta o grau 18.º; quatro cruzes vermelhas ornamentam o grau 27.º;

Obras protegidas por direitos de autor

a de Santo André é uma das jóias do grau 29.º; e a de Malta ornamenta os graus 30.º, 31.º e 32.º. (Cf. *Cubo*; D.S. IV, 202-/3; *Harmachis;* I.N.R.I; *Tau; Thor.*)

CUBO. *1* — Um duplo cubo estendido no pavimento pode simbolizar a Loja. *2* — Um simples cubo (pedra cúbica) simboliza o homem perfeito, o Mestre maçom que vai juntar-se aos demais membros da Ordem para erigir um Templo de Amor que é Sabedoria, Força e Beleza, à glória do G.·. A.·. D.·. U.·. *3* — Desdobrado, formará a cruz sobre a qual se estenderá o neófito, como símbolo representativo do processo da Iniciação, pelo qual se aperfeiçoa o homem para em seguida se sacrificar à humanidade, ao dever, ao ideal. Por isso, essa cruz pode ser "inscrita" no túmulo do Mestre Hiram, tal qual no "Pastos", o rito final da iniciação nos Mistérios do Egito, Grécia e outras religiões antigas. (Cf. *Pedra bruta; — cúbica; — cúbica de ponta.*)

Obras protegidas por direitos de autor

D

D. *1* — Quarta letra do alfabeto maçônico (p. 16), e inicial de diversos nomes, títulos e atributos em uso na Ordem. Corresponde ao *delta,* quarta letra do alfabeto grego, e ao *daleth* hebraico, que na cabala judaica significa *porta.* 2 — Nas insignias do grau 16.º do Rito Escocês, expressa *Dario.* *3* — No Rito Escocês Antigo e Aceito aparece nos graus seguintes, com significados próprios: grau 12.º, *Dórico;* grau 15.º, no trigrama L. ·. D. ·. P. ·., *Liberdade de passar* ou *de pensar;* grau 17.º, no heptagrama B.·. D.·. S.·. P.·. H.·. G.·. F.·., com a acepção de *Divindade;* grau 22.º, *Dario.* *4* — No Rito de Misraim quer dizer *Daniel no grau* 54.º, no quadro dos hieróglifos, e *Ditador* no grau 68.º (*Cavaleiros do Arco-Iris*). *5* — No Rito de Adoção, grau 5.º (*Eleitos Escoceses*), alude à *Discrição.*

D.·. Abreviatura de *Diácono;* plural *DD.·.*

DAMA. Nome genérico das senhoras iniciadas na Maçonaria Andrógina e nos Ritos de Adoção, onde vem acompanhado de um complemento distintivo: *Dama da Pomba, Damas da Beneficência, Damas da Lua,* etc.

DAMAS — Um dos títulos aplicados à Maçonaria de Adoção: *Maçonaria das Damas.* Seus documentos e pranchas são traçados com um alfabeto hieroglífico especial.

DANIEL. Personagem figurado pelo Orador, nas Oficinas do grau 15.º, do Rito Escocês, em alusão ao profeta bíblico hebreu.

DÉCADA. Para os primitivos gnósticos, todo o Universo, tanto metafísico como material, estava contido nos algarismos da Década Pitagórica, e podia ser expresso e descrito por esses algarismos. No princípio se aplicava essa Década só ao Macrocosmo, mas depois desceu até o Microcosmo, o homem. A lingua escrita das raças pré-históricas não era fonética, mas puramente pictórica e simbólica, que agora é considerada uma

Obras protegidas por direitos de autor

língua morta e conhecida de restrito número de pessoas. A maioria dos sábios gnósticos, sejam gregos ou judeus, a conhecia e empregava, embora de maneira algo diferente. A numerologia era uma parte importante dessa língua, como o demonstram alguns exemplos seguintes, tirados da *Década* e introduzidos na simbologia maçônica: *1* — No plano superior, o número não é número, mas um *zero,* um círculo; no plano inferior, o *zero* se converte em *um,* que é um número ímpar, outrora considerado sagrado. Nos antigos alfabetos, como o sânscrito, na interpretação das escrituras hindus, o hebraico no Antigo Testamento, e o grego no Novo Testamento e Mitologia grega, cada letra, como cada número, tinha sua significação filosófica e sua razão de ser. O número *um* significava, para os Iniciados de Alexandria, um *corpo direito,* o ser humano, cuja posição normal é a vertical, ao passo que a horizontal é a dos animais. *2* — Entre os antigos pitagóricos, a *Díada* era o estado imperfeito em que havia caído o primeiro ser manifestado; o ponto donde se bifurcavam as duas sendas do bem e do mal, que são os pólos positivo e negativo de toda a natureza. *3* — O *Ternário* é o primeiro dos números perfeitos, como o triângulo é a primeira figura geométrica perfeita; é o número misterioso por excelência. *4* — O primeiro sólido é o *Quaternário,* símbolo da imortalidade; é a Pirâmide, porque ela se apóia sobre uma base quadrangular e termina no alto por um ponto, e representa assim a Tríada, o Quaternário e o Quinário, ou o 3, o 4 e o 5. *5* — Para os pitagóricos, a Alma é simbolicamente um número que se move por si mesmo e contém o número 4; os animais eram apenas *Ternários*; o homem virtuoso era um *Setenário,* ao passo que o mau era um *Quinário,* pois o número cinco se compunha de um *Binário* e um *Ternário,* e para eles o *Binário* trazia a desordem e a confusão a toda a forma perfeita. *O homem perfeito,* diziam, era um Quaternário e um Ternário, ou seja, quatro elementos materiais e três espirituais. *6* — Os números 3 e 4 formam o setenário da Natureza, e por isso desde remotas épocas, 3, 4 e 7 foram considerados os números sagrados da Luz, Vida e União. Os números 3 e 4 são, respectivamente, varão e fêmea, Espírito e Matéria, e sua união é o emblema da Vida Eterna no Espírito sempre ascendente, e na Matéria, como elemento que ressuscita sempre por procriação e reprodução. A linha masculina espiritual, é vertical; a linha da matéria diferenciada é horizontal, feminina, e ambas, unidas, formam a Cruz (+). O *3* (espiritual) é indivisível, mas o *4* (material) está sob o alcance da percepção objetiva, e por isso toda a matéria do Universo,

Obras protegidas por direitos de autor

quando analisada a fundo pela ciência, pode reduzir-se a quatro elementos fundamentais: carvão, oxigênio, azôto e hidrogênio. Diziam os antigos alquimistas: "Enquanto os homens cultos (cientistas) do Ocidente mantêm só os *Quatro,* ou a matéria, para se distraírem, os do Oriente, os grandes alquimistas do mundo inteiro, estudam todo o *Setenário.*" E ainda: "Quando o três e o quatro se abraçam, o *Quaternário,* unido o seu meio natural ao do triângulo, converte-se em *Cubo,* e só então nascem o veículo e o número da Vida, o Sete Pai-Mãe." 7 — Nos antigos Mistérios se considerava o número 6 um emblema da Natureza *física* perfeita, pois representa as seis dimensões ou direções de todos os corpos (ou Cubos): as quatro direções para os pontos cardeais e as duas em altura e espessura, correspondentes ao Zênite e ao Nadir. O octaedro, ou *oito,* simbolizava o eterno movimento em espiral dos séculos (8), e estava configurado, por sua vez, no Caduceu. Lembrava a respiração regular do Cosmo, o eterno fluxo e refluxo da vida universal. *8* — O número 9, um triplo ternário, era o que se reproduzia incessantemente em todas as multiplicações, sob todas as suas formas e aspectos. É também o signo de toda circunferência, pois a soma do valor absoluto dos algarismos do total de seus 360 graus é nove (3 + 6 + 0 = 9). Por ser sua posição a do 6 invertido, foi também tomado como símbolo da Terra animada por um espírito *mau* ou travêsso (estado caótico), enquanto que o *6* simbolizava nosso globo já preparado ou harmonizado (cúbico) materialmente para receber um Espírito *Divino.* *9* — O número *10,* ou a *Década,* sintetiza a unidade fundamental e final de todos esses números ou das verdades que isoladamente simbolizam. E assim terminava a Tábua de Pitágoras: "A figura de uma circunferência com seu diâmetro vertical, ou seja, a unidade inscrita no zero, ou a década, é o símbolo que expressa a totalidade da Divindade, do Universo e do Homem." Daí sua grandiosa verdade de que todas as coisas na Natureza são regeneradas através da década, ou 10. Essa verdade é sutilmente preservada na Franco-maçonaria por meio das agarras, efetuadas pela união de 10 dedos, isto é, cinco de cada mão de dois amigos que se unem em cumprimento e ajuda. (Cf. *Agarras do Leão; Números.*)

DECANO. O obreiro mais antigo na Ordem desde a sua iniciação, ou o de mais alto grau maçônico. Entre irmãos do mesmo grau, *Decano* é o mais antigo no grau, e no caso de antiguidade igual, caberá êsse título ao mais freqüente em comis-

Obras protegidas por direitos de autor

sões e cargos nas Oficinas, ou ainda ao mais idoso, em caso de igualdade das demais condições.

DECORAÇÃO DA LOJA. *1* — O Volume da Ciência Sagrada, o Esquadro e o Compasso, juntamente com a Carta Constitutiva, formam a decoração da Loja. *2* — Nas Lojas maçônicas cristãs o V. C. S. é formado pelos Antigos e Novo Testamentos, e nas Lojas judaicas, só pelo Antigo Testamento; nas maometanas, pelo Corão; na budistas, pelo Tripitaca; nas indostânicas, pelos Vedas. Varia segundo a Escritura Sagrada de cada povo. Os candidatos juram sôbre a Escritura Sagrada de sua religião, porque dali é que emana a luz de acordo com o qual ele tem de viver e conduzir-se. *3* — O Esquadro e o Compasso são os símbolos sobre os quais diz o Dr. Buck em *Mystic Masonry*, p. 242: "O Esquadro, com o seu único ângulo reto e sua escala de medidas, aplica-se às superfícies e aos sólidos, e relaciona-se com os estados aparentemente fixos da matéria. O Compasso com seu ângulo variável, que se coloca na Loja aberto nos sessenta graus, adapta-se ao círculo e à esfera, aos movimentos e revoluções. Em sentido geral o Esquadro é o símbolo da matéria e da terra; enquanto que o Compasso é o do Espírito e dos céus." A posição relativa do Esquadro e do Compasso indicam o progresso desde o grau de Aprendiz ao de Mestre Maçom. (Cf. *Bíblia; Mobiliário.*)

DECORADO, *Mestre*. Um dos graus da Maçonaria reformada, alusivo aos Mestres decorados com três pontos.

DECRETO. Decisão do alto corpo regulador.

DEGRAUS — Maçonicamente, os degraus da escada do conhecimento que o postulante tem de subir gradativamente, até atingir o trono da Sabedoria. (Cf. *Graus.*)

DELTA. *1* — Quarta letra do alfabeto grego (△). É o emblema da Tri-unidade, chamada pelas diversas religiões Trimurti, Tríada, Trindade, etc. É o primeiro polígono. Tanto nas igrejas judaico-cristãs como nos templos franco-maçônicos está geralmente envolvida de um "glória", e centrada pelo tetragrama IEVE, escrita em caracteres hebraicos, ou pela letra G. É o símbolo da tripla Força indivisível e divina que se manifesta como Vontade, Amor e Inteligência cósmicos, ou ainda, os Pólos positivo e negativo, e o efeito de sua união. *2* — É, às vezes, figurado por três pontos (.·.), marcando os pontos de interseçao de suas três retas e o símbolo do tetragrama IEVE. Encontra-se também assim figurado nas santas escrituras da Pérsia, na iconografia cristã e na escrita

Obras protegidas por direitos de autor

maçônica. *3* — O *delta* aparece bordado no avental do Príncipe de Jerusalém, grau 16.º, e na mitra que traz na cabeça o *Grande Sacrificador,* grau 23.º, do Rito Escocês Antigo e Aceito. (Cf. *I.N.R.I.; Pedra Cúbica* — II.)

DEPUTAÇÃO. Delegação de irmãos nomeados por uma Loja para representá-la ou desempenhar uma incumbência em seu nome.

DEPUTADO. Irmão eleito por uma Loja para representá-la numa Grande Loja ou outra câmara superior.

DEPUTADO DE SALOMÃO. Título do segundo dignitário nas Lojas do grau 9.º do Rito Escocês.

DEPUTADO GRANDE INSPETOR GERAL (ou *Príncipe do Real Segredo.*). Grau 8.º da Ordem de Cristo.

DEPUTADO GRÃO-MESTRE. O grande dignitário credenciado para representar, nas cerimônias e documentos, a pessoa do Grão-Mestre ou Grande Comendador de uma Potência maçônica.

DESBASTAR. *1* — Nas reuniões de banquete, é o nome que se dá ao ato de trinchar os manjares. *2* — *Desbastar a pedra bruta*: a preparação, principalmente moral, do *Aprendiz* maçom antes de poder ascender ao grau de Companheiro.

DESCONHECIDO, *Escocês*. Grau 6.º da Maçonaria Adoniramita; 7.º do Escocismo Primitivo; 10.º do Rito de Misraim; 25.º da nomenclatura da Universidade.

DESCONHECIDO, *Filósofo*. Grau da 9.ª classe do Rito dos Filaletes, e 79.º do Capítulo Metropolitano.

DESENHO DE ARQUITETURA. Atas e demais escritos maçônicos.

DESPERTAR DA NATUREZA. Denominação dada à festa da Ordem, celebrada no solstício de inverno ou no eqüinócio da primavera.

DESPOJAR DE METAIS E VALORES. Cerimônia a que o profano se submete antes de passar pela iniciação na Ordem Maçônica.

DEUS. *1* — Ser supremo em que se alicerçam todas as religiões, e cuja denominação varia em cada povo, seita e instituição. A Maçonaria o designa sob o sugestivo título de *O Grande Arquiteto do Universo, O Grande Geômetra* e *O Altíssimo.* O imortal Pitágoras assim o definiu em linguagem bem maçônica: "Deus é a ordem e a harmonia, graças à qual existe e conserva-se o Universo. Deus é Uno; não está nunca, como pensam alguns, fora do mundo, senão no próprio mundo, e

Obras protegidas por direitos de autor

todo no mundo inteiro (Justino). Nele se formam todos os seres, imortais como Ele; suas obras são as Suas. Deus é a alma de tudo. Deus está no Universo; o Universo está em Deus. O mundo e Deus são apenas um. Se te perguntarem: "Qual é a natureza de Deus?" Responde: O Círculo, cujo centro está em todas as partes e a circunferência em nenhuma parte. Se te perguntarem ainda: "Que é Ele?" Repete: "Deus é a alma de todos os corpos e o espírito do Universo (segundo Cícero). Para representar Deus, o sábio escreve a Unidade." (*A Sabedoria Pitagórica,* p. 60, Frederico Macé). *2* — Lema dos maçons do grau 33.º, usado em seus documentos.

DEUS NEUMQUE JUS, "Deus e meu direito". Lema dos maçons do grau 33.º, usado em seus documentos.

DEUS VULT, lat. "Deus o quer". Lema do estandarte branco dos Cavaleiros *Kadosh.*

DEVEK (ou *Devech*), (heb., "*união*"). Palavra que consta do pentagrama do grau 12.º dos Ritos de Mênfis e Escocês Antigo e Aceito. (Cf. *C.·. D.·. T.·. J.·. C.·.*)

DEVERES. Obrigações ou encargos diversos.

D.·. G.·. M.·. Abreviatura de *Deputado do Grão-Mestre.*

DHYÂNI-PÂZA. V. *Corda de Amor.*

DIA. Em alguns Ritos Maçônicos, conta-se o dia do nascer ao pôr do Sol, e cada dia e noite são divididos em doze partes iguais. De sorte que durante o verão os dias são mais longos, e mais numerosas as horas e os minutos, do que durante o inverno.

DIACONIZA. Feminino de Diácono.

DIÁCONO (gr., *diakonos,* "servidor"). *1* — Nome que na igreja católica se dá à segunda ordem de oficiais ou clérigos. *2* — No Rito Escocês Antigo e Aceito é o cargo exercido pelos maçons, para a transmissão das ordens das Luzes aos demais irmãos e o cumprimento de determinadas cerimônias. Há o *Primeiro Diácono,* que na Loja se senta perto e à direita do *Venerável,* para pô-lo em comunicação com o *Primeiro Vigilante,* e o *Segundo Diácono,* que se coloca perto e à direita do *Primeiro Vigilante,* para transmitir suas ordens ao *Segundo Vigilante* e demais membros da Oficina. Na Comaçonaria os Diáconos têm, cada um, uma pomba como jóia, significando sua qualidade de mensageiros e indicando seus atributos de circunspeção e justiça, por ser seu dever zelar pela segurança da Loja e introdução de visitantes; mas em algumas outras Lojas usam um sol no centro para o *Primeiro Diácono,* e uma lua para o *Segundo.*

Obras protegidas por direitos de autor

DIACTOROS. *1* — Os dois oficiais subalternos da *Ordem dos Sofísios*. *2* — Denominação dos dois oficiais da composição da Ordem de Mênfis.

DIEU-GARDE. Contração francesa de *Dieu vous garde* (Deus vos proteja). — Alude ao poder místico que o maçom recebe em sua iniciação através dos sinais secretos e o amplia em suas mercês pelo próximo. (Cf. *Due-Guard.*)

DIFERENÇAS PESSOAIS. Determina o regulamento maçônico que qualquer irmão que não se sinta perfeitamente harmonizado com outro, não deverá vestir seu avental enquanto não houver aplanado suas diferenças. Não se trata aqui de divergências mentais, que só podem enriquecer e fortalecer a Ordem, desde que subsistam os sentimentos de mútua harmonia, mas, sim, de discórdia ou desajustes emocionais entre irmãos. (Cf. *Mat.* 5:23-25.)

DIGNIDADES. Os cinco primeiros cargos da Loja: O Venerável, os dois Vigilantes, o Orador e o Secretário. As três primeiras dignidades se chamam *Luzes*. (Cf. *Hierarquia.*)

DIGNITÁRIOS. Os membros da Loja investidos de altas funções.

DIMENSÕES. Medidas simbólicas da Loja, relacionadas com a universalidade maçônica. Assim, diz-se alegoricamente que o comprimento de uma Loja vai do Oriente ao Ocidente, sua largura do Norte ao Sul, e sua altura do Zênite ao Nadir.

DIONISIANOS. Sacerdotes-arquitetos de Dionísio e Baco, ordenados por iniciação. Constituíram corporações de obreiros muito difundidos pelo Oriente por volta de 715 a. C. Elevaram a arte ao máximo da perfeição e sublimidade e gozaram de numerosos privilégios. Numa Pompílio baseou em grande parte neles os 31 Colégios ou Grêmios fundados em Roma, dos quais alguns autores tiram a origem da Franco-maçonaria. (Cf. *Colégios; Mistérios de Dionísio.*)

DIONÍSIO (do gr. *Dyonisos*). Nome do deus Baco. É o Demiurgo ou Artífice que, como Osíris, foi morto pelos Titãs e fragmentado em catorze pedaços. Era o Sol personificado. Dionísio nasceu em Nysa ou Nissi, nome dado pelos hebreus ao monte Sinai (*Êx.* 16:15), onde nasceu Osíris e Moisés "recebeu de Deus vários regulamentos para o seu povo." Isto, de certo modo, identifica esses dois deuses com Jeová Nissi. (V. *Ísis sem Véu*, vol. II, pp. 65, 526, ed. ingl. Blavatsky. Cf. *Baco.*)

DIPLOMA. Documento oficial, de que constam os nomes e qualidades maçônicas e profanas de um irmão. É expedido pela autoridade regular, firmado pelas primeiras dignidades

Obras protegidas por direitos de autor

da Loja, referendado e registrado pelos oficiais determinados, selado com a chancela da Loja e firmado com a rubrica do diplomado. (Cf. *Breve*).

DIREITO DO HOMEM. Lema da Franco-maçonaria, que advoga três princípios humanos fundamentais: *Liberdade, Igualdade* e *Fraternidade.*

DIREITO HUMANO. Lema da Comaçonaria ou Maçonaria Mista Universal, *"Le Dirit Humain"*, que não distingue sexo na outorga ou reconhecimento de direitos. (Cf. *Comaçonaria.*)

DIRETOR DE BANQUETES. Oficial encarregado de organizar reuniões de mesa, levadas a efeito pelas Oficinas.

DISCRETO, *Primeiro,* ou CAOS. Título do grau 49.º do Rito de Misraim.

DISPENSA. Poder outorgado a uma autoridade ou potência maçônica regular, para isentar um maçom ou grupo de maçons, de qualquer grau, do estrito cumprimento de determinados preceitos regulamentares ou de parciais cerimônias ritualísticas. Habilita-os tanto para o eficaz cumprimento de seus deveres como para o efetivo exercício de seus direitos e funções, ou para a simples validade de certas prerrogativas maçônicas. Tal é o caso, por exemplo, da eventual dispensa de comissões de sindicância para apurar os antecedentes e qualificações de determinados solicitantes de admissão à Ordem, por serem satisfatoriamente conhecidos de membros idôneos de uma Loja; da redução ou supressão dos períodos intersticiais entre determinados graus, requeridos para o aumento de salários, ou da eximissão da submissão integral de um ou mais candidatos a algum detalhe ou detalhes cerimoniais do ritual aplicável à sua iniciação, elevação ou exaltação. Via de regra, esta eximissão se justifica: 1.º — quando se trata da instalação de uma Loja com novos oficiais; 2.º — quando intervêm motivos manifestamente ponderáveis, enquadráveis e não incompatíveis com o espírito e letra da Constituição e Regulamentos então vigentes na Ordem ou Potência maçônica; 3.º — quando (se ritualisticamente permitida) da abreviação ou supressão eventual de certos trechos do cerimonial de abertura ou encerramento dos trabalhos de uma Oficina, devido à premência do tempo ou outros fatores de superior interesse.

DISPENSAÇÃO. *1* — Significa, estritamente, um "regime de exceção" e de vigência provisória, em que determinadas leis cessam temporariamente de vigorar e atuar. Então, excepcional e licitamente, podem ser feitas, por quem de direito,

Obras protegidas por direitos de autor

certas concessões, "graças" e, conseqüentemente, determinadas regalias, perfeitamente válidas em seus efeitos. *2* — No Cristianismo, interpreta-se como sendo uma gradual revelação, ao homem, do plano, desígnios ou mistérios de Deus. Assim, na Bíblia há a dispensação patriarcal, a mosaica e a cristã, cada qual marcando uma era, época e etapa sucessiva, superior à anterior. A dispensação do Antigo Testamento se caracterizou pela lei mosaica do "dente por dente, olho por olho", enquanto que a do Novo Testamento se expressa pela superior lei do Amor, sintetizada no imortal Sermão da Montanha, sem cuja realização ninguém poderá "entrar no Reino dos Céus". (*Mat.* 3:2 e 11; cap. 5). *3* — Na Maçonaria corresponde, historicamente, à sua democratização pela reforma de 24 de junho de 1717, quando da estreita esfera operativa passou para a esfera mais ampla e elevada da Maçonaria especulativa e filosófica, mercê do que dilatou seus horizontes humanitários e culturais e aprofundou suas realizações. *4* — Ao maçom individual, corresponde ao seu progressivo acesso a conhecimentos mais altos dos graus superiores, na medida em que se esforce por bem assimilar e viver os conhecimentos inerentes ao seu atual grau hierárquico.

DISPENSEIRO. Um dos oficiais dignitários da Loja.

DITADOR. Título tomado durante os trabalhos por todos os *Cavaleiros do Arco-Íris,* grau 68.º do Rito de Misraim. *Soberano Ditador* é o Presidente, e *Grandes Ditadores* são os Vigilantes.

D.·. M.·. J.·. Abreviatura do lema *Deus Meumque jus* (Deus e meu direito).

DOR. Assim se chamam as reuniões ou trabalhos promovidos pelas Lojas para homenagear ou comemorar irmãos falecidos, e as baterias soadas em sua memória. (Cf. *Exéquias.*)

DÓRICA. *1* — Uma das ordens clássicas de arquitetura com a qual são as Lojas decoradas, segundo o seu grau e Rito. *2* — Essa ordem é a predominante no templo dos Grandes Mestres Arquitetos do grau 12.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, onde está representada pela inicial D.·., no capitel correspondente. (Cf. *C.·. D.·. T.·. I.·. C.·.; Coluna.*)

DOSSEL. *1* — O teto de uma Loja maçônica é geralmente considerado o dossel celeste de diversas cores, e bem simboliza o céu estrelado que tolda o verdadeiro templo da humanidade, quando se considera a Loja em seu significado universal. *2* — Verdadeiro dossel celeste é a aura multicor do homem real ou maçom ideal, cujo simbolismo se vê na túnica

Obras protegidas por direitos de autor

multicor de José, filho de Jacó (*Gên.* 37:3 e 32), na esplendente vestimenta do Iniciado, segundo diz o hino gnóstico, e no *augocides* dos filósofos gregos, ou o corpo glorioso de que a alma se reveste no mundo invisível. *3* — Lugar onde se coloca o Venerável, no oriente da Loja. (Cf. *Auréola; Corpo Causal.*)

DOUTOR DO FOGO SAGRADO. Grau 28.º do Rito de Mênfis.

DOUTOR DOS PLANISFÉRIOS. Título do grau 37.º do Rito de Mênfis.

DOUTOR DOS VEDAS SAGRADOS. Título do grau 79.º do Rito de Mênfis.

DOUTOR ORFÍSIO. Título do grau 71.º do Rito de Mênfis.

DRUÍDAS. V. *Mistérios Druídicos.*

DUE-GUARD. Corrutela inglesa do francês *Dieu-garde.* (Veja-se esta última palavra.)

D.·. V.·. Iniciais das palavras *Discrição* e *Verdade.*

Obras protegidas por direitos de autor

E

E. *1* — Quinta letra do alfabeto maçônico, à p. 16, representada por ângulos e retas, variando nalguns Ritos. *2* — Inicial e abreviatura de palavras e símbolos maçônicos. *3* — Palavra de passe, com o significado de *Elias,* no grau 10º *Ilustre Eleitos dos Quinze,* do Rito Escocês Antigo e Aceito.

E.·. Com o significado de: *1* — *Esperança,* figura numa das colunas ou candelabros que ornam emblematicamente a segunda câmara de recepção dos RR.·. CC.·., e na liga ou jarreteira das Comendadoras de Beneficência (R.·. C.·. Damas). *2* — *Excelente,* aparece no estandarde, ficado no segundo ângulo do pentágono que constitui o corpo central do Grande Acampamento dos Príncipes do Real Segredo, grau 32.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. *3* — Hebraico de *Eloha* ou *Elohim,* plural de *El,* Deus ou Ser, brilha no centro da estrela da Ordem de Misraim, que trazem ao peito os membros do Supremo Grande Conselho Geral dos grandes ministros da Ordem, *Soberanos Grandes Pontífices* (87.º). *4* — *Este,* um dos pontos cardeais das Lojas maçônicas. *5* — Abreviatura de *Esquadro* e *Espiga,* instrumentos de trabalho maçônico.

E.·. A.·. Entrelaçadas na jóia dos *Comendadores do Oriente* (42.º), do Rito de Misraim, significam *Ellah Allah,* palavra de reconhecimento ao dar-se o toque deste grau.

ECCE LIGNUM CRUCIS, "eis a madeira da cruz". Palavra de reconhecimento dos cavaleiros do Rito retificado do Templo moderno.

ECCLESIA, lat. Nome da Loja do 29.º grau do Rito Escocês Antigo e Aceito.

EDDA (isl.). Literalmente, "Bisavó" dos cantos escandinavos. O bispo Brynjüld Sveinsson os colecionou e publicou em 1643, porém são muito mais antigos, pois já no século XI haviam sido coligidos por um sacerdote islandês, e seu verdadeiro

Obras protegidas por direitos de autor

autor ou autores são desconhecidos. Segundo Vallancey (*Collectanea de rebus hibernicis*), a palavra *Edda* significa ciência ou sabedoria, e tem muita analogia com o vocábulo sânscrito *Veda* ("conhecimento divino"), e com outros nomes do hebreu, árabe, latim, etc., que expressam a mesma idéia. O qualificativo "bisavó" parece significar a tradição, pois todos os poemas de que se compõe a obra se haviam até então conservado pelo relato de pais a filhos. Há o *Edda* poético de Saemund, e o *Edda* em prosa de Sturleson, o qual vem a ser uma ampliação ou esclarecimento do anterior. O livro, considerado sagrado pelos escandinavos, contém as tradições épicas, heróicas e mitológicas dos povos nórdicos, e ministra interessantes detalhes sobre antigas iniciações praticadas entre os mesmos. (Cf. *Mistérios Escandinavos.*)

EDUL-PEN-CAGU, "Faze aos outros o que queres que te façam" Nos Ritos de Mênfis e Escocês Antigo e Aceito, é a palavra sublime do grau 26.º (cf. *Gabrit-Pena-Chegen; Perfeito.*)

EGÍPCIA. *1* — Nome pelo qual se tem designado, genericamente, a Maçonaria ou Rito de Adoção de Cagliostro. *2* — *Egipcia* (Companheira) do Grau 2.º, e *Egipcia* (Mestra) do Grau 3.º do mesmo Rito.

EGÍPCIO. *1* — Nome dado ao Rito organizado em 1786 por Cagliostro, de quem também leva o nome, ainda atribuido ao Rito de Misraim. *2* — Designação dada aos maçons *Aprendiz* (1.º), *Companheiro* (2.º) e *Mestre* (3.º) do Rito de Cagliostro. *3* — Título de um grau registrado nos arquivos da Loja Mater do Rito Escocês filosófico.

E.·. G.·. J.·.. Com o significado hebraico de *El*, "forte", ou Deus; *Gomel*, "completo", e *Jeová*, o "Eterno", ocupa cada letra destas um dos vértices do triângulo, geralmente de ouro, inscrito num circulo gravado na copa do chapéu encarnado, usado pelos *Grandes Arquitetos de Heredom, Victus no colégio ternário de Santo André.*

EHEIAH. V. *El Hanan*, e *Eliah*, que parecem os corretos.

E.·. J.·.. Como iniciais das palavras *Eqüidade* e *Justiça*, aparecem: *1* — sobre duas colunas simbólicas dos *Sublimes Mestres Perfeitos Adelfos e Filadelfos*, para indicar estar a Maçonaria estabelecida sobre estas duas bases, e ser ela imperecível e indestrutível, se unida à Força e à Sabedoria; *2* — sob o dossel da presidência, nos templos dos grandes Inspetores Comendadores, chefes da 1.ª série filosófica do grau 66.º do Rito de Misraim; *3* — no avental dos Soberanos *Príncipes* do grau 83.º do mesmo Rito.

Obras protegidas por direitos de autor

EL (hed), "Deus", "forte", singular de Elohim. *1* — Nome primitivo de Deus entre os povos semitas, o *Allah* dos muçulmanos. 2 — Um dos grandes nomes hebraicos de Deus, gravado sobre a ágata, pedra preciosa que adorna o racional do Sumo Sacerdote, segundo o catecismo de instrução dos *Grandes Arquitetos de Heredom* (6.º) do Escocismo reformado. *3* — Primeira palavra sagrada dos *Grandes Arquitetos de Heredom, Victus do colégio ternário* de Santo André de Escócia (6.º), Oriente de Edimburgo.

EL-ADOM (*Dominus fortis*). Palavra sagrada dos Supremos Consistórios do grau 72.º do Rito de Misraim.

ELAI BENE EMETH (ou *Li Bene Emeth*: "a mim os filhos da Verdade"). Exclamação que acampanha o sinal de socorro dos *Príncipes de Misericórdia ou Escoceses Trinitários* (26.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, (Cf. *Filho da Viúva*.)

ELCHANAM,

ELEANON. Veja-se o correto, que é *El-Hanam*.

ELEHAMAM.

ELEAZER (do hebraico *El*. Deus + *cazer*, ajuda, socorro; ou socorro de Deus). Nome de um personagem bíblico (*Êxodo* 6:25 e 28:1; *Num*. 3:4 e 32), o qual nos trabalhos do Santo Real Arco é pronunciado em resposta à palavra de passe, grau 4.º e último da Maçonaria do Reau Arco. (Cf. *Eliazar*.)

ELEIÇÃO. Sistema democrático adotado pela Maçonaria em geral e suas Lojas em particular, para a seleção de ocupantes de postos, cargos ou comissões.

ELEITO. *1* — É todo obreiro escolhido mediante eleição, enquanto não houver assumido sua função, pois desde então será designado por seu cargo. *2* — Grau 4.º da *Pequena Maçonaria* do Rito dos Filaletes ou amigos da verdade, e do regime reformado de Swedenborg. *3* — Grau 5.º do Escocismo Reformado de San Martin, e do primeiro templo do Martinismo. *4* — Grau 11.º do terceiro Colégio de Heredom e do Rito do Tschoudy do Soberano Capítulo dos Cavaleiros do Oriente. *5* — No Rito Escocês Primitivo: Graus 6.º (*Eleito dos Nove*), 7.º (*Eleito do desconhecido*); 8.º e 10.º (*Eleito Perfeito*). *6* — Na Maçonaria de Adoniramita: Graus 5º., 6.º (*Eleito de Perignão*), e 7º. (*Eleito dos Quinze*).

ELEITO DOS NOVE. Graus 5.º da Maçonaria Adorinamita, e 6.º do Rito Escocês Primitivo.

ELEITO DOS QUINZE. Grau 7.º do Rito Escocês Primitivo e grau 10.º do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Obras protegidas por direitos de autor

ELEITOS. Títudo genérico dos quatro graus templários que constituem o 2.º capítulo do Rito dos Escoceses Fiéis.

ELEMENTOS. Substâncias usadas nas provas simbólicas iniciatórias: terra, água, ar e fogo.

ELEVAÇÃO. Promoção de um maçom a um grau superior; se a elevação envolve uma espécie de glorificação, é geralmente denominada *exaltação*. Ex.: O Aprendiz é elevado ao grau de Companheiro, e êste é exaltado ao grau de Mestre maçom. Como na admissão, toda elevação ou exaltação depende da aprovação da Loja, por escrutínio secreto. (Cf. *Admissão.*)

EL HANAN (do hebraico *El*, Deus + *Hanan*, graça, dádiva, misericórdia). No Rito Escocês Antigo e Aceito: *1* — Nome de um dos primeiros Arquitetos, esculpido numa das nove arcadas que sustêm a abóbada dos *Cavaleiros do Real Arco*, grau 13.º. *2* — Segunda palavra de passe dos Grandes Escoceses da abóbada sagrada de Jacques VI, grau 14.º. *3* — Palavra de passe no grau 5.º do Rito Francês ou Moderno. (Cf. 2 *Samuel* 21:19; I *Crôn.* 11:26 e 20:5.)

ELIAH (*Deus excelsus*). Nome de um dos primeiros arquitetos, esculpido sobre uma das nove arcadas que sustêm a abóbada dos templos dos *Cavaleiros do Real Arco*, grau 13.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. É corrutela do Elijah bíblico, ou Elias.

ELIAL. Veja se *Ohoiiab.*

ELIAZAR (do hebraico *Eliezer*, ajuda a Deus) (*Gên.* 15:2; *Êxodo* 18:4). Personagem bíblico representado por um dos Vigilantes da Loja de Chefes do Tabernáculo, grau 23.º do Rito Escocês Antigo e Aceito. (Cf. *Eleazar.*)

ELIEL (do hebraico El, Deus + Iel, força; força de Deus (1. *Crôn.* 11:46). *1* — Palavra de passe dos Templários *Kadosh*. *2* — Também substituida por *Elohai*, é a primeira palavra de passe dos Cavaleiros da Águia Negra, grau 38.º da 7.ª classe da 2.ª série filosófica do Rito de Misraim.

ELIO. Título do grau 6.º dos Mitríades.

ELLAH ou ELAH (Juramento, imprecação em hebraico; *Gên.* 36:41; I *Reis* 16:8). Palavra de reconhecimento que se pronuncia ao dar-se o toque, entre os *Comendadores do Oriente*, grau 42.º da 8.ª classe e da 2.ª série, do Rito de Misraim.

ELOAH (fem. de *El*, pl. *Elohim*). *1* — Um dos grandes nomes femininos de Deus, gravado na quarta das pedras preciosas que adornam a vestimenta do sumo sacerdote, segundo instrução

Obras protegidas por direitos de autor

dos *Grandes Arquitetos de Heredom,* grau 6.º do Escocismo Reformado. *2* — Palavra de passe dos Supremos Conselhos dos Soberanos Príncipes do grau 82.º do Rito de Misraim. (Cf. *Elohim.*)

ELOHAI. Veja-se *Eliel* — 2.

ELOHIM, heb., pl. de *Eloah. Deuses* ou *Construtores. 1* — Plural de *El,* "Ser dos Sêres", Deus, ou do nome feminino Eloah, *ALH,* formado pela adição da desinência plural comum *im,* que é uma terminação masculina, e traduzido na Bíblia por *Deus* ou *Senhor Deus.* Os hebreus chegam a designar por este nome as fôrças criadoras do Cosmo, do qual o Deus inefável é o Chefe ou Centro. Correspondem aos Devas Prajâpatis e *Dhyan Choans* dos hindus. São os construtores ocultos do mundo, sob as ordens do Grande Arquiteto do Universo. *2* — Um dos Grandes nomes de Deus, gravado num dos emblemas de recepção dos *Escoceses* (5.º) do Rito Moderno ou Francês. (Cf. *Eloha; Elaum.*)

ELOHISTA ou ELOISTA. Designativo dado pelos críticos ao presumido autor ou autores da primeira parte do *Pentateuco,* em que Deus é designado pela palavra *Elohim,* para distingui-los dos *Jehovistas,* que dão a Deus o nome de *Jehovah.*

ELOUM (*Dii*); corrutela de *elohim.* Um dos grandes nomes de Deus, esculpido sobre uma das doze pedras preciosas que adornam a vestimenta sagrada do sumo sacerdote, segundo a instrução dos *Grandes Arquitetos de Heredom,* grau 6.º do Escocismo Reformado (Cf. *Peitoral, 2.*)

EMANUEL, "Deus seja convosco". Palavra de passe e de reconhecimento em muitos graus de vários Ritos e especialmente do grau de Rosa-Cruz.

EMBLEMAS ENCÍCLICOS. Circular que um Grande Oriente dirige às Lojas ou uma Loja a seus membros.

EMENOTH HUR CAN (em hebreu, *Verdade, Liberdade* e *Céu*). Trinômio inscrito nas tabuinhas que fecham a caixinha misteriosa que está sobre o altar da Verdade ou do Fogo, nas Lojas de Mestra Perfeita, grau 4.º do Rito de Adoção, a par da palavra grega *Eubolos* (Prudência).

EMETH VEEMOUNA ou VEERMOURA, heb., *Verdade e Firmeza.* Palavra de passe dos Supremos Conselhos Gerais dos Soberanos Príncipes *Grão-Haram,* grau 73.º do Rito de Misraim.

EMETZ (Fortaleza). Palavra de passe do Soberano Tribunal dos Príncipes do grau 79.º do Rito de Misraim.

Obras protegidas por direitos de autor

ENAK ou *Anak*. *1* — Têrmo equivalente a *Enok* ou *Enoch*, o patriarca que, segundo a Bíblia (*Gên.* 5: 24, foi arrebatado ao céu, e segundo a Kabala e ritual maçônico, foi o primeiro possuidor do *Nome Inefável*. *2* — Na *Bíblia*, nome de uma raça de gigantes muito valorosos, descendentes de Arba, fundador da cidade de Hebron. (Cf. *Núm.* 13:33 e 34; *José* 21:21 e 22; 15:13 e 14.

ENOCH ou ENOQUE. Nome de um Rito também chamado do Irmão Enoch ou Henoch, fundado em 1773 e composto dos quatro graus seguintes:

1 — *Peão* ou Aprendiz.	Objetivo:	Amizade, Beneficência.
2 — *Obreiro.*	"	Fidelidade ao Soberano.
3 — *Mestre.*	"	Submissão ao Ser Supremo.
4 — *Arquiteto.*	"	Perfeição nas virtudes.

ENXADA. Uma das três ferramentas de que se serviram os Grandes Eleitos Perfeitos e Sublimes Maçons para, segundo a lenda, descobrir e levantar a pedra quadrangular que cobria a entrada das abóbadas de Enoque, a fim de abrir caminho que conduzisse à abóbada sagrada após a construção do templo, e dessobstruir o pedestal que se achava enterrado ali.

ENXADÃO. Nome convencional dado aos garfos, na linguagem usada nos banquetes dos três primeiros graus da Maçonaria Azul.

EPOPTA, gr. *Epoptes*, "vidente". Nos antigos Mistérios Eleusinos, da Grécia, era o Iniciado que havia passado pelo último grau de iniciação. (Cf. *Misto; Mistérios.*)

EPOPTEIA, gr. Nos antigos Mistérios, era a terceira e última etapa dos sagrados ritos: a revelação, recepção dos segredos. Em essência, significa o estado de *Samádhi* (contemplação, êxtase) dos hindus; aquele grau de clarividência divina em que a visão terrena cessa, paralisa-se, desaparecendo tudo quanto pertence à terra, e a alma se une livre e pura ao seu Espírito ou a Deus. Todavia, o real significado desta palavra é "superintendente, supervisor, inspetor, vigilante, mestre de obra (*I. Cor.* 3:10), equivalente ao sânscrito *evâpta* (Blavatsky, *Isis sem Véu*, II, 90-91, ed. ingl.) Neste rol se incluem os grandes profetas bíblicos, como Elias, Isaías, Ezequiel e Daniel, e os apóstolos como S. João Evangelista e S. Paulo, como, também, outros iniciados Videntes não aceitos pela Igreja, como Jacó Boehme e Manuel Swedenborg.

Obras protegidas por direitos de autor

Na Maçonaria simbólica o 3.º grau (Mestre) é um pálido e remoto reflexo dessa etapa do desenvolvimento interno individual. (Cf. *O Ôlho Que Tudo Vê.*)

EQUES. Nome do primeiro ponto do grau 9.º do Rito da Estrita Observância e do grau 11.º do Rito de Arquitetos da África.

EQUES PROFESSUS. Nome do grau 7.º do Rito da Estrita Observância, adicionado pelo Barão de Hund, de 1763 a 1770.

EQUINÓCIOS (do latim *aequinoctiu* = *aequus*, igual + *nox*, noite). Pontos da órbita da Terra ao redor do Sol, em que a inclinação polar forma ângulo reto com uma linha traçada entre a Terra e o Sol, resultando, nessa ocasião, ser igual a extensão do dia e da noite em todas as regiões terrestres. Isto ocorre em dois pontos da eclíptica terrestre, chamados, no hemisfério norte, respectivamente, Equinócio Vernal, quando o Sol entra no signo de Aries em 21 de março, e Equinócio Outonal, quando entra no signo de Libra em 22 de setembro. Também se diz, popularmente, que é a ocasião em que o Sol corta o equador, em sua marcha do hemisfério sul para o norte (Primavera), e em seu regresso do hemisfério norte para o sul (Outono). Esse período tem sido simbolicamente representado, desde a mais remota antigüidade, por mitos e lendas religiosas e maçônicas, cultuando-se então a morte e glorificação de deuses, heróis ou instrutores, entre os quais está Hiram Abiff. O nascimento deles era e é comemorado por ocasião do solstício do inverno: 25 de dezembro para o hemisfério norte. A data de sua morte não é fixa como a do seu nascimento, pois é celebrada segundo as posições relativas do Sol e da Lua no equinócio da primavera, as quais variam cada ano. A morte de todos os Heróis Solares era celebrada nesta época (25 de março ou próximo). Os capítulos Rosa-Cruz celebram solenemente a data do Equinócio Vernal em data mais ou menos coincidente com as comemorações da morte de Cristo. (Cf. *Sol; Solsticiais, Festas; Solsticios.*)

ERA MAÇÔNICA. Começa em março ou julho, acrescentando-se 4 000 anos ao ano vulgar. Baseia-se na concepção bíblico-judaica da idade da criação do mundo. (Cf. *Ano Maçônico; Calendário.*)

ERA VULGAR. Era cristã.

ESCADA. *1* — Tal qual a escala, é um símbolo relacionado ao mesmo tempo com a Evolução e a Iniciação. É também uma aplicação de elementos astrológicos (exotéricos), e como

Obras protegidas por direitos de autor

tal, contribui certamente na elaboração dos esquemas caldeus de templos com andares ou câmaras, onde cada degrauzinho, com seu colorido próprio, correspondia a um dos sete planetas da antigüidade. As três marchas simbólicas no Templo maçônico (em escala ascensional de 3, 5 e 7 passos) conduzem ao Oriente, ou ao assento do Venerável da Loja. (Cf. *Marcha*). *2* — Na *Maçonaria de Adoção* aparece como emblema das relações invisíveis e incessantes, existentes entre o céu e a terra. No grau de Mestre, possui dois lanços de cinco degraus cada um; os lanços representam o amor a Deus e ao próximo, e os degraus, as virtudes que aproximam o homem de Deus: *candura, clemência, franqueza, temperança* e *discrição. 3* — Entre os *Kadosh,* grau 30.º, é a *Escada Misteriosa,* com dois lanços ligados na parte superior, e de sete degraus cada um. O lanço da direita simboliza o *Amor a Deus,* a Quem se tem de subir pelos degraus das Virtudes, que são: *Justiça, Pureza, Doçura, Força, Trabalho, Paciência* e *Prudência.* O lanço à esquerda simboliza o *Amor ao próximo,* ao qual se tem de descer servindo pelos degraus da Ciência: *Astronomia, Música, Geometria, Aritmética, Lógica, Retórica* e *Gramática.* (Cf. *Escada de Jacó.*)

ESCADA DE CARACOL ou EM ESPIRAL. Lenda do 2.º grau simbólico maçônico, alegoricamente baseada no relato bíblico (I *Reis* 6:8) que diz: "A porta da câmara do meio estava à banda direita da casa, e por caracóis se subia à câmara do meio, e da do meio à terceira." Não obstante haver-se materializado bastante esta lenda, não é difícil atinar-se com o seu sentido esotérico, parabólico. Significa pura e simplesmente que a evolução em geral não se desenvolve numa progressão retilínea constante, matematicamente invariável, mas por etapas, em ciclos ascendentes ou em espiral cujas volutas vão se alargando cada vez mais até se confundirem com o infinito. Teoricamente, candidato é quem busca incessantemente mais e mais luz, e cada cerimônia iniciatória visa satisfazer-lhe essa aspiração, passo a passo, em sua escalada ascensional do grau inferior para o superior, simbólica de seu progressivo auto-aperfeiçoamento. Pode-se figurar esse fato, graficamente, por uma penosa e dramática marcha feita de avanços e recuos, de quedas e ascensões, de derrotas e triunfos, porém por um vitorioso coroamento final de seus esforços, através, alegoricamente, de uma "escada em caracol". que no caso do Companheiro (2.º), termina na Câmara do Meio, onde recebe "os seus salários". Sobre este simbolo comenta o Dr. Mackey: "A formosa escada de caracol deve ser estudada unicamente

Obras protegidas por direitos de autor

como um símbolo, pois se tentarmos estudá-la como um fato histórico, depararemos que são tão absurdos os seus detalhes, que nela não poderia crer nenhum homem de bom senso. Seus autores não intentaram fazer-nos crer nesta loucura. Ao apresentar-nos esta lenda como um mito filosófico, não poderiam supor que nós iriamos passar por cima de seus sublimes ensinos morais, para aceitar a alegoria como uma simples narração histórica, sem significado algum e totalmente irreconciliável com os ánais das Escrituras. Seria um absurdo pensarmos que, no estreito recinto do templo, se pudesse pagar semanalmente oitenta mil trabalhadores." (Cf. *The Symbolism of Freemasonry, Mackey,* p. 226); *Evolução; Marcha.*)

ESCADA DE JACÓ. "E Jacó sonhou: e eis que uma escada era posta na terra, porque o sol era posto; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela; e eis que o Senhor estava em cima dela" (*Gên.* 28:12, 13). A escada mística vista por Jacó simboliza singelamente o ciclo involutivo e evolutivo da vida, em seu perpétuo fluxo e refluxo, através de nascimentos e mortes, a desdobrar-se em hierarquias de seres, potestades, mundos, reinos de vida e raças. Segundo as tradições maçônicas, a escada com esse significado consta de catorze degraus; nos mistérios persas e indostâmicos ela tinha grande importância, e por isso em seus templos se erigia uma escada de sete degraus, correspondentes também às sete cavernas iniciatórias. Mas em realidade seus degraus são tantos quantas são as virtudes necessárias ao aperfeiçoamento individual, e das quais as três principais são a Fé, a Esperança e a Caridade, ali simbolizadas pela Cruz, a Âncora e o Cálice. Criam ainda os antigos iniciados que a evolução da Alma se operava numa série de sete globos, entre os quais se citavam Saturno, Mercúrio, Vênus, Júpiter, Marte, Lua e Sol. Assim, a chamada escada de Jacó tinha e tem múltiplas implicações e correspondências, e sua presença na Maçonaria nos recorda perpetuamente a universal lei da evolução e a existência de poderosas hierarquias cooperando maravilhosamente na sua execução através de milênios de milênios. (Cf. *Escada; Evolução; Marcha.*)

ESCADA MISTERIOSA. É como se denomina as escadas nas cerimônias dos *Kadosh* (30.º). (Cf. *Escada* — 3.)

ESCADA SUBLIME. Título do grau 52.º do Rito de Mênfis.

ESCLARECIDO E PERFEITO IRMÃO. Título dos Vigilantes do moderno R. ∴ C. ∴

Obras protegidas por direitos de autor

ESCOCÊS. Denominação de Ritos da Maçonaria, que vulgarmente os maçons pouco instruídos confundem numa só denominação. São sete os Ritos chamados Escoceses, a saber:

1.º — *Rito Escocês Antigo e Aceito*, em 33 graus, adotado pela Grande Constituição de 1786, sob os auspícios, diz-se, do rei da Prússia, Frederico II.

2.º — *Rito Escocês Filosófico*, em 18 graus, também denominado *Loja Mãe* Escocesa de Marselha, onde foi fundado no ano de 1750.

3.º — *Rito Escocês Filosófico*, em 15 graus. Foi fundado em 1776 pelo irmão Boileau, na Loja *Contrato Social*, de Paris.

4.º — *Rito Escocês Primitivo*, em 25 graus. Foi fundado em Paris em 1758, pelo chamado Conselho dos Imperadores do Oriente e Ocidente.

5.º — *Rito Escocês Primitivo, em 10 graus.* Foi fundado em 1769 pela Loja *Filadelfus*, de Narbona, França. Sua organização dividia-se em três classes e os graus em vários pontos, sendo que os da terceira se denominavam *Capítulos.*

6.º — *Rito Escocês Primitivo*, em 33 graus. Foi fundado em 9 de fevereiro de 1770, pela Loja *Boa Amizade*, de Namur, Bélgica.

7.º — *Rito Escocês Reformado*, em 7 graus. Derivou-se do que fora fundado em 1743 pelo Marquês de S. Martin, sob a denominação de Rito Martinista, e espalhou-se muito pela Prússia e Alemanha.

ESCOCÊS DE HIRAM. Título do grau 17.º da nomenclatura da Universidade, também denominado *Mestre Vermelho.*

ESCOCÊS MAÇOM. *1* — Grau 5.º dos maçons livres da Inglaterra. *2* — Um dos graus da nomenclatura da Universidade.

ESCOCÊS TRINITÁRIO. Grau 14.º do Rito de Misraim, e 26.º do Rito Escocês Antigo e Aceito, que também se intitula *Príncipe da Mercê.*

ESCOCESA. Nome genérico dado à Maçonaria que adota o Escocismo ou os Ritos escoceses, bem como a muitas grandes Lojas e graus da Maçonaria das Damas e Rito de Adoção.

ESCOCESES. Título genérico aplicado aos maçons que adotam o Escocismo.

ESCOCISMO. *1* — Nome dado ao conjunto dos graus, ritos e sistemas originários da Escócia ou derivados de Ritos Escoceses. *2* — Sistema baseado no aperfeiçoamento maçônico pelos altos graus.

Obras protegidas por direitos de autor

ESCOCISMO REFORMADO. Ordem de dez graus e dois templos atribuídos ao Barão de Tshoudy (1776). (Cf. *Tschoudy, N.*)

ESCREVER. Na linguagem simbólica da Maçonaria, corresponde a *traçar, gravar, burilar, desenhar,* etc.

ESCUDO. *1* — Uma das antigas armas defensivas, adotada pela Maçonaria como símbolo de Inviolabilidade e Prudência. *2* — Emblema da ciência heráldica ou do brasão, que aparece na Maçonaria para simbolizá-la entre as demais instituições humanas e à simples vista representar os diversos graus.

ESFERA. *1* — Emblema maçônico de regularidade e sabedoria. *2* — As duas esferas colocadas cada qual sobre uma das duas colunas que se erguem à entrada da Loja, representam as esferas terrestre e celeste, cujo conhecimento é ali franqueado aos iniciados. *3* — Entre os franco-maçons também alude à extensão universal da sua Sociedade e da caridade que lhes cabe praticar. *4* — No grau de Companheiro são as duas esferas tomadas como símbolos das ciências, em substituição às granadas entreabertas que adornam o capitel das duas colunas solsticiais dos templos de Aprendiz. *5* — Com igual significado figuram nos templos dos Mestres Perfeitos, ou 4.º do Rito Filosófico Francês, sobre o capitel das colunas que os adornam, e aparecem bordados no seu avental distintivo. (Cf. *Estudos.*)

ESFINGE. *1* — Em seu livro *Histoire de la Magie,* P. Christian apresenta a seguinte teoria, baseada em parte na imensa autoridade de Jâmblico, grande Iniciado neoplatônico dos séculos III e IV:

"A Esfinge de Gizeh, diz o autor do *Traité des Mystéries,* serviu de entrada às sagradas câmaras subterrâneas, em que o iniciado era submetido às provas. Esta entrada, obstruida atualmente pela areia e entulhos, pode ainda se traçar entre as pernas dianteiras do colosso agachado. Era primitivamente fechada por uma porta de bronze, cuja mola secreta poderia operar somente por meio de Magia. Guardada pelo respeito público, uma espécie de temor religioso mantinha sua inviolabilidade melhor do que o teria feito qualquer proteção armada. No interior da barriga da Esfinge havia galerias, que conduziam à parte subterrânea da Grande Pirâmide. As galerias estavam tão artísticamente desenhadas em linhas cruzadas ao longo de todo o seu curso para a Pirâmide que ao fazer a passagem sem um guia através desta rece, a gente segura e inevitavelmente retornava ao ponto de partida."

Obras protegidas por direitos de autor

Infelizmente, a referida porta de bronze não pôde ser encontrada, nem há qualquer evidência de haver existido. Os séculos decorridos e mãos sacrilegas e ignaras causaram muitas transformações e depredações no colosso, e a abertura original pode ter sido fechada por numerosas inundações de água, areia e entulhos.

E H. P. Blavatsky a define: "Eis a imperecível testemunha da evolução da Raça Divina e principalmente da Andrógena: a Esfinge egípcia, esse enigma dos séculos!" (S. D. II, p. 131).

Em torno da Esfinge se têm criado muitas lendas, das quais muito conhecida é a inventada pelos gregos para exaltar a sabedoria de Édipo, e que se resume na seguinte: "Uma Esfinge, a meio caminho de Tebas, propunha enigmas aos viandantes e devorava os que não os adivinhassem, e propôs este a Édipo: *Qual é o animal que anda sobre quatro pés de manhã, sobre dois ao meio-dia, e sobre três à noite?* Édipo lhe respondeu: *É o homem, pois ele se engatinha quando criança, caminha eréto quando adulto e anda apoiado a um cajado quando velho.* E termina a lenda: "O monstro, furioso, precipitou-se no mar". Mas acontece que o "monstro" continua em realidade calmo, no mesmo lugar, e sem devorar ninguém! Temos, pois, de procurar uma outra resposta ao enigma, e encontramo-la recorrendo à filosofia pitagórica sobre o valor dos números. A soma de 4+2+3 são 9, que é o valor natural do homem e também dos mundos inferiores. O 4 representa o homem ignorante, dominado pelo Quartenário, a sua natureza inferior; o 2, o homem intelectual, ainda em luta com a dualidade de sua natureza, e o 3 o triângulo, o equilibrado homem espiritual. O primeiro representa o estado infantil da humanidade, cuja vida mais se aproxima à dos quadrúpedes, por ser escrava dos instintos, desejos e emoções; o segundo, a humanidade adulta, cuja mente, mais lógica e reflexiva, já controla e dirige as suas emoções e pensamentos, e orienta os seus passos; e o terceiro, a humanidade espiritual, intuitiva, cujo triplo poder da vontade, amor e inteligência atua livremente. Portanto, a quadriforme e androgéna Esfinge é o mistério da Natureza, a incorporação da doutrina secreta, a desafiar as faculdades latentes no homem; e todo aquele que não pode resolver o seu enigma, perece.

A Esfinge permanecia ali como vigilante Guardiã do portal do Templo, a Grande Pirâmide; o candidato transpunha o portal pisando no seu quadrilátero superposto pela porta triangular, e com seus passos regulares se aproximava da câmara interna ou santuário. Passar, pois, pela Esfinge é ingressar

Obras protegidas por direitos de autor

nos mistérios e atingir a imortalidade espiritual. 3 — Maçonicamente, o 4 significa o pisar candidato sobre o quadrilátero na porta do Templo (domínio de sua personalidade), enfrentar as quatro provas morais dos elementos terra, água, ar e fogo do Aprendiz; o 2 ou o Esq. (metade do Quad.) alude às provas intelectuais da Ciência e Artes, ou Religião e Filosofia do Companheiro, e o 3 ou o Comp. sobre o Esq., representa os superiores poderes espirituais do Mestre Construtor do seu próprio santuário. (Cf. *Harmachis; Pirâmides.*)

ESMOLER. Nome dado às vezes ao irmão hospitalar no Rito Escocês.

ESOTERISMO (Grego *esoterikos*, "interno"). Doutrina que se oculta à generalidade das pessoas e se revela apenas aos iniciados, em contraposição à *exotérica* (externa e pública). Transcendendo a formas e dogmas, pode, por sua universalidade essencial, conciliar os múltiplos e aparentemente divergentes aspectos da Verdade. É o conhecimento direto da Verdade, acessível aos moral e intelectualmente preparados, e adquirível por meio do estudo dos símbolos e alegorias, meditação no seu significado interno, intuição e realização das instruções recebidas. Tem se generalizado a aplicação desse termo aos estudos preparatórios para o esoterismo, porém este é o sentido mais profundo das coisas, que escapa à compreensão superficial dos não-iniciados. Como se vê pelas palavras de Cristo a seus discípulos, Seus ensinos também tinham uma parte oculta e outra pública: "... Porque a vós vos é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é isso dado... Por isso lhes falo em parábolas, porque vendo, não vêem; e ouvindo, não ouvem, nem entendem." (*S. Mat.* 13:11 e 13.) (Cf. *Exoterismo; Mistérios; — Cristãos.*)

ESPADA. *1* — Acessório muito usado nas cerimônias maçônicas, geralmente como símbolo do poder e autoridade, e emblema dissipador das trevas da ignorância. *2* — Nas reuniões de banquetes, é a denominação que se dá à faca. (Cf. *Adaga.*)

ESPADA e TROLHA. V. Templo de Zerubabel; e *Trolha.*

ESPADA FLAMÍGERA. A que tem lâmina ondulada, qual língua de fogo serpentino. É usada pelo Venerável como símbolo do poder criador do G. ·. A. ·. D. ·. U. ·., ou da vida de C. D. T. O. V. M., que ele representa. Ao seu triplo tinir com os golpes do malhete (símbolo da autoridade de que o Venerável se acha investido pela Constituição maçônica), é o recipiendário iniciado e admitido nas fileiras da Ordem. Em alguns países latinos é também usa-

Obras protegidas por direitos de autor

da pelo Cobridor, que assim guarda o Templo qual querubim a "guardar o caminho da árvore da vida" (*Gên.* 3:24).

ESPAGIRIA. Designação antiga da Química ou da Alquimia. (Cf. *Maçonaria Espagirica.*)

ESPANHA. Os dados positivos da organização da Maçonaria na Espanha datam de 15 de fevereiro de 1728, quando o Duque Filipe de Wharton, maçom inglês, delegado do Grão-Mestre da Grande Loja da Inglaterra, achando-se em Madri, fundou ali a primeira Loja, denominada *Matritense.* Em 1738, à vista do animador e crescente progresso das Lojas no sul do país, Lorde Lovell, então Grão-Mestre da Inglaterra, nomeou Jacó Commorford Grão-Mestre Provincial da Andaluzia. Mas logo em 1740 o Rei Filipe V resolveu coadjuvar a bula de 28 de abril de 1738 do Papa Clemente XII contra os maçons, e publicou um édito contra a Ordem, de que resultou uma tenaz perseguição, encarceramento e tortura de maçons espanhóis. Esse passo infeliz, agravado pela presença e atividades do Santo Ofício, que teve em Espanha, durante séculos, um dos seus mais ferrenhos redutos, marcou o início de uma longa e interminável série de vicissitudes e de perseguições ou triunfos da Maçonaria naquele país. Em 1780 as Lojas então existentes, e sob a chefia do Conde de Aranda, separaram-se da obediência da Grande Loja da Inglaterra e constituíram-se em Grande Oriente Independente. Em 1789 Aranda foi sucedido pelo Conde de Montijo, considerado menos hábil que o seu antecessor, e a Maçonaria entrou numa fase de decadência, sendo envolvida numa nova onda de perseguições, com torturas e prisões de maçons, até que, em 1808, Napoleão I fechou a Inquisição na Espanha. Desde então e graças à nova constituição politica inaugurada em 1812, a Maçonaria espanhola entrou num período de relativa tranqüilidade, até que em 1821 o general Dom Rafael del Rigo sucedeu ao Conde Montijo no Grão-Mestrado, que passou, em 1824, para o infante da Espanha, Dom Francisco de Paula Borbom. Daí em diante se interrompeu a sucessão de Grãos-Mestres, por haver-se desorganizado o Grande Oriente como corpo disciplinado, seguindo-se logo após um novo ciclo de perseguições ou triunfos, já que os valorosos Irmaos espanhóis não se esmoreceram em seus esforços e espírito de sacrifício, que a muitos lhes custaram a própria vida. Finalmente, o triunfo, em março de 1939, do general Francisco Franco sobre o novel governo republicano, e sua conseqüente ascensão a chefe da Espanha, cerraram as portas da Maçonaria naquele país.

Obras protegidas por direitos de autor

DICIONÁRIO DE MAÇONARIA

Joaquim Gervásio de Figueiredo

Neste dicionário, o Maçom terá uma fonte condensada e cristalina de informações sobre a sua Arte, e o investigador profano poderá obter uma visão mais justa e completa da Maçonaria, em torno da qual seus desafetos gratuitos têm levantado as mais falsas, absurdas e torpes acusações.

Durante os últimos dois séculos e meio, que marcam a era da Maçonaria especulativa, cresceu e diversificou-se tanto a cultura geral do mundo, e ampliou-se de tal modo a literatura maçônica, que um Dicionário moderno, cioso de prestar informes autênticos e imparciais, não pode ignorar esse progresso iluminador. Ao contrário, tem que o admitir e registrar, e mesmo adaptar-se, se o que realmente visa é ser um órgão informativo verídico e atualizado. É isto que o estudioso desde logo verá nestas páginas.

Na Maçonaria subsistem três fatos capitais que ninguém mais pode ignorar: 1º) a sua remota origem nos famosos Mistérios que constituíram outrora a glória do Egito, da Grécia, da Pérsia, da Assíria, da Palestina, de Roma e de outros centros culturais de importância; 2º) a introdução de muitas alegorias, lendas e personagens bíblicas em seus ritos, cerimônias e histórias; 3º) o sentido mais místico-filosófico do que histórico de seus ensinamentos tradicionais.

Daí por que o Dicionário registra com grande relevo essa parte e a enriquece de citações de textos, e ao mesmo tempo mostra o grau de parentesco da Maçonaria com os maiores monumentos filosóficos e religiosos que já empolgaram ou ainda empolgam os povos civilizados.

Uma valiosa particularidade deste Dicionário, com o intuito de cultivar no Maçom o espírito de estudo comparativo dos ritos, cerimônias e alegorias de sua Ordem, e mesmo de outras tradições religiosas ou filosóficas correlatas, foi a adoção de indicações remissivas no fim do verbete, quando julgadas úteis ou necessárias.

Outro fato, que neste fim do século XX todos têm de reconhecer, é a feliz e eficiente atuação que o elemento feminino tem exercido na Maçonaria, principalmente continental, desde o século XVIII, bem como a crescente e brilhante influência e atuação que a mulher vem exercendo nos mais conspícuos setores de atividade no mundo — na política, na ciência, na filosofia, na arte e no espiritualismo em geral, na guerra e na paz, assim como na administração pública e nas organizações sociais mais diversas. Por isso, e por ser mais que justo, este Dicionário consigna um verbete de certa amplitude (não tão grande quanto mereceria) à *Maçonaria Feminina*.

Trata-se, pois, de um livro que, sem dúvida, será bem acolhido por qualquer estudioso sedento de conhecimentos sérios.

ISBN 85-315-0173-3

EDITORA PENSAMENTO

Obras protegidas por direitos de autor